

MÍDDIAN MEIRELES



O herdeiro

PLANEJADO

do CEO

Grego



O herdeiro
PLANEJADO
do CEO
Grego

MÍDDIAN MEIRELES

1ª EDIÇÃO

2022

Copyright © 2022 MÍDDIAN MEIRELES

Todos os direitos reservados à Míddian Meireles. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Essa obra foi escrita e revisada de acordo com a Nova Ortografia da Língua Portuguesa. O autor e o revisor entendem que a obra deve estar na norma culta, mas o estilo de escrita coloquial foi mantido para aproximar o leitor dos tempos atuais.

ÍNDICE

[ÍNDICE](#)

[SINOPSE](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[EPÍLOGO](#)

[LEIA TAMBÉM](#)

[PRÓLOGO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

[OUTRAS OBRAS](#)

RECADINHO
REFERÊNCIAS

SINOPSE

Ela quer ser mãe solo.

Ele quer ser o pai do seu bebê!

Um acordo.

Um contrato.

E um segredo que pode colocar tudo a perder... tanto a paixão que os move, quanto a amizade que construíram.

Nikolaos Galanis é o CEO da *Galanix+*, o maior serviço de streaming do mundo. Implacável nos negócios, mas reticente ao assumir os sentimentos por sua melhor amiga, pois ela se recusa a aceitar a atração que sentem e não quer misturar trabalho com prazer. Até que uma oportunidade inesperada surge como a chance perfeita de Nikos finalmente conseguir o que tanto deseja: tê-la em sua cama!

Max Black está correndo contra o tempo e seu próprio relógio biológico. Solteira e desacreditada de encontrar o príncipe encantado, a diretora executiva da *Galanix+* toma a decisão mais importante da sua vida:

ser mãe solo através de inseminação artificial. Mas ao contar o plano para seu chefe e melhor amigo, Nikos, ela é surpreendida com uma proposta inusitada: ele quer ser o pai do seu bebê, mas pelos métodos tradicionais!

Depois de tanto tempo resistindo ao charme do grego sedutor, colocando-o na *friendzone* por medo de se apaixonar, Max finalmente cede ao fogo do desejo que a consome e aceita a proposta de Nikos, mas dentro dos seus termos.

Só que Nikos tomou a decisão certa pelos motivos errados e, ao esconder de Max a verdade, acaba colocando em risco a amizade e o amor que descobriram juntos.

Um contrato pode ser a maior aquisição da Galanix+ e a maior perda para o coração do CEO grego!

ATENÇÃO!!!

ESSE LIVRO PODE TE CAUSAR:

GATILHOS, TAQUICARDIA,
SUADOURO EXCESSIVO,
LÁGRIMAS (NÃO ESTOU DIZENDO POR ONDE)
E AINDA POR CIMA FAZER VOCÊ
CRIAR EXPECTATIVAS INALCANÇÁVEIS
SOBRE OS HOMENS DA VIDA REAL.
MESMO DEPOIS DE AVISADA
AINDA ASSIM DESEJA PROSSEGUIR?
SE SIM, PASSE PARA A
PRÓXIMA PÁGINA E SE DELICIE.
MAS DEPOIS NÃO DIGA QUE NÃO TE AVISEI, OK?
É POR SUA CONTA EM RISCO...

PARA TODAS AQUELAS
QUE UM DIA SONHARAM COM
SEU PRÓPRIO CLICHÊ...
COM AMOR,

Míddian Meireles 

AUTORA DE ROMANCES

“Ainda estava em dúvida quanto a sua decisão, mas percebia uma coisa importante: as decisões eram apenas o começo de alguma coisa. Quando alguém tomava uma decisão, na verdade estava mergulhando numa correnteza poderosa, que levava a pessoa para um lugar que jamais havia sonhado na hora de decidir...”

O Alquimista – Paulo Coelho

PRÓLOGO



Contando os segundos para o celular despertar o alarme antes programado, eu mordiscava as pelinhas da unha em uma espécie de tique nervoso, ora olhando para a tela incansavelmente, ora olhando ao redor do banheiro apertado do meu escritório no trabalho. Não era a primeira vez que eu fazia aquilo, não ali, claro, mas era a primeira vez que ansiava por uma resposta positiva.

Eu poderia estar completamente ansiosa — e equivocada — por apressar um teste que tinha tudo para dar negativo, até porque talvez ainda fosse cedo demais para ter uma resposta, ainda assim, aquele detalhe não

me impediu de ir à farmácia para comprar um e muito menos esperar finalizar meu expediente para acabar com aquela dúvida.

Ok, eu sabia que poderia não dar certo, mas alguma coisa tinha mudado e meu coração dizia que talvez não fosse irracional ter tal desconfiança de modo prematuro. Talvez, apenas talvez, eu poderia estar mesmo certa e meu sonho estivesse mesmo a três minutos de se concretizar.

Mesmo com a esperança fluindo em minhas veias, sentia-me em um misto de emoções, já que, embora para mim as coisas tenham começado com um propósito diferente, ou melhor, com um único propósito, ao longo desse caminho os planos poderiam mudar. E não era um maldito eufemismo. Não mesmo.

Tantas coisas mudaram, que eu nem ao menos sabia por onde começar. Era como se existisse uma linha tênue entre antes e depois de tudo aquilo se iniciar. E, definitivamente, tinha, já que a vida de antes parecia tão distante e eu já não sabia dizer como seria assim que o tempo do teste acabasse e eu tivesse a minha resposta.

Quando o alarme soou, fechei os olhos e não consegui fazer mais do que respirar uma e outra vez. Apenas depois de conseguir criar coragem, enfim, encarei o bastão do exame de gravidez com sinal de positivo. Ali,

em minhas mãos, não apenas indicava que eu esperava o filho que sempre sonhei — e planejei —, mas também que se esgotara meu tempo com aquele por quem de modo inevitável me apaixonei.

Era oficial, eu era uma idiota.

Estúpida, um caso de internação e camisa de forças.

Por quê? Porque fiz a última coisa que deveria fazer: me apaixonei.

Mas não por qualquer cara, justamente por ele. *Ele...*

Tão clichê quanto parecia, eu estava apaixonada pelo meu chefe. Aquele que me fez uma proposta quase indecente, diga-se de passagem.

Não apenas apaixonada. Eu o amava loucamente. Estava com os quatro pneus arreados.

Talvez pudesse ser pior, certo? Eu poderia ter me apaixonado por alguém, sei lá, de má índole ou por um cara que não desse a mínima importância para mim. Quem sabe um *gogo boy* ou um astro pornô. No entanto, ele não era nada daquilo, embora pudesse facilmente se passar por um dos dois, porque, convenhamos, lindo do jeito que era, gostoso *pra cacete*, do tipo de cair o queixo, com cabelo escuro bagunçado, o corpo um

tanto pornográfico, sem dúvidas ele deveria ser tão viciante quanto alguma droga que nos tirava o discernimento.

Ali estava eu, tendo mais do que certeza daquele fato.

E a verdade era que eu não tinha ideia de que me sentiria tão devastada por ter de me afastar e voltar à minha vida. Uma que, embora tenha planejado meticulosamente, já não conseguia sequer imaginar, porque não o teria comigo...

CAPÍTULO 1



Sentados no sofá de couro do seu escritório, era uma noite daquelas em que seguiríamos até tarde da noite revisando a papelada em nossas mãos. Sentia-me cansada depois de não apenas um dia, mas um mês exaustivo. Motivo pelo qual fui forçada a reler o mesmo parágrafo mais de uma vez, apenas para ter certeza de que tinha lido as palavras corretamente. Sendo bem sincera, sequer tinha ideia de que tinha assimilado as últimas páginas tamanho cansaço.

Não ajudava em nada o fato de Nikos também demonstrar que se sentia do mesmo modo, já que suspirou pelo que parecia ser a milésima vez

em um espaço de menos de meia hora. O que só confirmava um fato: estávamos esgotados. Embora estivéssemos cientes do fato, erámos *workaholics*, não dávamos o braço a torcer com facilidade. Sermos iguais em se tratando de trabalho e à nossa dedicação para com ele, talvez fosse um dos principais motivos de nos darmos tão bem. O que também era ruim, porque também implicava que erámos teimosos em persistir mesmo quando não avançávamos como deveríamos.

— Isso é uma merda! — Nikos finalmente lançou junto a um exalar forte, jogando a pilha de papéis que carregava à sua frente.

— Algo de errado com a programação sugerida? — eu quis saber, tentando soar o mais profissional possível mesmo diante do cansaço e do fato de vê-lo começar a desabotoar um pouco mais a jaqueta do seu terno, revelando mais uma de suas costumeiras camisas de super-herói. A daquela noite em questão era do *Flash*.

Engoli em seco. Embora aquele tipo de escolha de vestimenta não fizesse muito o meu tipo, eu precisava confessar que aquela coisa meio *nerd* com super-heróis e *Converses*, juntamente com a aura playboy executivo em seus ternos sob medida que ele usava sempre que a agenda de reuniões estava mais relaxada, conseguia o intento de tornar Nikos sexy e quase irresistível.

O que havia me feito resistir a ele no último ano em que trabalhamos juntos estava além de mim. Afinal, o filho da mãe era lindo e gostoso *pra cacete* e, embora eu tentasse arduamente, parecia cada vez mais difícil resistir a Nikos.

E ele é seu chefe, Max!, eu me lembrei, não pela primeira vez. Nem mesmo a primeira naquela noite.

— Nikos? — insisti, quando notei que se manteve calado, um tanto pensativo. Então ouvi um bufar exasperado lhe escapando os lábios carnudos.

Deus... aquela boca continuava tentadora e pecaminosa demais!

Não deveria, mas claro que eu, de certa forma, ainda ficava meio mexida pela sua presença. Afinal, era Nikolaos Galanis, embora soubesse que nada entre a gente poderia acontecer, eu me via no direito de continuar achando-o sexy de qualquer maneira.

Dizer que Nikos parecia um deus seria uma blasfêmia, porque as esculturas dos deuses gregos ou romanos não pareciam nada atraentes diante dele. Fora que eles eram realmente pequenos *lá embaixo* e, do tamanho que Nikos era, eu duvidava muito que ele tivesse problemas naquele departamento, mesmo que fosse grego. Com uma beleza clássica,

ele era bonito de uma maneira puramente masculina. Um nariz com uma leve curvatura, a mandíbula definida e ainda tinha os lábios carnudos.

E quando ele sorria? Ah, Deus, era uma tremenda de uma bofetada libidínosa, o cara tinha as covinhas que deixavam a fileira de dentes brancos perfeitos ainda mais charmosos. E sorrir era uma das coisas que ele mais fazia, para o meu azar. Os olhos eram de um azul claríssimo, como o oceano, que, de acordo com como ele se sentia, escureciam quando ansiosos, e eu podia apostar que deveriam ser irresistíveis quando ele estava apaixonado.

Não que eu quisesse descobrir, claro!

Às vezes — ou quase sempre — eu tinha que me lembrar de que não podia mesmo querer cair em tentação. Mas quem poderia me culpar diante daquilo tudo? Sim, até mesmo as mais santas se veriam tentadas. Fora que ele era carinhoso, atencioso, desde que nos conhecemos sempre fora daquele jeito. Não ajudava em nada o fato de eu ter tido péssimos relacionamentos e nenhum chegar perto de como ele era ou como me tratava.

Quase trinta e cinco anos e nada de interessante na minha vida amorosa. Cheguei a um ponto que comecei a aceitar o fato de que eu não

havia sido feita para aquilo e pelo visto tinha um certo “*charme*” para atrair idiotas.

— Não, nada está errado — Nikos finalmente respondeu, após certa hesitação combinada a lábios retorcidos, e fui forçada a sair novamente dos meus próprios devaneios. — Preciso de uma pausa. Talvez de uma bebida também — o grego rapidamente completou e engoli em seco, inevitavelmente lembrando-me da vez em que estivemos naquela posição, em que o álcool meio que nublou meu senso de autopreservação e quase cometi uma burrada.

E a forma com que os olhos dele se prenderam aos meus, o brilho perverso neles e a dica de um sorriso devasso que apareceu em seus lábios, me dizia que não fui a única que se recordou do acontecimento.

Acontecera um ano antes, em uma noite não muito diferente daquela, e fora justamente quando nos vimos trabalhando juntos com afinco, a fim de dar início à nossa parceria na empresa. Organizávamos uma nova programação, basicamente uma reestruturação completa da plataforma, aprovando novos shows, programas, pilotos de séries, descartando outros, analisando todo o conteúdo e contratos sob sua curadoria.

Em um dado momento da noite, achamos que poderia ser bom bebermos um pouco, em uma tentativa de amenizar o estresse e cansaço, mas acabou com um beijo meio bêbado ao qual tive que pôr fim.

Não que eu não estivesse louca para mais com ele, porque Deus sabia o quanto eu queria, mas simplesmente não podia. Estava em um novo emprego. Um grande cargo na maior plataforma de *streaming* do mundo, a *Galanix +*, e ele recém tinha assumido o cargo de CEO da empresa da sua família.

Eu tinha vindo de outra famosa plataforma com uma proposta quase indecente de tão irrecusável que o herdeiro da família Galanis fizera. E embora eu tivesse iniciado há pouco tempo na posição, ele pareceu impressionado com os resultados que eu havia obtido em pouco tempo como Diretora Executiva na concorrente.

Obviamente me vi lisonjeada de muitas maneiras ao receber a proposta, até porque sempre sonhei com o melhor para mim na indústria. Não apenas ganharia muito mais e teria uma autonomia quase sem limites em minha nova posição, mas especialmente porque o meu novo chefe deixara bastante claro desde o primeiro dia o seu interesse por mim.

Embora tivesse cerca de três anos a menos que eu e fosse filho único de uma família bilionária, Nikos não se encaixava nos estereótipos de caras como ele. Era maduro, extremamente inteligente, de uma competência sem igual. Não era à toa que desde que assumira o comando da *Galanix* + o faturamento triplicara, além de ter melhorado, e muito, a qualidade e sucesso das produções. Tudo tornando muito difícil para a concorrência aproximar-se do seu patamar. E eu não estava falando apenas da sua empresa.

Não mesmo. Ficava difícil qualquer homem competir com o grego. Chegava a ser covardia, porque, como se não bastasse, ele ainda era irritantemente lindo e gostoso, o filho da mãe, o que tornava cada dia mais árdua a minha decisão de manter-me estritamente na zona profissional e da amizade.

A parte de sermos amigos não fora intencional, pelo contrário. No começo, eu queria e tentei muito restringir nosso relacionamento apenas ao trabalho, só que, por passarmos tanto tempo juntos, muitas vezes virando noites em viagens pelo mundo, eventos da indústria e tudo o mais, foi basicamente impossível não nos tornarmos íntimos no nível pessoal.

Nikos também pareceu determinado desde o princípio a não deixar aquilo acontecer e não facilitou nem um pouco para o meu lado. Sua

insistência em fazer mesmo parte da minha vida fez com que eu viesse lutando a cada dia contra a atração que sentia por ele. E mesmo que o fato de negar meus sentimentos por ele por vezes me perturbasse, eu ainda assim não conseguia pensar em viver uma vida que não fosse com ele presente e ao meu lado.

Indubitavelmente Nikos passara a ser meu melhor amigo, o que só me dava ainda mais motivos para repetir para mim mesma o meu discurso de não cair em tentação e ir para a cama com ele.

Resfoleguei, mordendo o lábio inferior enquanto meu coração começava a trovejar no peito. Embora tivesse tentado, não consegui me envolver com ninguém verdadeiramente desde que nos conhecemos, em especial depois de nos beijarmos. Seu beijo estava gravado na minha alma, e a sensação de seu corpo duro contra o meu deixou uma marca inegável. Uma que eu tentava, arduamente, ignorar, e o único flerte que eu vinha tendo era com o meu vibrador rosa, e desde então ele era a única pessoa com quem eu conseguia fantasiar.

— Você deve estar com fome — ele seguiu falando, levantando-se de repente e, após alguns toques na tela do celular, seguiu em direção ao bar, onde serviu para cada um de nós uma bebida. — Pedi aquele macarrão do seu restaurante favorito. Não deve demorar a chegar — completou, antes de

me entregar o copo, que tratei logo de virar de uma só vez, antes que minha boca me traísse e dissesse do que eu gostaria de me alimentar de fato.

Por baixo do embrulho elegante e do sobrenome famoso havia uma alma linda e gentil. O homem dentro do corpo perfeito era quem eu queria de muitas maneiras. Mas o resto dele era apenas fachada, o que me lembrava que eu deveria me manter longe. O que era cansativo de muitas maneiras, porque a gentileza e a atenção que Nikos me doava eram um dos principais motivos de o homem ter um efeito tão letal em mim.

Por ser rico e filho único, era de se pensar que ele não seria daquele jeito, mas não poderia estar mais longe da verdade. Embora tivesse nitidamente um carinho especial por mim, o grego era gentil, educado e atencioso com todos ao seu redor. Encantava qualquer pessoa que passasse pelo seu caminho com seu carisma e o jeito tão dele de ser. Desde o simples zelador, moça do café a grandes executivos e astros da indústria, Nikos era sempre a atração por onde estivesse. Era ele entrar na sala e todas as cabeças se viravam. Ele tinha um carisma, uma aura poderosa que o cercava, que tornava praticamente impossível não se sentir fascinado por ele.

— Sim, isso será bom. Estou faminta — falei, após alguns instantes de introspecção. Mas foi só quando notei Nikos parar o copo a caminho da

boca e o brilho predatório que vi surgir em seus olhos que me toquei que minha frase teve um pouco duplo sentido.

As órbitas azuis caíram para os meus lábios e depois voltaram para os meus olhos com uma fome que não vi antes. O ar entre nós se tornou elétrico e engoli em seco.

Deus, o jeito que ele olhava para mim me deixava completamente em chamas!

— Er... Não lembro bem qual foi a última refeição decente que fiz nos últimos dias — rapidamente completei e, em meio à minha tentativa de encobrir qualquer ambiguidade, acabei confessando mais do que deveria. E, para a minha vergonha, a menção da comida fez minha barriga roncar alto e o rosto arder de tanto que esquentara.

Sim, uma mordaca seria muita bem-vinda!

— Por que faz isso consigo mesma? Já disse que não aceito que fique sem se alimentar direito apenas para trabalhar. Será que tenho que te ameaçar para que isso não se repita? — inquiriu de forma mordaz, as sobrancelhas erguidas, seu tom era frio, quase mortal, e embora tivesse me arrepiado a pele diante a frase igualmente sugestiva, dei de ombros como se não fosse nada de mais ao beber mais um gole, deixando as palavras dele afundarem.

Uma estranha combinação de confiança e ansiedade passou por mim. Eu engoli a sensação junto com o líquido que descera ardendo em minha garganta.

— Sabe como funciona, não consigo pensar em coisas triviais, como comer, quando tenho muito a fazer. Além do mais, meu chefe pode ser exigente. — Fui irônica de propósito e ouvi um bufar exasperado lhe escapando os lábios, mas sua expressão não se aliviou.

Ficar até tarde no escritório, em plena sexta-feira, naquela noite, obviamente fora com intuito de fazer o meu trabalho e também ajudá-lo. Contudo, mesmo que eu estivesse um tanto reticente sobre como reagiria, gostaria de pedir sua opinião sobre algo que pensava em fazer e já estava em meus planos há algum tempo.

Abri a boca e fechei uma e outra vez, sem saber como iniciar aquela conversa, mas fui salva pelo som do telefone fixo da sua mesa tocando, provavelmente o porteiro avisando que a comida chegara.

Por trabalhar com ele já há algum tempo, não deveria me surpreender que tivesse conseguido que seu pedido tivesse chegado tão rápido. Mas o que Nikolaos Galanis, um dos caras mais ricos, bem-sucedidos e um dos maiores solteiros elegíveis não conseguia nessa vida mesmo, hein?

— Vamos te alimentar. — Feliz da vida ele trouxe a comida algum tempo depois e nos sentamos à mesa de reunião no canto da sua sala, uma das únicas superfícies livres ali naquele enorme espaço.

— Vamos, porque, com a micharia que ganho como salário, só posso me dar ao luxo de comer no meu restaurante favorito quando o chefe está pagando. — Eu estava mentindo, e ele sabia, já que rolou os olhos, ignorando-me ao mesmo tempo que passara a me servir, ainda assim parecia muito orgulhoso de si para se preocupar com meu comentário ácido.

Tendo comentado apenas sobre minha massa favorita, Nikos aparentemente se esquecera de mencionar que tinha pedido comida para meia dúzia de pessoas, para dizer o mínimo. Não me incomodei com aquilo, já que estava mesmo faminta e não me importaria de levar as sobras para casa, caso tivesse alguma.

Abri a embalagem com camarões empanados, roubando um deles, e o mergulhei no molho de alho, mordendo-o em seguida. Nikos parecia concentrado em abrir todas os potes restantes, como se para garantir que eu comesse tudo, enquanto eu pegava um pedaço do pão caseiro e em seguida passei a me servir do macarrão pelo qual eu era tão apaixonada.

Fiquei pensando em como iniciar aquela conversa com ele, receando que fosse contra o que eu tinha em mente. Claro que poderia ser possível ele não concordar com a minha ideia, até porque a maioria das pessoas me taxaria de louca, mas ele era meu melhor amigo. Eu não tinha mais ninguém além dele. Queria que me apoiasse.

Quando ele resmungou alguma coisa sobre terem esquecido seu molho *Ranch*, mas ainda assim começou a comer, achei que era minha melhor oportunidade de ter sua total atenção.

— Queria falar com você sobre uma coisa. — Remexi o macarrão, um tanto nervosa, brincando com os camarões no prato, tentando não surtar.

— O que foi? — ele perguntou e, apesar de não ter coragem de encará-lo, eu sabia que, pelo seu tom de voz preocupado, que eu tinha sua total atenção.

— Sabe que estou há dois anos sozinha, né? — Por fim tomei coragem de olhar para ele, que assentiu, estreitando os olhos, desconfiado de como a minha falta de vida amorosa tinha a ver com qualquer coisa. — Quero dizer, já passei dos trinta. Não vai demorar para que eu faça quarenta anos de idade.

Fiz uma pausa, forçando-me a comer mais uma porção da comida para aparentar casualidade, e ele continuou a esperar, antes de eu prosseguir: — Durante muito tempo, renunciei a tudo para fazer faculdade, conquistar meu lugar na indústria, cuidava do meu pai também, mas não deixei de estar aberta a relacionamentos. Só que sinto que o meu tempo passou, Nikos. Meu relógio biológico está apitando. Não posso mais me dar ao luxo de perder os anos férteis que ainda me restam para ficar esperando pelo Príncipe Encantado que pode nunca chegar. — Bufei, pondo o garfo sobre o prato ainda cheio, embora estivesse morrendo de fome, não conseguiria mais comer nada enquanto não colocasse tudo para fora. Estava nervosa demais. — Isso pode nunca acontecer. Diante do meu histórico amoroso, estou começando a ter certeza de que não existe um homem para mim nesse mundo.

A veia da sua testa pulsou e pela primeira vez desde que o conheci Nikos pareceu um pouco sem palavras. E um pouco irritado também. Eu jurava ter visto algo diferente em seus olhos, um brilho que não reconheci, mas achei melhor ignorar. Talvez estivesse sem saber o que dizer, ou muito assustado para perguntar qualquer coisa ou sem fazer a mínima ideia de aonde eu queria chegar com aquela conversa.

— Temos quase a mesma idade, pequena. Eu também sou solteiro, nem por isso estou entendendo o que quer dizer. — Respirei fundo e tomei coragem para dizer de uma vez. Afinal, era melhor arrancar o Band-Aid o quanto antes, para ser menos doloroso.

— Sabe que nós, mulheres, não precisamos necessariamente de um relacionamento, certo? Que podemos ser mães, mesmo sendo solteiras? — Recostei-me contra a cadeira, batucando a unha sobre o tampo da mesa nervosamente e encolhi os olhos, antes de olhá-lo diretamente nos olhos. — Acho que é isso que vou fazer, Nikos. Eu quero um bebê, então serei mãe solo.

CAPÍTULO 2



Diante de mim, era quase como uma zona de guerra, ambos os lados discutindo cláusulas e detalhes legais. Alguns rostos nitidamente entediados, apenas acompanhando quem estava com a bola da vez. Embora devesse, não me importei tanto. Eu os desliguei, focando na janela de onde eu tinha uma vista do horizonte da ensolarada Los Angeles, repetindo os eventos da última noite em minha cabeça em um *looping*.

Não era incomum que Max e eu passássemos horas após o expediente ainda trabalhando. Pelo contrário, fazíamos aquilo com bastante frequência e não me importava em usar meu *workaholismo*^[1] como

emblema de honra e desculpa para passar mais tempo com ela. Na verdade, eu amava fazer aquilo. Gostava de dividir meus momentos com ela, independentemente do motivo, estar ao lado dela era sempre a melhor parte do meu dia.

Trazê-la para trabalhar na *Galanix* + um ano antes fora minha ideia. Primeiro, porque eu estava sempre de olho no que acontecia na indústria cinematográfica e, mesmo sendo considerada “nova” no ramo, Max vinha se destacando na concorrência, o que obviamente já era motivo suficiente para me chamar a atenção.

Segundo, porque quando a encontrei pessoalmente pela primeira vez, vi que por trás dos adjetivos de competência e profissionalismo que a precediam havia uma mulher linda, que me fisgara como nenhuma outra fizera. A partir dali, eu a queria não mais apenas trabalhando comigo, mas também na minha cama.

Claro, o último desejo não acontecera. Ainda. Não por falta de tentativa da minha parte, porque Deus era prova do quanto vinha tentando, mas, sim, porque ela deliberadamente vinha recusando-me. O que era inédito para mim, pois sempre consegui o que ou quem queria. Na verdade, não conseguia me lembrar de uma época em que alguma coisa não era possível para mim.

Não até ela.

Como filho único e herdeiro de uma fortuna inestimável, tudo que eu queria parecia estar a um estalar de dedos de distância. “Não” era uma palavra que não estava em meu dicionário, tampouco era uma que estava acostumado a ouvir. Bem, para tudo tem uma primeira vez e ela foi a minha.

Max Black parecia ser sempre uma exceção em tudo. Não me envergonhava de dizer que assediei-a profissionalmente por um tempo de forma incessável. No começo ela se negou, claro, o que só aumentou o desejo de tê-la em minha equipe, e com a proposta certa ela deu o braço a torcer e veio trabalhar comigo.

Logo no início da nossa parceria, notei rapidamente que ela não era apenas competente e linda, mas também uma mulher incrível em todos os sentidos da palavra. Só que embora soubesse que estava igualmente atraída por mim, ela simplesmente não se permitia aceitar tal fato. Nem mesmo quando em uma noite tivemos o nosso primeiro beijo e achei que finalmente ficaríamos juntos, apenas para me dar um gosto, já que ela se afastou rapidamente antes que fôssemos mais longe.

Deixando-me frustrado e querendo mais.

Muito mais.

A princípio, notei que não seria fácil fazê-la se render ao que sentia, mas vinha sendo muito mais difícil do que imaginei. Naquela noite, ela pediu para que aquilo não se repetisse e que fôssemos estritamente profissionais. Mesmo me matando, respeitei seu desejo. Prometi a mim mesmo que tentaria conquistá-la aos poucos, mas cumpriria a promessa e só daria mais um passo adiante se me permitisse.

Nem mesmo estreitar laços pessoais ela pretendia, tentando sempre deixar as coisas no nível profissional, mas aquilo era demais para mim e, quanto a isso fui implacável, como um mimado e teimoso, não permiti, e antes de que ela se desse conta, erámos como melhores amigos. Amigos que gostariam de ir para a cama com o outro, mas o tipo que falava sobre tudo e não tinha segredo. Talvez não muitos.

Era engraçado, podíamos sentar-nos, beber, comer, viajar, falar sobre tudo e qualquer coisa, mas toda vez que o assunto se direcionava para nós dois, Max se fechava e se tornava uma maldita partida de xadrez, uma cuja próxima jogada eu não sabia decidir. O que era uma merda, quando eu a queria desesperadamente e não sabia o que fazer para mudar nossa situação.

Eu poderia ter qualquer mulher, eu sabia. E por um tempo as tive. O dinheiro. A fama. O *buffet* livre de sexo. Era como eu vivia até então. Mas foi só quando a conheci que notei haver mais. E eu queria aquele “mais”. Conhecê-la foi como encontrar algo que nunca soube estar perdido. Foi como traçar uma linha no papel e não lembrar o que havia antes da sua chegada.

Eu a queria, sem mas.

E já que ainda não tinha feito muitos avanços em convencê-la a nos dar uma chance, há um ano eu basicamente vivia como um monge. Se é que um monge batia punheta como um adolescente cheio de hormônios, mas era a única diversão que eu vinha tendo. Minha época de *Playboy de Hollywood*, como costumavam me chamar, tinha ficado para trás. Até mesmo tentei a coisa do “sexo casual” uma única vez, mas não era como antes. Nada de nirvana, orgasmos ou algo do tipo, apenas eu me sentindo como se tivesse traindo-a, mesmo que não tivéssemos nada oficial. Por isso desde então abracei a monogamia, era apenas eu e minha mão e um sério caso de calos nos dedos e bolas roxas.

O que me aliviava um pouco era saber que eu não era o único a estar sozinho naquele tipo de “relacionamento”, já que Max também não tinha tido tanto divertimento no quarto quanto eu. Não que não houvesse tido

tentativas da sua parte, já que a morena era mais teimosa do que eu e tentara fazer com que alguns relacionamentos fadados ao fracasso dessem certo. Era apenas uma questão de tempo para dar merda ou até que ela admitisse a si mesma que nenhum deles era eu. E, felizmente, sempre chegava o dia de “dar adeus” a mais um babaca que se interpunha em meu caminho.

Não poderia dizer que tinha sido fácil vê-la saindo com outros caras, tampouco imaginar que beijavam, tocavam o que era meu. E embora soubesse que não iria durar muito, era difícil *pra caralho* ignorar o gosto amargo da traição em minha boca ou o fato de apenas enxergar vermelho por ela estar com outro, e não comigo. Ainda assim fui paciente.

Para não dizer um santo.

Mas depois de ontem à noite? Como poderia continuar quieto esperando por ela?

— Acho que é isso que vou fazer, Nikos. Eu quero um bebê, então serei mãe solo. — foi o que ela revelou, pegando-me completamente de surpresa.

A urgência, a necessidade de fazê-la entender que eu era a pessoa certa, aquela que ela não mais esperava, que era comigo que poderia

cumprir seus planos, sonhos, desejos, apenas se intensificou e eu não podia mais esperar.

Depois do que me revelou, tentei argumentar, fazer com que me ouvisse, que faríamos aquilo e tudo mais que quisesse, contudo, Max pareceu envergonhada demais com a confissão e não me deu a chance de dizer qualquer coisa. Apenas partiu, deixando-me completamente atordoado e, quando tentei alcançá-la, era tarde demais.

Embora estivesse extremamente cansado, não tinha conseguido pregar os olhos. Suas palavras. Planos. Tudo me deixando desperto, confuso, ainda sem saber como digerir. Como se já não fosse suficiente a maneira que ela me fazia sentir nos outros dias, com aquele olhar azul hipnótico. Aqueles lábios rosados. As curvas suaves. E o atrevimento.

Achei que dar-lhe um tempo talvez fosse bom para que clareasse os pensamentos e refreasse os impulsos, por isso optei por não aparecer em sua casa. Ainda assim tinha toda a intenção de conversar, deixar tudo às claras, mostrar o que estava bem na sua frente.

E era o que eu faria, assim que terminasse aquilo ali.

Respirando fundo, tentei me concentrar no negócio importante que desenrolava diante de mim, um que eu não podia perder. Embora tentasse

controlar, Max sempre tinha o poder de adular meu foco e muito raramente algo ou alguém conseguia aquele poder de me distrair àquele ponto.

Fazendo uma breve varredura, fiquei aliviado de notar que ninguém pareceu se dar conta de que eu estava completamente alheio ao que falavam. Meus advogados permaneciam impassíveis, enquanto ouviam a parte jurídica do outro lado falar. Odiava aquela parte burocrática, mas sabia que deveria participar e tinha certeza de que sozinhos teríamos muito a discutir quando a reunião chegasse ao fim. E, com sorte, conseguiríamos nos antecipar e discutir nosso próximo movimento, antes que a outra parte o fizesse primeiro.

Há meses tentávamos um acordo para comprar um dos maiores e mais tradicionais estúdios de Hollywood. Não que a *Galanix* + precisasse de mais um estúdio, mas a verdade era que compra dele renderia não apenas uma imensa franquia para o nosso catálogo, mas também o direito de distribuir grandes títulos e parcerias na indústria.

Mesmo que não precisasse, dado o tamanho do império bilionário da minha família, aquisição de novas empresas meio que se tornou um esporte para mim nos últimos anos. Eu brincava dizendo que era como escalar montanhas, você começa com as pequenas, até ir para as maiores e, antes

que se desse conta, o *Monte Everest* era fichinha e nem mesmo o céu era o limite.

Homens tinham seus fetiches por carros, iates e aviões, eu os tinha como qualquer outro, mas aumentar meu legado me dava uma satisfação ainda maior e por isso eu adorava investir.

— Talvez devêssemos marcar uma reunião com seu pai — o velho Sr. P soltou, fazendo-me controlar minha vontade de revirar os olhos. — Seu pai entende o que está em jogo, garoto. Ele trabalhou comigo. Não é apenas um negócio qualquer. É uma empresa que é uma família.

— Sim. Estou ciente do fato de que meu pai trabalhou com o senhor quando chegou a Hollywood, Sr. P. — Mordi minha língua, esperando que ele não captasse meu tom condescendente. Se tinha uma coisa que eu odiava era quando não me levavam a sério e me tratavam como um garoto, mesmo que eu estivesse longe de ser um há muitos anos. — *Baba*^[iii] está ciente de toda a negociação e, assim como acreditou veemente em mim ao me entregar o comando de tudo para se aposentar, também apoia qualquer decisão que estou fazendo agora. Aqui também somos uma família, e se tenho uma certeza nessa vida, é que não poderia haver ninguém melhor para comprar a *Parvel* do que nós.

Fiz questão de ressaltar aquilo, embora muito me admirasse que ele viesse usar aquela carta, pois era no mínimo risível, para não dizer bizarro, já que sabíamos muito bem a quantidade de denúncias de assédios e muitos outros absurdos que foram abafados nos últimos anos por eles. Só que o velho era a porra do cara por trás da empresa, e no momento também era o tipo delirante de homem com o qual eu não podia discutir, caso quisesse que o negócio se concretizasse. Não quando ele detinha 51% das ações da *Parvel* e eu queria tudo ou nada. E nada não era uma opção.

— Ok, garoto Galanis, se quer mesmo comprar a *Parvel*, seguiremos adiante com as negociações, mas com os meus termos. — Ele sorriu da outra extremidade da mesa, encontrando meu olhar sem um pinga de reserva. Sua fluuabilidade casual era impressionante dada das circunstâncias e o fato de que ele sabia que eu era grego e por isso dava valor a história que envolvia a *Parvel*, portanto o único que não acabaria com o legado da sua família.

— Como já tínhamos adiantado em nossas conversas preliminares, aqui estão as cláusulas de exigência para venda. — O advogado dele passou a pasta para o meu, Sven, que franziu o cenho assim que leu as demandas ali escritas.

— Isso é uma piada? — Sven perguntou, antes de dar a pasta para o seu parceiro, que resmungou igualmente bravo ao ler e então finalmente a entregou a mim.

— Não é uma piada, apenas uma exigência do Sr. P para concretizar o negócio. Nossa diretiz — uma das suas advogadas respondeu, uma com um enorme colar de pérolas e terno preto reluzente.

— Uma diretiz líquida, para não dizer ridícula e arcaica! — rebateu Sven, apertando a ponta do nariz, menos paciente a cada vez que nos encontrávamos com eles.

Desde que as negociações começaram, há alguns meses, ambos sabíamos que tinha muito em jogo. Sven e sua equipe estavam acostumados a lidar com esse tipo de coisa o tempo todo, já que sempre ficavam à frente dos meus negócios em vista. Além de meu amigo, Sven era o melhor advogado do ramo, um com uma calma assustadora e ego de armadura medieval.

Ele poderia lidar com qualquer coisa, até mesmo aguentar meus humores quando eles oscilavam diante das negociações, e quando necessário ele me colocava no meu lugar ou quem quer que estivesse do outro lado. Por isso que ele trabalhava para mim. Como herdeiro dos

Galanis, dono da *Galanix* + e de quase tudo que eu botava os olhos, a maioria das pessoas me dizia o que eu gostaria de ouvir. Ao contrário de Sven, que me dizia o que precisava ouvir, mesmo que eu não gostasse. E, como meu pai sempre diz, um homem não pode tomar decisões de negócios inteligentes com base em mentiras açucaradas com o único intuito de ser paparicado.

Então o fato de Sven estar prestes a perder a porra da cabeça era completamente inédito, para alguém que estava sempre no controle. Mas não tive tempo de pedir para ele se acalmar, porque estava muito ocupado lendo o motivo da sua explosão e envolvendo minha mente em torno do absurdo que eram aqueles termos. Absurdos de uma forma sem cláusulas precedentes. E quem estava prestes a explodir era eu.

Que porra era aquela?

CAPÍTULO 3



Enquanto examinava um relatório na manhã seguinte, parei alguns instantes para beber um longo gole do meu café, o que permitiu que as lembranças da noite anterior retornassem sem pedir licença. Ainda não acreditava que tinha admitido meus planos para Nikos.

O que eu esperava, afinal, além do olhar chocado em seu rosto?

Não fazia ideia. Tampouco esperei que tentasse me dissuadir do meu plano, antes de deixá-lo sozinho e partir. Felizmente ele não tentou me alcançar nem foi atrás de mim em seguida. O que agradei, já que ainda não sabia o que poderia lhe dizer quando já tinha tomado minha decisão.

Ainda assim, não preguei os olhos, e se quisesse me manter acordada durante o restante do dia, precisaria de algumas doses cavalares de cafeína, além de me manter ocupada a cada segundo. Felizmente conseguiria fazer os dois com facilidade.

Nikolaos Galanis: Precisamos conversar.

Foi a primeira tentativa de contato dele perto da hora do almoço. Embora parte de mim estivesse ansiosa para que me procurasse imediatamente após minha confissão, a outra parte não estava nem um pouco. Inclusive, fiquei aliviada quando assim que cheguei ao trabalho soube que ele estava em uma reunião a portas fechadas, desde o momento em que pisara no complexo da *Galanix* +. O que só deveria significar que era mais uma de suas muitas negociações e que em breve seria mais uma empresa adquirida pelo Império Galanis. Ele adorava aquilo, era quase um esporte para Nikos.

Max: Desculpe, mas não posso.
Estou bastante ocupada.

Era uma resposta vaga, mas eu esperava que fosse o suficiente para que não me pressionasse, já que eu não estava com disposição para confronto ou qualquer coisa do tipo. Podia estar agindo como uma covarde, mas não me importava. Precisava de um pouco de espaço mesmo.

Nikolaos Galanis: Mais tarde?

Foi a réplica que me devolveu nem um minuto depois e não me preocupei em dar-lhe outra. Certamente não era hora e muito menos lugar para falarmos sobre qualquer assunto que não fosse trabalho.

Ao menos eu esperava que sim.



Após um longo período de trabalho, cheguei em casa naquela noite exausta e tratei logo de me servir uma taça de vinho tinto. Peguei o *iPad* da bolsa e comecei a preparar um banho quente para lavar aquele dia estranho de mim.

Mergulhada até o pescoço em bolhas perfumadas de lavanda e camomila, assistia ao piloto de uma série que lançaríamos no próximo semestre. Ao mesmo tempo que sorvia calmamente minha bebida, o telefone começou a tocar no aparador ao meu lado.

Não precisei olhar para saber quem era... *Nikos*.

Suspirei, porque embora me sentisse melhor, a última coisa que gostaria de adicionar à minha noite relaxante seria um confronto com ele. Mas sabia que não poderia ignorá-lo, nem mesmo se eu quisesse. Não apenas porque era meu chefe,

mas especialmente por ser meu amigo. Ele se preocupava comigo, não tinha dúvidas daquilo. Só tinha que lhe garantir que estava bem, caso contrário, conhecendo-o como eu fazia, ele não tardaria a bater na minha porta.

— Oi. — Atendi no terceiro toque, esperando não ter soado muito hesitante.

— *Ei, você está em casa?* — Ele foi direto ao assunto e, antes que eu sequer tivesse a chance de responder, completou: — *Ainda precisamos conversar.*

— Hum... — murmurei, com certa hesitação combinada a lábios retorcidos. O som da água se tornando inconfundível quando voltei a encostar a cabeça no travesseiro do encosto da banheira. O que, obviamente, tornava impossível mentir. — Estou. Mas também estou cansada, Nikos. Não é o melhor momento para mim. Podemos deixar para outra noite.

— *Sem desculpas. Vamos conversar ainda hoje. Chego em uma hora.* — Desligou em seguida, não me dando chances de refutar nem mesmo se eu quisesse.

Droga! E como eu poderia?

Quase uma hora depois, eu estava longe de estar relaxada como era o plano inicial. Não demorou para a campainha tocar, mandando meu coração descontrolado para o chão.

Ele estava ali.

Respirando fundo, tentei me manter sob controle enquanto corria para recebê-lo, envolta em um robe de cetim cor de rosa sobre meu pijama. O cabelo era uma espécie de bagunça em um coque no topo da cabeça. Não me importei com como estava, tampouco em me arrumar. Não era a primeira vez que Nikos ia ao meu apartamento e via meu visual mais caseiro.

— Oi — cumprimentou assim que abri a porta.

Ao contrário de mim, Nikos usava um terno azul-marinho impecável e um sorriso bonito que era sua marca registrada. Inclinando-se para me cumprimentar com um beijo rápido no rosto, trouxe consigo o cheiro de dinheiro, privilégio e influência, mas também daquele cara único que aprendi a admirar sob aquela casca de perfeição.

— Entre. — Dei espaço para que passasse, mas por alguns segundos seus olhos demoraram-se mais do que era educado pelo meu corpo, forçando-me a engolir em seco.

— Trouxe comida. — Era autoexplicativo, já que ele carregava a sacola de um restaurante chinês chique que gostávamos, mas assenti ainda assim e segui com ele em meu encalço até a cozinha aberta.

Fui até o armário pegar uma taça para ele e sentei-me na banquetta da ilha, onde repousava a garrafa já meio aberta. Nikos já se encarregava de pegar pratos e talheres para nos servir, sabendo muito bem onde ficava cada coisa.

— Obrigada por trazer o jantar. — Achei que seria de bom tom cortar o silêncio quando lhe entreguei a taça já cheia.

Fazer a coisa da conversa fiada enquanto tentava fingir que tudo sobre aquele momento não era nada de mais era estranhamente irônico. Ainda assim tentei.

— Espero não ter interrompido nada — foi o que ele disse, parecendo nem um pouco arrependido e muito à vontade, ao contrário de mim.

— Não, tudo bem. Estava apenas tomando um banho relaxante de banheira.

— Ah! Então você não se preparou para me seduzir. Estou decepcionado — gracejou, e eu ri, mesmo que sentisse as bochechas esquentarem.

— Como se o pijama do *Darth Vader*^[iii] que está embaixo desse robe fosse alguma tática de sedução. — Revirei os olhos, mas os dele se prenderam aos meus e a dica de um sorriso devasso apareceu em seus lábios, tirando um pouco do peso do momento. E fazendo um pouquinho mais de estrago em mim do que deveria.

— Ei! Não subestime meu lado *nerd*, porque não é um pijama da Princesa Leia^[iv], mas também é sexy pra caralho que uma mulher tenha bom gosto para roupa de dormir. De qualquer forma, duvido que alguma coisa não fique sexy em você. — Voltei a rir, tentando, em vão, ignorar seu costumeiro flerte, ao mesmo

tempo que ele sorvia da sua bebida, que manchou levemente seus lábios rosados. O olhar azul derretendo o meu.

— Sim, sei — murmurei, engolindo qualquer que fosse o pensamento que pudesse ter junto com o vinho doce, deixando-o ficar na minha língua até senti-lo aveludar.

Perdi as contas de quantas vezes tínhamos tido aquele tipo de encontro desde que nos conhecemos. Tantas vezes, que Nikos já se fazia em casa, sabendo muito bem onde ficava cada coisa, e eu me sentia da mesma forma na sua cobertura milionária. Só que, por mais familiar que fosse a situação, de alguma forma as coisas pareciam diferentes aquela noite.

Talvez porque soubéssemos que após a refeição falaríamos sobre o elefante branco do qual eu vinha fugindo e que meio que caiu como uma bomba em nossa amizade desde a nossa última conversa. Ou talvez fosse apenas porque de alguma maneira as coisas estavam mesmo diferentes com o grego e eu ainda não sabia explicar por quê.

— Estive pensando sobre o que você disse ontem incansavelmente. — Ele quebrou o silêncio depois de um tempo e, quando me viu abrir a boca para falar, rapidamente completou: — E antes que enlouqueça, ou tente fugir de mim outra vez, em momento algum desde que admitiu para mim seu desejo de ser mãe solo passou qualquer julgamento pela minha cabeça. Eu só queria entender primeiro. Nem mesmo me ocorreu tentar fazê-la mudar de ideia.

Engoli sem muita vontade a comida que coloquei na boca para não dizer nada, ainda nervosa. Embora, confesso, me sentisse um pouco aliviada com o que dissera, já que ele era meu amigo e saber que teria seu apoio seria importante naquele novo passo que pretendia dar. E ele tinha razão, nem mesmo lhe dei a chance de dizer qualquer coisa antes de sair correndo.

Tomando mais um gole generoso, abaixei a taça antes de indagar, um tanto tímida: — Você não acha que estou louca? — Lambendo os lábios, ele inclinou a cabeça ainda rindo, enquanto me observava.

— Quer mesmo que eu responda o que acho?

— Muito. Mesmo.

Rindo novamente, ele bebericou o líquido devagar, prolongando meu sofrimento. Os olhos sem desgrudar dos meus, como se procurasse as palavras certas para responder. E talvez, ao notar o peso da minha expectativa, acabou por vacilar um pouco.

— Não acho que esteja louca, Max. Na verdade, eu a entendo. — Meus olhos se arregalaram de pronto, fitando-o boquiaberta. Mas quando abri a boca para falar, ele novamente me interrompeu: — E é exatamente por esse motivo que estou aqui.

— Oi? Não estou entendendo. — Franzi o cenho, sentindo-me cada vez mais confusa, e não pude deixar de notá-lo escondendo a risada com um generoso

gole de vinho.

— Sem mais rodeios... — Ele exalou forte, antes de rapidamente continuar: — Eu também quero isso. Em especial, quero isso com você. Cansei de ficar esperando seu tempo. De fingir que não sinto nada. De fingir que não quero você. Sobretudo que somos apenas amigos, quanto está obvio que há muito mais entre nós.

— Nikos... — Saltei da banquetta ainda mais embasbacada, para dizer o mínimo. — Não sei aonde quer chegar com essa conversa. Você claramente está bêbado ou algo assim. — Acenei em direção ao copo e foi o que consegui dizer, num esforço de parecer afável, mas sabia que não tinha o mínimo estômago para continuar com aquela brincadeira. Não quando o assunto era aquele.

— Não estou bêbado. Bebi dois goles. — Propositalmente ele bebeu um pouco mais novamente — Ok, Três. Mas não estou brincando. Estou cem por cento bom do juízo.

Voltei a me sentar, porque todo o peso do seu olhar penetrante me fez sentir ancorada ali. Cada átomo do meu corpo gritando para que eu me acalmasse e não deixasse as taças de vinho e dosagem de álcool serem maior que meu autocontrole. O oceano azul grudado em mim forçou-me a engolir em seco, deixando meus sentidos em chama.

Parecendo saber que não deveria me pressionar, Nikos não disse nada. Ficamos ali, sentados em silêncio durante os dois minutos mais longos da minha vida, antes que ele finalmente voltasse a abrir a boca.

— Ouça, sinto muito que isso pareça repentino. — O olhar dele suavizou, sua expressão apologética quando colocou a mão sobre a minha. — Mas acho que o melhor é colocarmos tudo às claras.

— Deixa eu ver se entendi. Você quer dizer que quer me ajudar a ter esse filho? — indaguei sem conseguir fitá-lo, quase com medo da resposta.

— Não te ajudar. — Suas palavras foram concisas, lentas. — Eu quero o filho e tudo mais *com você*.

— Comigo? Comigo? — Puxei a mão da dele, como se me queimasse de repente.

— Com você.

— Comigo? — repeti a pergunta debilmente, enfatizando a palavra, e ele se limitou a assentir, e então eu ri, sem humor algum.

Não adiantava esperar que me dissesse que era mentira, porque já tinha entendido que falara sério. Um milhão de coisas eu gostaria de lhe dizer, bem como um milhão de motivos me vieram a mente sobre como a proposta era absurda, mas por alguma razão os engoli.

Afastando-me da comida, da ilha, dele, tentei empurrar o coquetel de emoções para dentro de mim, enquanto observava a vista do horizonte noturno de Los Angeles lá fora. A vista diante de mim desligando-me por alguns segundos daquela conversa, daquele absurdo, repetindo sem parar os eventos das últimas horas em minha cabeça.

— Não sei o que dizer, Nikos. Você me pegou de surpresa — consegui dizer algum tempo depois, tentando manter um tom leve, embora por dentro estivesse pirando.

— Sério que você está tão surpresa? — Sua voz estava mais próxima e logo fui capaz de sentir seu calor, um leve toque de sua colônia amadeirada permeando o ar que compartilhávamos. Então logo sua mão segurou meu cotovelo, fazendo-me virar para ele, um dedo sob meu queixo levantando-o suavemente.

Engoli o nó atordoado na minha garganta e me forcei a assentir. Porque, sim, eu estava surpresa. Minha boca estava seca, e meu coração, batendo tão rápido que achei que seria capaz de desmaiar, apenas corroboravam aquele fato.

— Olhe para mim — repetiu e, sem ter como escapar, forcei minha atenção para ele. — Sim, você tem um péssimo histórico com relacionamentos, mas nunca nos deu uma chance. Podemos fazer isso. E tudo mais. *Juntos*. Vamos passar um tempo nós dois. Aprendermos a ser um casal. Nada de fingimento. Estou te pedindo em namoro... por agora.

Não havia anel. Tampouco joelhos dobrados. Nem uma menção direta a casamento, nem especificamente filhos. Mas, à sua maneira, o que ele estava me pedindo era muito maior do que eu esperava.

E eu ainda não fazia ideia do quanto.

CAPÍTULO 4



— Sério mesmo que está me sugerindo isso? — perguntei a Sven em meu escritório, perto da hora do almoço na manhã seguinte, e ele deu de ombros, sua expressão imperturbável.

— Seja razoável, Nikos. Se você quer mesmo seguir adiante com tudo, sim, acho que seguir meu conselho é a coisa mais sensata a se fazer. — Exalei, minha paciência já no limite, e mal tinha começado o dia.

Ainda que estivesse irritado, não rebati, já que Sven era meu advogado e estava cuidando dos meus interesses. E, bem, ele tinha uma parcela de razão, mesmo que eu não gostasse nem um pouco das demandas.

— Sim, eu sei. — Endireitando a postura, mexi-me desconfortavelmente na minha cadeira cara.

Sem outra palavra, Sven assentiu, levantando-se de onde se sentava diante de mim, a cadeira fazendo um gemido de alívio por perder seu peso de guarda-costas. Caminhando em direção à janela, o homem inalou forte e pesadamente enquanto pensava. Ele era um cara de poucas palavras, mais de ações, motivo pelo qual eu entendia que ele precisava que eu tomasse uma decisão definitiva.

— Preciso saber se vamos mesmo continuar com as negociações, Nikos. Caso afirmativo, precisamos nos preparar para o acordo inicial.

— Quem diabos ele pensa que é para exigir tal absurdo? — quase cuspi as palavras, ainda inconformado com o rumo que as coisas tomaram. E não era a primeira vez que me questionava aquilo. Tampouco esperava que fosse a última.

Em todos os meus anos de experiência no mundo dos negócios, comprando e vendendo empresas, fazendo novas aquisições, nunca tinha me deparado ou sequer ouvido falar de tal provisão. Era mesmo ridículo, para não dizer retrógrado.

— Trata-se de um movimento de poder. — O tom de Sven era centrado, distante, pouco firme. Não gostei daquilo. Precisava do meu advogado tubarão, pronto para acabar com a outra parte, e não de alguém compassivo.

— Obviamente — bufei, apertando a mandíbula em seguida. — Não há nada mesmo que possamos fazer?

Parando sua contemplação da vista milionária do letreiro de Hollywood, Sven retornou para frente da minha mesa, a mão no encosto da cadeira que não mais ocupou enquanto me encarava. Sua boca formando uma linha reta, as narinas dilatadas.

— Não temos outra escolha. Ele não vai ceder. Se quer ir adiante, podemos contratar alguém para fazer tudo dentro do prazo e daremos o que eles querem.

— Não vou contratar ninguém! — vociferei, a paciência que ainda me restava esvaindo-se rapidamente. Apenas o pensamento daquilo me deixando enjoado, irritado sobremaneira.

Sven não se abalou com meu rompante, apenas se limitou a alçar a sobrancelha sem tirar os olhos dos meus.

— É pegar ou largar, amigo. Meses de negociações e ele deixou para dar essa cartada apenas agora, certamente para ter certeza do quanto você está empenhado para isso. O homem não se mexeu, Nikos. Não chegou nem perto. Ele não arredará o pé. Não vacilará sobre essa cláusula. Ele tem essa vantagem e a usará contra você.

— É absurdo.

Era, de fato.

Obviamente o dinheiro não era um fator motivador. Homens poderosos costumavam tomar muitas decisões idiotas, até mesmo insanas, apenas porque podiam se dar ao luxo. O mundo não dizia não a homens como Sr. P., mas também não dizia a homens como eu.

Só havia uma maneira de fazer o que eu queria acontecer. Eu sabia como. E com quem faria aquilo.



Embora quisesse com todas as minhas forças mostrar a Max o quanto podíamos ser perfeitos juntos, depois de lhe fazer a proposta de tentarmos na noite anterior, me afastei e fui para casa após me despedir com nada mais do que um beijo no rosto e um pedido para que pensasse no que eu disse.

Tinha certeza que, quando estivesse deitada em sua cama, ela imaginaria o que lhe propus. Queria mesmo que imaginasse uma vida comigo. Eu sabia que a gravidade da proposta a atingira como uma parede, uma com a qual ela não esperava dar de encontro. Não que eu tivesse sido sutil sobre meus sentimentos desde que nos conhecemos. Mas era a primeira vez que fui completamente aberto aos meus sentimentos.

Achei que no dia seguinte viria até mim, mas estava preparado para que, caso não acontecesse, eu encontraria uma maneira de fazê-la ver o que estava diante de si. De mudar de opinião, caso sua resposta fosse negativa. Sempre consegui o que queria. E eu queria Max Black. Queria nós dois.

Ela só tinha que atravessar a *Plataforma 9¾* [\[x\]](#) e confiar que essa viagem daria certo. O que eu tinha certeza de que seria a melhor viagem de nossas vidas.

Embora tivesse esperado, desejado alguma reação, a única coisa que recebi dela foi um silêncio ensurdecador. Sem visitas. Sem mensagens. Tampouco telefonema e, pelo resto da tarde, a concentração me fugiu e se tornou impossível entrar no meu fluxo de trabalho, quando só conseguia pensar em uma coisa. Exatamente por causa disso, eu não estava desistindo e, antes que o expediente terminasse, olhei no sistema de localização do crachá de funcionários da empresa, onde Max estava naquele instante e fui até lá.

Eu tinha tentado contato com seu celular, a chamei para almoçarmos juntos, sem retorno. Falei com sua assistente, mas curiosamente ela estava sempre em reunião ou fazendo alguma função externamente. Não que fosse imprevisível, mas eu sabia que ela estava se desviando para me evitar.

Menos de um minuto depois, sorri para sua assistente atrás da mesa preta brilhante que ficava na recepção do seu escritório, e ela estremeceu.

— Boa tarde, Sra. Dayse. Estou aqui para ver a Srta. Black. — Quando abriu a boca para arrumar uma desculpa, me antecipei e levantei a mão para calá-la com um sorriso arrogante no rosto. — Pode me poupar de uma desculpa ridícula da sua chefe, ok? Sei muito bem que está na sua sala e estou indo vê-la nesse momento. — Ela arregalou os olhos de pronto, fitando-me boquiaberta, ao mesmo tempo que corava.

— Desculpa, senhor Galanis — gaguejou, o olhar cuidadoso em seu rosto, e dei de ombros de modo indiferente.

— Não se preocupe com isso. Sei que estava apenas cumprindo ordens. — Pisquei para ela, antes de me dirigir até onde a pequena fujona estava.

Não me importei em me anunciar, apenas abri a porta da sua sala e, como ela falava ao telefone, não me notou em um primeiro momento. Um suéter fino abraçava suas curvas, o corte modesto parando um pouco acima do contorno dos seios fartos e um colar de pérolas de grandes dimensões circundando o decote.

Como se sentisse meu olhar, seu profundo azul ergueu-se para encontrar o meu através do amplo espaço, e ela emudeceu.

— Tudo bem. Estarei aí para a consulta no horário marcado — falou com quem quer que estivesse do outro lado da linha, um segundo depois.

Max não disse nada depois de desligar, parecendo ainda em choque com a minha intrusão na sua sala sem um convite. Não que eu precisasse de um, de

qualquer maneira. Com os olhos ainda trancados nos dela, segui até o pequeno bar localizado no canto do ambiente, me servindo de dois dedos de uísque, uma bebida rápida para acalmar meus pensamentos. E também o temperamento grego que ameaçava se rebelar.

— Boa tarde, Sr. Galanis. Posso ajudá-lo em alguma coisa? — Sua voz soou, formal, mas também suave e inabalável, trazendo uma formalidade que não costumava usar comigo. Minha presença a deixou nervosa, mas ela estava fazendo um excelente trabalho em esconder o fato. Contudo, eu a conhecia bem demais para perceber as sutilezas e nuances das suas expressões.

— Que consulta? — indaguei em lugar de respondê-la, embora tivesse uma boa ideia do que se tratava.

Como se tivesse dúvidas de como responder, os dentes brancos arranharam seu lábio inferior, antes que ela franzisse a testa. As ondas morenas sedosas caindo sobre o topo dos seios, enquanto ela expirava pesadamente e parecia ponderar suas próximas palavras.

— É da clínica de fertilidade. Tenho uma consulta marcada com o melhor especialista da Califórnia. Pretendo fazer minha inseminação com ele — disse de uma só vez, fazendo o copo parar a caminho da minha boca.

Minha mandíbula ficou tensa, mas não de raiva. Algo mais próximo da impaciência dessas rodadas intermináveis de xadrez mental. Passara da hora de

acabar com esses jogos de merda.

— Não. — A palavra saiu como uma espécie de rosnado e ela respirou fundo, como se estivesse escolhendo cuidadosamente o que diria a seguir.

— Bem, pena que essa não é uma decisão que cabe a você. — A resposta foi petulante, mas não me importei nem um pouco.

— Pare de fugir. — Meu aviso férreo foi feito de forma clara, e ela piscou, aturdida. De repente, se colocando na defensiva.

— Do que está falando? Não estou fugindo. Estou totalmente bem.

Max estava mentindo, nós sabíamos a verdade. Ela não estava totalmente bem. Estava confusa.

— Te fiz uma proposta e estava esperando que me respondesse. Não que fugisse e procurasse uma saída rápida.

— Temo que você esperará para sempre, então. Porque obviamente minha resposta é não. — Ela levantou-se da cadeira em um rompante, seu suéter levantando apenas o suficiente para expor um pedaço de pele macia e sedosa.

Virei o restante da bebida de uma só vez e depois de colocar o copo vazio sobre a mesa, andei calmamente em sua direção, fazendo-a recuar, como se temesse o próximo passo que eu daria. Silenciosa. Relutante. Atenta. Ela era uma

justaposição ambulante de vulnerabilidade e confiança. Um enigma. Um que eu estava disposto a desvendar.

— Por quê? — indaguei, aproximando-me sorrateiramente, e ela suspirou.

— Porque não quero. — Tentou, em vão, correr, mas o olhar que recebeu de mim em resposta fizeram-na se dar conta de que era uma tentativa vã fugir.

Eu não acreditei no que disse. Tampouco ela. As sobrancelhas bem-feitas se encontraram. Ela estava confusa. Compreensivelmente. E eu não estava ali para fazê-la correr, mas, sim, para ajudá-la a perceber a verdade diante dela.

Uma inspiração aguda passou por seus lábios abertos quando nossos corpos quase se encontraram e ela engoliu em seco. Mas sua expressão era impossível de ler. Os olhos, um azul metálico profundo, tentava esconder qualquer menor sinal de emoção. Eu não encostei nela, mas seu corpo parecia ansiar aquilo tanto quanto o meu. Ainda assim, ela era uma mulher com controle total das emoções. Muito mais do que um rosto bonito e um corpo digno de uma maratona de sexo.

— Isso tudo é brincadeira, certo? — Seu olhar se desviou do meu, virando para a esquerda para a direita, como se inspecionasse os arredores em busca de uma saída. Uma que ela não veria.

— Por que eu brincaria com um assunto tão sério? — joguei a pergunta de volta para ela, esperando que daquela vez entendesse que não era um jogo para

mim.

— Não sou um brinquedo, Sr. Galanis! — assegurou, falando como uma mulher que sabia que valia a pena.

E eu não tinha dúvidas daquilo.

— Nunca disse que era — lancei com um tom cuidadoso, firme. — Não estou brincando com você, Max. Eu quero tudo com você. — Suas íris iridescentes brilharam. Ela não disse nada por alguns segundos, mas enfim tomou coragem para indagar: — Posso perguntar por quê? — sua voz soou baixa, ininterrupta, como se temesse a resposta, uma contradição de si mesma de um momento antes.

Eu poderia lhe dizer muitas coisas, mas nenhuma delas soaria melhor do que a parte principal do motivo real que motivara que eu lhe propusesse aquilo.

— Porque quero isso há muito tempo, Max. Não finja que não sabe disso. Dei pistas suficientes para você ao longo do caminho. — Sorri, mas ela não riu, sequer piscou. Pelo contrário. Com olhos azuis tempestuosos sob as sobrancelhas estreitas, ela descansou as mãos nos quadris.

— Sinto muito, mas não, obrigada. — Curta e doce, como se ela estivesse voltando ao seu comportamento elegante e equilibrado, um que costumava colocar um espaço ridículo entre nós, como tentou fazer quando nos conhecemos.

Mas, como eu disse, estava cansado de esperar. Então, finalmente, segurando seu queixo, fixei meu olhar faminto em sua boca. A boca que sempre deveria ter pertencido a mim.

— Eu quero você... — Mantive a voz baixa enquanto começava a falar. — Sempre quis e sinto que tenho esperado uma vida inteira por você... não quero mais esperar.

Tocando o lado do seu rosto, meus dedos se enrolaram em volta da nuca dela, guiando meus lábios aos seus, os reclamando com força e desejo. O corpo feminino se derreteu contra o meu, e um segundo depois sua língua dançou com a minha, se encontrando em um emaranhado ansioso.

Como da única vez que nossos lábios se encontraram, não era nada parecido com um primeiro beijo entre pessoas que nunca se tocaram, era mais como um ato de desespero, fome, necessidade febril. Um reencontro.

O corpo gostoso se moldou ao meu como se tivesse sido feito sob medida e não suportasse qualquer distância entre nós. Ela gemeu quando nossos quadris se encontravam num ritmo suave, minha dureza pressionando-a, e, qualquer que fossem suas preocupações, ficaram em segundo plano.

Exatamente como eu queria que fossem.

Max sequer percebeu que balançava contra mim, em um convite inconsciente, o desejo indisfarçado, ansioso, fazendo o tesão que me provocava se

tornar ainda mais intenso, animalesco. Estremecendo com a luxúria que nos engolfou como uma tempestade incontrolável, ela almejava mais, e eu também. Já que o desejo irradiando como lava por todo meu sangue queimava, e eu podia sentir em meus ossos que era recíproco.

Ainda assim, a última coisa que queria era fazer com que se arrependesse depois. Primeiro, queria que tivesse a certeza do que estava fazendo e não que se deixasse levar pela paixão do momento. Por isso me obriguei a parar antes de que chegássemos a um ponto onde não haveria mais retorno.

Max gemeu, protestando, obviamente querendo mais, e embora me afastar dela tivesse sido uma das coisas mais difíceis que já fiz na minha vida, prometi a mim mesmo que seria a última vez que faria aquilo.

—Vejo você amanhã, Max. Pense direito no que eu disse. Tenho certeza de que sabe que não vai se arrepender. — Afastei-me rapidamente antes de sair pela porta e não ousei olhar para trás, com medo de ceder.

Eu esperava muito mais, contudo estava contente em terminar aquela conversa com uma nota lúdica e expectativa do que viria depois. Metade de mim estava certa de que aquele momento foi um enorme passo na direção certa. A outra metade de mim se perguntava se ainda não tinha arranhado a superfície daquela mulher enigmática, que tentava tanto se afastar. Ainda assim, progresso era progresso.

Não tardaria para eu ter exatamente o que queria: tudo.

CAPÍTULO 5



Saí da clínica após a consulta, além de alguns exames na manhã seguinte e só quando pus os pés lá fora que me dei permissão para confirmar se as chamadas perdidas incessantes que não atendi eram mesmo de Nikos, e eu não estava errada. Devia ter imaginado que não aparecer para o trabalho o deixaria insano, porque ele sabia o que motivara a falta.

Sentindo-me ainda mais ansiosa do que já estava, por tantas razões que nem sequer conseguia começar a enumerar, bloqueei o aparelho. Decidi não retornar as ligações, mas, sim, ordenar minha mente inicialmente. Visto que aquela não era a primeira noite que eu passava em claro.

No momento em que a luz da tela se apagou, o aparelho voltou a tocar. Demorei três segundos para processar o nome piscando ali e mais um adicional para conter o embrulho em meu estômago, antes de enfim responder.

— Oi, bom dia.

— *Bom dia? Que história é essa de tirar o dia de folga e ainda não me atender quando ligo?* — foi o que ele perguntou de uma só vez, seu tenor de veludo firme, um tanto incrédulo pelo pequeno ocorrido. Eu não costumava fazer nenhum dos dois, então era compreensível que estivesse preocupado.

Hesitei por um momento, meus olhos voltando-se inconscientemente para a fachada da opulenta clínica, enquanto buscava alguma forma de lhe responder. As palavras teriam de ser cuidadosas, pois imaginei que ele surtaria independentemente da minha resposta.

Primeiro de tudo, não me sentia pronta para enfrentá-lo depois do que aconteceu no dia anterior e no posterior também, com o beijo e tudo mais. Especialmente o beijo, se eu fosse sincera comigo mesma. O beijo que me fez revirar de um lado ao outro na cama durante toda a noite; os lábios ainda com seu gosto, o corpo queimando, revivendo, implorando por mais do que a amostra grátis que me dera.

Segundo, porque eu era uma covarde mesmo. Embora tivesse fugido dele, gostaria de entender o que o motivara a me fazer aquela proposta e tomar tal

atitude para provar seu ponto. Contudo, não consegui sequer colocar a cabeça no lugar, quanto mais agir com tranquilidade.

A verdade é que, apesar de sentir tudo sob uma nova luz depois do nosso beijo de tremer a Terra, tentava, em vão, enterrar profundamente aquela centelha que me atingiu o peito. O corpo... tudo de mim. Eu não queria sentir nada daquilo. Não podia. Sabia muito bem como poderia terminar aquela história, então preferia pegar a saída à esquerda e tomar meu próprio rumo. Uma saída que significava não apenas manter meu emprego, mas também o coração intacto.

Homens como Nikolaos Galanis estavam acostumados com o mundo aos seus pés. Nascido em uma das famílias mais ricas do mundo, ele passou os últimos anos transformando sua herança de bilhões em um patrimônio ainda maior.

Ele podia facilmente pegar o que quisesse, apenas para descartar o resto. Como um leão devorando uma gazela e não deixando nada além de ossos antes de passar para a próxima refeição.

E eu não queria ser aquela esfaçalhada no final.

— Eu tinha um compromisso. — Limitei-me a responder, não me importando que fosse vaga ou em lhe dar uma confirmação de que fiz exatamente o contrário do que ele não queria que eu fizesse: ir para a consulta na clínica de fertilidade.

Ao longo do meu histórico fracassado em relacionamentos e no tempo trabalhando com Nikos, tive de aprender a ignorar minha atração quase insuportável pelo homem. O que fez com que eu me tornasse bastante habilidosa no lance da *Rainha da Negação*.

— *Espero que não tenha sido teimosa e que tenha feito exatamente o que te disse para não fazer.* — Meu silêncio deve ter sido resposta suficiente para ele, porque pude ouvi-lo exalar forte, mas mantive-me calada sob seu escrutínio desconfortável, mesmo que não pudesse me ver de fato. — *Não importa, não vou começar uma briga quando você claramente está fingindo que nada está acontecendo. Tire seu dia de folga, se é o que precisa para colocar a cabeça no lugar. Só espero te encontrar mais tarde no aniversário da minha mãe. Vamos conversar. Definitivamente.* — O tom imperativo na voz do meu chefe me enviou calafrios, mas engoli em seco, decidida a manter-me firme.

Droga! Havia me esquecido completamente daquilo!

Os Galanis eram uma família tipicamente grega, do tipo que valorizava os seus, considerando sempre indispensável ficarem juntos, sem falar nas datas festivas e motivos para comemorar. Era sempre um evento, independentemente da reunião. Eles faziam questão de juntar não apenas parentes, mas também amigos próximos, como os funcionários mais chegados do alto escalão da empresa, reunindo-os sempre como uma grande família.

Os pais de Nikos, Dionísio e Gaia, me receberam com tanto carinho desde que comecei a trabalhar com o filho, que era impossível não me sentir acolhida ou afeiçoada a eles. Eram como tios queridos, eu os adorava. Motivo pelo qual não poderia, em hipótese alguma deixar de comparecer. Até porque, conhecendo-os como eu conhecia, não me perdoariam caso faltasse.

— Não se preocupe. Estarei lá... por Gaia — garanti, enunciando cada palavra, quase como se quisesse me fazer acreditar que eu ficaria bem e poderia ser capaz de passar por aquilo.

Desliguei logo em seguida, antes de suspirar e seguir em direção ao meu carro.

Esperava mesmo que ficasse bem.



No horário marcado, eu me encontrava do lado de fora do conjunto de portões de ferro com o brasão da família Galanis entalhado, localizada num condomínio afastado da cidade. Depois de me identificar para os seguranças da entrada, os portões se abriram para que eu passasse com o carro e me dirigi para a parte interna da imensa propriedade.

O longo caminho margeado de jardins levava para uma rótula circular, onde uma fonte iluminada de mármore funcionava, em frente à mansão com icônicas colunas, portas brilhantes brancas. Tudo na arquitetura do lugar trazendo um pouco do velho mundo e também o luxo moderno em estilo grego.

Já tinha ido ali inúmeras vezes, mas nunca deixava de me impressionar. Era mesmo lindo. Quase como um palácio.

Assim que parei, o manobrista veio para o lado do motorista me receber, cumprimentando-me de modo educado ao abrir a porta e pegando a chave do meu carro em seguida. As portas de entrada do pórtico^[vi] também tinham um monograma da família entalhado à mão, a maçaneta banhada a ouro, trazendo ainda mais requinte ao lar majestoso dos Galanis.

A porta da frente se abriu assim que me aproximei e então fui recepcionada pela querida anfitriã da festa.

Gaia estava linda e, como sempre, elegante, em seu cabelo curto quase platinado e um vestido impecável na cor branca, provavelmente assinado por um famoso estilista. No rosto experiente uma maquiagem natural, destacando os olhos amendoados, traços delicados e perfeitos, nos lábios um sorriso que não parecia esconder a felicidade em me ter ali.

— Max, querida, é tão bom vê-la — ela me cumprimentou com alegria, dois beijos carinhosos no rosto, antes de me abraçar apertado.

Ela era mesmo daquele jeito, uma explosão de simpatia e afeto. Sempre nos fazendo sentir queridos, benquistos. Era mesmo fácil se apaixonar pela matriarca da família.

— Não poderia deixar de comparecer nessa data tão especial. À propósito, parabéns pelo seu dia novamente. Sei que mandei mensagem mais cedo, mas já que estou aqui, não há como não a parabenizar novamente. — Dei-lhe outro abraço apertado. — Trouxe um presente e espero que goste. Encontrei-o naquele sebo a que fomos no mês passado. — Entreguei a ela o embrulho que trouxe comigo e seus olhos brilharam em expectativa, ao se dar conta do que era.

— Não tenho dúvidas de que vou gostar. Mal posso esperar para começar a lê-lo mais tarde. — A voz saiu quase cantada, tamanha sua animação, e logo recebi outro beijo carinhoso. Ao se afastar, vi-a abraçar o pacote quase como se fosse precioso. E era exatamente como Gaia Galanis considerava aquelas páginas que lia incansavelmente.

Como grega nata, a mãe de Nikos era apaixonada e valorizava todo tipo de história e cultura que pudesse encontrar. E não apenas do seu país, mas de todos os cantos do mundo. Ela costuma dizer que é no passado que está enraizado o futuro. E, por isso, era tão ligada a qualquer tipo de manifestação antiga, fosse com objetos, artes em geral, tudo que ela pudesse encontrar.

Já que Nikos era seu único filho e desde que a conheci, ela meio que me adotara, confessando sempre ter querido uma filha mulher, embora não tenha tido

sorte em conceber outro herdeiro. Por isso, vez ou outra marcávamos de nos encontrar, algumas para almoçar, tomar um café, mas a maioria delas para irmos juntas a sebos, antiquários, museus e até mesmo vendas de garagem. Sempre com a intenção de “caçar” pequenos tesouros escondidos.

Eu me vi tão envolvida com sua paixão nisso tudo, que meio que acabei me apaixonando um pouco por aquilo também. E o presente que lhe dei foi um verdadeiro achado, um diário antigo de um rapaz italiano, datado de 1918. E como naquele período a Itália participava da *Primeira Guerra Mundial*, só podia esperar que naquelas páginas houvesse uma verdadeira história para se ler.

Gaia tinha uma extensa coleção de diários, e os italianos e escrito por homens eram seus preferidos. Ela dizia serem os mais apaixonados por tudo e quando tinham as duas características, eram um verdadeiro tesouro.

Enquanto algumas pessoas tinham como hobby assistir a *reality shows*^[viii], a grega adorava mesmo era ler as confissões de pessoas reais, com seus dramas e segredos. Quanto mais antigo, melhor.

— Vá em frente e fale com todos. Dionísio e Nikos estão lá na frente, conversando de negócios com a *raça* de vocês. — Revirou os olhos me fazendo rir. — Vou dar uma fugida para guardar essa preciosidade na biblioteca e aproveitar para dar uma rápida espiadinha aqui, a fim de tentar conter a ansiedade. Me cubra. — Ela piscou para mim, antes de se virar em seus altos *scarpins* em direção à biblioteca.

Rindo, eu sabia que ela daria mais do que uma espiadinha e já que demoraria mais do que dissera, não tinha alternativa, senão cobri-la como pedira. Indo em direção aonde a festa parecia acontecer, segui o tilintar delicado dos convidados brindando com suas taças de cristal. Observei ao longo do caminho o silêncio das conversas íntimas com vocabulários educados e o ocasional sotaque exótico. Flocos de perfume caro flutuando no ar. Diamantes brilhantes e roupas de grife enfeitando os corpos dos convidados.

Encontrei pelo caminho alguns colegas, que rapidamente cumprimentei e aproveitei para roubar uma taça de champanhe rosê de um garçom que passava por perto. Ao longe, vi imediatamente a figura grande de Nikos de lado, conversando com um grupo de pessoas, entre elas, seu pai.

Nikos usava um terno azul completo de três peças, e, meu Deus, o homem vestido daquela maneira formal era um atentado ao bom comportamento. Era mesmo um pecado, embora eu adorasse todas as facetas do seu guarda-roupa. Involuntariamente me perguntava como ele se parecia sob a fachada cara.

Ele obviamente não me vira em um primeiro momento, mas parecendo sentir meu olhar queimar em sua pele, não demorou mais do que alguns segundos para que as órbitas azuis me encontrassem, e foi como se tudo ao redor desaparecesse.

Os lábios carnudos curvaram-se em um sorriso malicioso, que fez as borboletas repentinas do meu estômago darem um pequeno salto mortal. Um

rubor quente inundando minhas bochechas ao me lembrar do vestido muito apertado que acentuava minhas curvas, que talvez tenha escolhido propositalmente para receber aquele olhar de apreciação. E eu gostei demais de constatar tal fato. Talvez mais do que deveria.

Era impossível olhar Nikolaos e não ter vontade de beijar aquela boca ou tocá-lo. Ou simplesmente esquecer a sensatez e me entregar para o que quer que ele quisesse comigo. Eu pouco tinha bebido, mas já sentia-me bêbada de luxúria, de excitação, de possibilidades. E tudo por causa de um simples olhar.

Minhas mãos segurando a taça tremeram de vontade de me deixar levar e, tentando ignorar o que me provocava, ou ao menos manter a compostura, levei a bebida aos lábios. O líquido borbulhando em minha língua, fazendo cócegas em minha garganta enquanto deslizava para baixo, não ajudou em nada. Pelo contrário, pareceu inflar ainda mais o pequeno incêndio que se formara em meu corpo.

Talvez eu devesse recuar, especialmente por causa da maneira que Nikos olhava para mim, como se quisesse me devorar. E diante da forma como me sentia, era apenas questão de tempo para que aquilo acontecesse, não adiantava lutar. Eu sabia. Podia sentir em meus ossos. O que quer que fosse, era a coisa mais verdadeira que já experimentei.

Respirei fundo e tomei a coragem de prosseguir, adentrando o salão da residência palaciana, aproximando-me de onde ele estava. Talvez eu fosse mesmo

a gazela e estivesse indo ao encontro do leão que estava prestes a me destroçar.

Mas quem se importava com a lógica quando se sentia um tanto intoxicada pela própria necessidade?

O pai de Nikos me avistou quando estava a poucos passos de me juntar ao grupo e logo abriu um sorriso enorme para me receber. Só que não me passara despercebido o rápido olhar observador que dirigiu ao filho, antes de vir me cumprimentar de maneira tão calorosa quanto sua esposa fizera pouco antes.

— Finalmente minha garota preferida chegou. — Ganhei um beijo e um forte abraço dele, como já havia me acostumado a obter a cada encontro.

Quando o conheci, fiquei desconsertada. Porque se tinha alguém em quem eu me inspirava na indústria, era aquele cara diante de mim. Eu era mesmo uma espécie de fã do seu trabalho, do que construiu e fez. Ele era uma verdadeira lenda. Só que nunca, em meus maiores sonhos, imaginei que por trás do grande nome havia alguém tão incrível nas telas quanto fora delas.

Era mesmo uma pena que ele tivesse se aposentado tão cedo e eu não tivesse tido a oportunidade de trabalhar com ele, porque eu sabia que poderia aprender muito. Mas ele ensinara bem o filho, que fazia um trabalho incrível e nunca dispensava o conselho daquele que o criou. Além de sempre estar por dentro do que acontecia na empresa que fundara anos antes.

Dionísio Galanis ainda era bonito e charmoso de uma maneira única, embora tivesse passado dos cinquenta, ainda preservava uma aura jovem. Eu imaginava que no início da idade adulta ele era uma espécie arrasadora por onde passava, e segundo as fotos que era possível encontrar on-line, era mesmo. A esposa não teve chance, nem mesmo se quisesse.

Enquanto Gaia tinha os cabelos naturalmente platinados de tão loiros, o marido tinha os fios pretos como ônix, os quais seu filho herdara, embora estivessem salpicados com alguns brancos. Olhos azuis como o Mar Mediterrâneo que banha seu país de origem, era uma marca registrada da família Galanis, como acabei descobrindo e curiosamente também era o significado do sobrenome imponente. Não poderia ser mais perfeito, já que os olhos deles eram, de fato, uma de suas características mais marcantes. Sem falar na beleza, claro.

Os gregos eram donos de um padrão de beleza referencial, do tipo que mexia com o imaginário de muitas pessoas através dos séculos. Afinal, o conceito de beleza surgiu na Grécia e foi conhecendo-os que entendi realmente o significado da expressão “deus grego”. Claro que havia exceções, mas os Galanis, em especial, faziam jus ao estereótipo.

O que eu achava de mais bonito em Dionísio era sua aura juvenil e atitude tão simples e gentil. Deixando as roupas de grife de lado, ninguém poderia imaginar que por trás daquele sorriso caloroso havia um homem tão incrível em

todos os aspectos. Ele lembrava um pouco meu pai, sempre alegre, animado, como se não tivesse nada de errado no mundo e quisesse aproveitar a vida.

Ambos eram do tipo que levavam a sério a expressão latina de Horácio, “*Carpe diem*”. Não a tradução literal e o significado de aproveitar um dia específico, mas, sim, aproveitar ao máximo o agora, apreciar o presente. Quando perguntei o motivo de se aposentar tão cedo e Dionísio falou comigo sobre aquilo a primeira vez, fiquei abismada com a coincidência, por ter os dois pensando da mesma forma, embora fossem pessoas tão distintas.

Só que vendo-o ao lado da família e amigos, entendi que ele queria poder ter a chance de viver aqueles momentos o máximo que pudesse. Tanto meu pai quanto ele meio que tornaram a expressão um lema, um alerta de que a vida é breve e deve ser aproveitada intensamente a todo momento.

E eles tinham mesmo razão, já que meu pai acabou partindo muito novo e fez questão de levar o lema a sério até o último segundo antes de morrer.

— Que Gaia não o ouça. Acho que você dormiria no sofá, caso o fizesse — brinquei e ele riu gostosamente.

— Bobagem. De você ela não tem ciúmes. Mas vamos deixar isso entre nós, para não ter qualquer chance. — Ele piscou, antes de recolher minha taça vazia e, como sempre cavalheiro, chamar o garçom para substituí-la.

— Já estava começando a desconfiar que não viria. — A voz de Nikos foi baixa e vibrou no meu tímpano, ao mesmo tempo que trazia os lábios para depositar um beijo no meu rosto. Perto, bem perto, próximo demais da minha boca, um simples roçar que enviou borboletas ao meu estômago.

Mordendo o lábio para não gemer, balancei a cabeça e respirei fundo, inalando o forte cheiro doce de sua loção pós-barba. O que, obviamente, não ajudou em nada a assumir o controle do meu corpo.

— Eu disse que viria. — Sorri em agradecimento para seu pai, que me entregou uma nova taça com a bebida borbulhando e tratei logo de virar um gole, necessitando de um pouco mais de álcool no meu sistema.

Sua mão encontrou a parte inferior das minhas costas, e o gosto de privilégio e glamour invadindo minhas papilas gustativas não me preparou exatamente para o toque elétrico na minha pele.

Deus, eu precisava me acalmar!

Não conseguia falar, tampouco me afastar, mas ainda conseguia pensar. Minha lógica estava intacta... por enquanto.

— Podemos conversar? — ele pediu suavemente, como se não pudesse mais se controlar e engoli em seco.

— Tudo bem — foi o que consegui emitir, não tendo ideia do que viria quando ele não perdeu um só segundo e deslizou a mão na minha, me levando para longe dos convidados da festa.

Fiquei grata pelas luzes baixas que escondiam o rubor de minhas bochechas, enquanto todos os olhos se voltavam em nossa direção, provavelmente se perguntando para onde estávamos indo. E eu soube ali, naquele instante, que aquele homem claramente se tornaria a melhor coisa que aconteceria para mim... ou minha maior ruína.

CAPÍTULO 6



Eu estava bem ciente de que os olhos de todos os convidados estavam em nós, mas não dava a mínima. Não era como se fosse a primeira vez que as pessoas nos viam juntos, pelo contrário, já que por causa do trabalho e da minha pequena obsessão pela morena, estávamos sempre grudados. Eu mesmo arranjava um motivo para nos encontrarmos, até para um mero café. Só que talvez alguma coisa aquela noite não fosse diferente apenas para nós, mas também para os expectadores ao redor. E, bem, esperava que até o final daquela festa pudesse lhes dar ainda mais munição para falar.

Nunca fui do tipo inseguro, mas dizer que estava nervoso era simplificar muito as coisas. Imaginei que nos entenderíamos muitas vezes desde que nos conhecemos, contudo, com sua insistência em tentar fugir de mim nos últimos dias, eu não tinha escolha a não ser pegar o que podia. Mesmo que tivesse que fazê-lo no aniversário da minha mãe e com inúmeras testemunhas, eu era um homem em uma missão.

Atravessando os corredores da minha casa de infância, entreguei nossas taças para um garçom que passava, antes de nos levar em direção ao escritório de meu pai. Fechando a porta atrás de nós, puxei o ar, mas ele não veio. E por causa daquilo encontrei-me em silêncio por segundos quase intermináveis, a fim de me acalmar e recobrar o controle.

— Nikos... E-eu não posso — ela disse com certa dificuldade e eu bufei uma risada irônica, antes de tornar a fitá-la com seriedade.

— Nós nem começamos a falar e você já está dizendo “não” — soltei entredentes e ela semicerrou os olhos antes de corrigir sua postura, tentando parecer nem um pouco intimidada.

— É errado... — Ela tentou formar uma resposta, mas a exaustão coloriu sua expressão, calando-a, e aproveitei para me aproximar.

— Errado queremos ficar juntos?

— Sim. Você é meu chefe. Além do mais, é Nikolaos Galanis, pode ter a mulher que quiser.

— Mas eu não quero qualquer mulher, quero você! — Seus olhos de oceano se iluminaram mesmo com a minha explosão, mas sua expressão permaneceu ilegível.

— Por que eu? Sou apenas... eu. — Incapaz de evitar, eu sorri ante a insegurança ridícula.

— Exatamente. Você é quem é, e por isso te quero. Não há nada de simples ou comum em você. Nada. Diferente do que pensa, você não poderia ser mais especial e perfeita para mim, Max Black.

Eu amava o nome dela, a maneira como saía da minha língua quando eu dizia em voz alta. Mas Max Galanis soava ainda melhor. Havia um anel para aquilo, inclusive. Um ritmo. Um ritmo perfeito, e faltava pouco para ela me acompanhar em um dueto.

Levantando a cabeça, ela me encarou novamente, me inspecionando antes de voltar a atenção para uma pintura a óleo na parede, cujo nome do artista me escapava, porque tudo em que eu conseguia pensar era na misteriosa obra de arte diante de mim. Sua beleza indiferente. As camadas de personalidade, todas escondidas umas nas outras. O raciocínio rápido. A

coragem. O coração cauteloso e sincero. Ela era tudo que eu nunca soube que estava faltando na minha vida e não podia mais deixá-la dormir uma noite sem que soubesse daquilo.

— Não sei o que realmente quer... Há um milhão de mulheres por aí.

— A voz insegura cortou o silêncio que se instaurara, soando introspectiva, de modo que minha boca caiu aberta.

— Pare! — rosnei, incapaz de acreditar o que aquilo implicava. — Não faça mais isso.

— Não fazer o quê?

— Não se compare a ninguém. Você não é qualquer uma. E nenhuma delas é você — voltei a dizer, esperando que entendesse de uma vez por todas. — E nunca questione o seu valor. Já disse, quero você. Sei que vale a pena.

Ela riu pelo nariz, revirando os olhos em seguida.

— E não vamos fingir que não estamos com um ano de tesão acumulado aqui! — apontei o óbvio, fazendo-a revirar os olhos.

— Isso é frio. — Ela bufou como se estivesse enojada, embora o arrepio que vi correr no seu corpo dissesse ao contrário. — É realmente

assim que você opera quando quer levar alguém para a cama? Como uma criança tirana?

— Não. Opero como homem, um implacável. Um que sabe muito bem o que quer. — Quando a vi suspirar, talvez prestes a voltar a fugir, fui rápido em acrescentar: — Não sou outra coisa, senão persistente. E venho esperando muito tempo para ter você.

O brilho fraco das estrelas que atravessava uma fresta da cortina forneceu luz suficiente para eu distinguir seus traços delicados e captar o brilho de luz em seus olhos quando ela olhou para mim. Durante todos esses dias, ela manteve distância fisicamente, o que estava me matando. Mas naquele momento, embora ela ainda tentasse negar, estava se abrindo para a possibilidade, mesmo que não percebesse.

Se ainda não eramos um casal, seríamos no fim daquela noite. E se ela ainda não confiasse em mim, ela o faria até o fim da semana. Mas de uma coisa eu tinha certeza: ela seria minha. Bastava que aceitasse o fato o quanto antes.

Sentindo que cada um de nós precisava de um segundo, fui até o bar do canto e nos servi de dois dedos de uísque, uma bebida rápida para acalmar nossos pensamentos. Depois de lhe entregar sua própria dose,

mantive-me afastado o suficiente para que pudesse examinar a beleza morena na minha frente. Brevemente imaginando como nosso filho seria, como seu cabelo escuro e olhos azuis se misturariam com minhas feições mediterrâneas.

— Podemos falar agora do que sentimos um pelo outro? — Bebi meu uísque, escondendo um meio sorriso depois de jogar a isca e ela quase se engasgar com a pergunta.

— Não estou atraída por você. — Ri com vontade dessa vez, antes de me aproximar para colocar os lábios no seu ouvido e sussurrar: — Mentirosa. — Minha respiração fez cócegas na pele alva e enviou arrepios pelos seus braços, tornando impossível que negasse.

Afastei-me o suficiente para encará-la, nossos olhos travados. Eu podia sentir a energia saltando entre nós. Era quase como se nossos corpos estivessem falando um com o outro sem palavras. Ela podia fingir que não queria nada daquilo, mas a verdade era que, o que sentíamos era muito maior do que uma sobrecarga sensorial.

— Não posso, Nikos — ela repetiu, balançando a cabeça, um contrapeso emocional ameaçando sair dela. — Eu simplesmente não posso. — Seu tom era neutro. Diferente. Ilegível. O que descrevia como ela tinha

estado nas últimas quarenta e oito horas desde que lhe propus ficarmos juntos.

Eu não gostava daquilo ou da forma que ela parecia insistir em se afastar. Era ridículo tentar mentir para si mesma. Apertando a mandíbula, tentei manter o controle.

— Apenas pare, ok? Eu quero você. Quero nós dois. Quero ser o pai do filho que quer ter. Quero tudo! Não adianta negar, porque é isso que vai acontecer. Nós somos fadados a ficarmos juntos. Pare de fugir!

Ela riu, mesmo em meio às lágrimas que lhe escaparam, e sua risada era doce, talvez aliviada. Senti que poderia ter quebrado algumas paredes ali, mas poderia ser cedo para afirmar. Mas nunca, em meus trinta e dois anos, recuei, e não estava prestes a fazer aquilo, especialmente quando tinha certeza do que queria. E eu queria Max.

A atitude autodepreciativa tinha que parar. Eu era o tipo de homem que sabia o que queria, que tomava iniciativa. Raramente deliberava mais do que precisava, e com certeza agia quando o momento pedia ação. Não brinquei quando disse que esperei demais por ela e foi uma tortura. As circunstâncias poderiam ter mudado, mas não a minha vontade de fazer as coisas entre nós acontecerem.

Meus olhos procuraram os dela ao terminar de falar e então captei um brilho diferente neles. Sentindo a resistência dela ir embora, percebi o exato momento em que entregou o poder dos sentimentos para mim, coloquei nossos copos sobre a mesa, antes de os meus lábios tomarem os seus.

Sua boca estava na minha, quente e macia, com gosto de uísque e o seu próprio. Nossas línguas entrelaçadas, a devorei suave e lentamente, saboreando-a cada segundo sem fim. E enquanto queimávamos ali, tudo ao nosso redor parecia acontecer em câmera lenta e todos os sons desapareceram durante aquele breve beijo. O tilintar dos copos. O riso dos convidados. A calmaria das músicas. Tudo se tornando um macio zumbido, porque nada mais importava além de nós. Eu queria mais. Queria mesmo tudo.

— Isso é loucura... Não deveríamos... — Ela se afastou o suficiente para dizer e eu imediatamente silencieei aquela porra de absurdo com um beijo punitivo e um aperto em sua bunda perfeita em forma de pêsego.

— Não só deveríamos, como vamos — sussurrei, antes de colocar minha mão na parte de trás de sua cabeça para que entendesse que eu falava sério.

Deslizando a outra para seus quadris, puxei Mari para mais perto, respirando-a nas partes mais profundas de mim porque eu não conseguia o suficiente. Eu era oficialmente patético e doente de luxúria. Não tinha certeza de que tipo de feitiço ela lançara em mim, mas não importava, porque não pretendia me livrar daquilo.

Seus dedos engataram em meus cabelos, sua língua roçando a minha, e eu estava duro como rocha, contando desesperadamente os segundos até me enterrar nela. Sua boca me pertencia. Seu sorriso. Seu corpo. Tudo.

—Tudo bem — ela finalmente aceitou depois de nos perdermos por um tempo. — Vamos fazer isso. — Escondi meu choque ao encará-la, substituindo-o com um sorriso presunçoso.

— Que bonitinho você achar que ainda tinha uma escolha — graciei, fazendo-a revirar os olhos.

— Estou falando sério. Mas tem que ser nos meus termos — ela começou a falar. — Quero deixar as coisas mais privadas, não quero nosso relacionamento abertamente público, afinal, trabalhamos juntos. Não quero ser vista como interesseira. Também quero um acordo de relacionamento, tipo um pré-nupcial. E se for para termos um filho mesmo, quero ter certeza de que terei a custódia caso as coisas entre nós não deem certo. — Ela

respirou rapidamente, como se estivesse chegando a um acerto com aquela parte do acordo, e eu alcei a sobrancelha, não gostando nem um pouco de para onde estava indo aquela conversa.

— Não vamos nos separar, mas se é isso que você precisa que eu concorde para que comecemos a praticar a coisa do filho, assino o que você quiser — murmurei secamente, içando a sobrancelha, esperando novas exigências, mas as demandadas pareciam ter parado por ali.

— Certo. — Ela mordeu os lábios em expectativa.

— Eu sabia que poderia te convencer. — Sorri arrogantemente e ela revirou os olhos, nos lábios um sorriso levemente debochado, não deixando negar que estava adorando aquilo.

— Muito arrogante?

— Determinado. Teimoso. Decidido. Não arrogante.

Eu a beijei novamente. Mais forte daquela vez, mais urgente, e era como se algum tipo de elástico sexual tivesse sido esticado além do conserto e finalmente quebrado de uma forma espetacular.

— Vamos sair daqui, caso contrário, não tenho certeza de que conseguirei me controlar. — Não hesitei em dizer, meus olhos ainda

grudados aos dela, que corava fortemente, enquanto ajeitava o vestido quando dei um passo para trás, a fim de recuperar o controle.

— E o que faremos agora? — indagou, um tanto sem jeito.

— Vamos tornar isso oficial. — Beije leve mente seus lábios, antes de entrelaçar nossos dedos.

— Agora?

— Não vejo momento melhor do que esse. Meus pais estão aqui. Bem como inúmeros amigos e colegas. O momento é perfeito. — Titubeou, fazendo uma expressão engraçada enquanto ponderava, antes de finalmente suspirar: — Certo. Vamos lá.

Puxei-a logo dali, porque estava falando sério, não confiava em mim mesmo quando o assunto era Max. Enquanto caminhávamos de mãos dadas, entre os convidados que não tiravam os olhos de nós, senti a dela úmida na minha. Bem como a maneira que ela corava, quase sem conseguir encará-los. Ela estava obviamente nervosa.

— Não fique assim. — Levei sua mão aos meus lábios para beijá-la e ela assentiu, ao passo que íamos em direção aos meus pais.

Minha mãe foi a primeira a nos avistar, e como discrição e ela não poderiam coexistir, ela não conseguiria resistir em segurar a língua quando nos aproximamos o suficiente para ouvir.

— Até que enfim! Já estava passando da hora! — Eu não pude deixar de rir, antes de assistir à reação de Max, que estava com o rosto mais vermelho do que pouco antes, tamanho constrangimento.

— Não culpe a mim, *Mama*. Tive um pouco de trabalho para fazê-la aceitar — murmurei em resposta, balançando a cabeça, a ideia parecendo perder um pouco de sua genialidade graças ao olhar incrédulo que recebi de Max. Embora soubéssemos que eu não estava mentindo.

— Nikos! — Max me repreendeu entredentes e dei de ombros como se não fosse nada de mais.

— São meus pais, é pecado mentir para eles. — Ela revirou os olhos de pronto e aproveitei para roubar-lhe um beijo rápido.

Não estava preocupado em vender nosso relacionamento como autêntico, porque era verdadeiro, mas a ideia de mentir para a minha família era tão atraente quanto espetar meu pau com um espeto de churrasco. Além do mais, não fui exatamente sutil com minhas intenções em relação a ela ao longo do tempo. Meus pais também não eram cegos.

— Fico feliz por isso. Não sabem o quanto torci para que ficassem juntos. Sabe que adoramos você. — Minha mãe não conseguia deixar de sorrir enquanto falava, o que me deixou contente. Não tive dúvidas de que adoraria a novidade. Ela sempre deixou claro que adoraria ter Max como sua filha.

— É, verdade. Estamos felizes pelos dois. — Meu pai deu um tapinha carinhoso em meu ombro, antes de olhar de mim para ela. — E há quanto tempo isso vem acontecendo? — indagou, parecendo muito curioso. Talvez mais do que deveria.

Engoli em seco, porque entendi bem o que aquela pergunta implicava. Ou o motivo de ele querer saber a resposta. Para minha surpresa, Max pareceu se recompor o suficiente para responder primeiro: — Bem... Há algum tempo. — Ele arqueou as sobrancelhas, duvidoso, mas nada disse. O que agradei.

— Então teremos um casamento em breve? — indagou, sem conseguir se conter, e eu mordi os lábios para não gargalhar.

— Mãe, estamos namorando.

— Deixando as coisas acontecerem naturalmente. Mas sem planejamentos a longo prazo — Max conseguiu se recuperar do susto

rapidamente para completar, porque conhecíamos bem Gaia Galanis. Do jeito que era, não demoraria para que começasse a fazer arranjos para uma cerimônia e festa de casamento.

Não que me opusesse a nada do tipo, já que estava em meus planos. Apenas não queria que nada se colocasse no caminho da gente e Max arranjasse motivos para tentar fugir. Tentar, porque eu não permitiria mais que conseguisse, de qualquer modo.

— Bom... Isso é um começo, certo? Melhor presente de todos. — Minha mãe a abraçou, sem deixar de sorrir, e não consegui não fazer o mesmo. Em parte, porque estava mesmo feliz, mas também porque o constrangimento de Max era interessante e eu estava adorando aquilo tudo.

Duas horas depois, nos despedíamos de todos e eu estava ansioso para ter Max só para mim. Mesmo que não tivéssemos combinado nada, tinha intenção de levá-la para a minha casa depois de sairmos dali. Entretanto, *Papa* me chamou, dizendo precisar trocar algumas palavras comigo, e, quando ficamos sozinhos em um canto mais afastado da mansão, me senti nervoso, sob seu escrutínio desconfortável.

Ele se encostou contra a parede, pensativo, casual, o paletó pendurado no ombro. Sua expressão era ilegível enquanto seu olhar pesava

sobre mim, as sobrancelhas alçadas, uma persuasão silenciosa. Um olhar preocupado, consternado.

Uma pausa interminável pairou entre nós e abri a boca para falar, mas quando o fiz, ele me cortou com um aceno de mão e a voz um pouco rígida.

— Nikos... Eu entendi o que está acontecendo. Você tem certeza disso? — Não esperou que eu respondesse para continuar: — Adoramos essa menina, você sabe. A temos como da família e temos certeza de que você gosta dela também. Só, tome cuidado, ok? Talvez você esteja fazendo as coisas certas pelos motivos errados. Acho melhor conversar com Max. Ela merece saber onde está se metendo.

A voz do meu pai era firme, baixa, mas também havia um certo pesar. Suas palavras foram como uma pílula amarga e irregular, bem difícil de engolir. Eu sabia que ele tinha razão, só estava tentando me enganar que tudo daria certo no fim.

Esperava mesmo que sim.

CAPÍTULO 7



Não apenas fomos o centro das atenções durante a noite, como Nikos, sendo Nikos. Não apenas fomos o centro das atenções durante a noite, como Nikos, sendo Nikos, também não tirou os olhos de mim desde que cheguei à festa. E seu olhar pareceu apenas se intensificar desde que assumimos nosso novo “relacionamento” diante de todos. E por mais constrangida que tivesse me sentindo por ser alvo das atenções, não pude deixar de me perguntar se tinha sido tão cega a ponto de não perceber que Nikos de fato nutria mais do que uma atração por mim durante todo esse tempo.

Não sabia responder, talvez tenha apenas preferido a ignorância cega, bem como também não sabia como me sentir diante de tudo, especialmente porque

tudo estava acontecendo tão rápido. Nem minha mente, tampouco meu coração, conseguiam acompanhar.

De qualquer modo, Nikos olhava-me parecendo querer me devorar. De vez em quando, notei o seu corpo tenso, a mandíbula apertada. Eram raras as vezes em que ele desviava para longe, mas seus olhos sempre retornavam para mim como se não pudessem ficar tempo suficiente afastados.

Ele basicamente me fodeu com os olhos toda a noite. Então, nós tínhamos ficcionalmente fodido e isso significava que a coisa real era o próximo passo lógico. Ao menos era o que eu achava. E, ok, talvez esperasse também.

O chão parecia um pouco instável horas mais tarde. Eu não tinha certeza de quanto álcool bebi, porque foi muito, a fim de acalmar os ânimos, claro, mas não acho que estava bêbada. Um pouco tonta, talvez. Mas não bêbada. Ainda me sentia plenamente capaz de tomar decisões, tanto imprudentes quanto não. Como a que estava prestes a tomar.

Depois de nos despedirmos, deslizando a mão na minha, Nikos me levou para fora da propriedade da sua família, embora eu ainda não soubesse como seria dali em diante. Mas qualquer dúvida que pudesse ter tido se esvaiu quando o manobrista desapareceu para buscar nossos carros e Nikolaos me pressionou contra a superfície mais próxima, reclamando a minha boca com a sua.

Fui obviamente pega de surpresa, mas não me fiz de rogada e o beijei de volta, porque também queria aquilo. E mais. Também estava grata pelo lugar ao nosso redor estar deserto e escuro, principalmente quando sua mão deslizou pelo meu lado e parou em cima do meu decote, fazendo-me ansiar por mais do seu toque.

Com a boca ainda na minha, gemi no exato instante em que arrastou os dedos através da fenda do meu vestido, acariciando minha coxa, avançando mais do que deveria. Chegando perto da renda da minha calcinha.

— Nikos — gemi seu apelido em um sussurro sem fôlego, esfregando-me com força contra seu corpo.

O grego rosnou, seu pau duro cavando-me, os quadris pressionados contra o meu, a protuberância dolorida, sem remorso. Nosso beijo apenas dando um indício de uma urgência diferente de tudo que conheci antes.

—Max. — Meu nome saiu da sua boca como uma espécie de bênção e maldição. E, porra, era demais para mim.

Deus, eu amava a maneira como ele dizia meu nome. Tão profundo e gutural, inerentemente. Não forçado. Quase primal. Um leve sotaque enrolando sua língua, deixando-o ainda mais irresistível.

— Você vai para casa comigo esta noite. — Ele não estava pedindo, apenas avisando. Deveria haver alguma explicação biológica, se não psicológica, para

que aquele tom autoritário, de quem não dava brecha para contestação, não me irritasse, mas, sim, excitasse.

Sim, talvez eu tivesse algum problema!

— Não sei. — Mordi os lábios, em uma tentativa vã de recobrar o controle. Fechei os olhos, exalando, tentando recuperar o ar que também me roubara, bem como a sanidade.

Meu coração martelava no meu peito, e dei um passo para trás, abrangendo apreensão e excitação. Meu corpo estava cheio de circuitos elétricos que eu era capaz de sentir dos meus folículos do cabelo para as pontas dos meus dedos. Uma mancha de calor entre as minhas coxas pulsava. Uma dor que não podia ser sufocada.

Maldito grego!

— Você vem. Isso não está em discussão! — Suas mãos voltaram para a minha cintura, puxando-me de volta para ele, beijando-me mais uma vez. Leve, persuadindo-me. Os lábios suaves, macios. Seu gosto? Viciante! — Não posso mais esperar um dia sem ter você.

Engoli em seco, atordoada. Podia sentir não apenas a necessidade dele pulsando contra meu ventre, mas também a verdade por trás das palavras proferidas em cada fibra do meu ser. Então obviamente eu não podia, nem conseguia me afastar, nem se tentasse. E a verdade era que eu não queria.

— Ok. Eu vou com você.



Minutos depois, atravessamos a porta do seu quarto, após Nikolaos fazer a longa viagem até seu prédio dirigindo acima da velocidade permitida. Em um minuto, as portas do elevador tocaram e abriram, e nós entramos. Éramos apenas nós e a intensidade entre a gente, mais do que palpável. Então estávamos nos beijando no elevador, como dois adolescentes com os hormônios fora de controle, e no segundo seguinte estávamos ali, tirando nossas roupas com uma rapidez impressionante.

Nossa respiração ficou suspensa, nenhum de nós se moveu por alguns segundos, enquanto nos víamos completamente desnudos pela primeira vez. Meu estômago se agitou e quase ri de excitação. Era como a manhã de Natal e eu estava vendo meus presentes serem desembulhados. Cada célula do meu corpo formigava, cada centímetro de mim desejando o que ele tinha para dar.

Meu Deus, o diabo realmente vestia Prada!

Completamente nu, bonito e de pé diante de mim, parecendo um deus do sexo com o luar passando por suas lindas feições esculpidas, Nikos era mesmo a

definição de deus grego. Lindo era pouco, alguém precisava inventar uma palavra melhor para fazer jus a ele. O homem era perfeito, quase termonuclear.

O corpo grande, malhado, repleto de músculos, a barriga tanquinho e aquele “V” sexy que indicava o caminho para a perdição me deixaram embasbacada, com água na boca. Muito parecido com o resto desta magnífica criatura, seu pau não era pequeno. Muito pelo contrário. Não era à toa que o cara era tão arrogante, com aquele corpo e aquele pau, era mesmo compreensível.

E, ok, talvez ele tivesse destruído algumas das minhas células cerebrais. Pois tudo o que podia ouvir era o sangue correndo nos meus ouvidos. Eu não conseguia tirar os olhos dele nem se eu tentasse. E eu não queria.

Seu olhar era escuro e intenso. Os olhos percorrendo meu corpo, me queimando com o fogo que parecia vir dele. Cada célula do meu corpo podia sentir. Era como se eu estivesse queimando viva por ele. Se me senti vulnerável antes, estava completamente exposta àquele homem. Nada para cobrir meu corpo e alma.

— Linda — ele disse, antes de se aproximar, e quando seu corpo encontrou o meu novamente, estremei, arrepiando-me em seguida. Nikos riu, ciente do que me provocava, abaixou a boca no meu ouvido para completar com tom baixo e rouco: — E pensar que nem te fodi ainda e você já está assim.

Filho da mãe gostoso e autoconsciente!

Engoli em seco, desejando que a bola nervosa na minha garganta se dissipasse para que eu pudesse realmente desfrutar o que estava prestes a acontecer, porque cada fibra do meu corpo parecia muito certo de que aquele momento seria único. Não tinha dúvidas.

Lambendo os lábios, puxei uma respiração profunda no exato instante que ele tomou a minha boca novamente em um beijo, um que roubou o restante do meu fôlego e sanidade.

Havia tanta coisa acontecendo, eu estava quase vesga e completamente incapaz de formar um pensamento coerente. Mas tinha que supor que momentos como aqueles não eram destinados para pensar. Eles foram feitos para fazer. Apreciar. Experimentar. E eu queria fazer tudo aqui, não importava a ordem.

— Esperei tanto por esse momento — voltou a sussurrar, fazendo-me sentir o calor subir pelo meu pescoço a partir da respiração dele espalhando-se pela minha orelha. O calor do seu toque, o corpo dele contra o meu e a cadência de sua voz agitando algo dentro de mim; uma fusão de eletricidade que transformou tudo em vida.

Sua boca estava de volta na minha, quente e macia, no instante em que nossas línguas se encontraram e já não podia sentir meus pés ou o chão por baixo. Tudo que podia sentir eram suas mãos no meu cabelo, sua língua entre meus lábios, e eu estava meticulosamente ciente da forma como os nossos corpos nus se alinhavam perfeitamente.

Ele tinha gosto de uísque caro e do chiclete de hortelã que costumava mascar, sua picante água de colônia, fazendo-me tonta com antecipação, porque eu queria mais e mais dele. Correndo minhas mãos ao longo de peito liso, provando seus lábios, sentindo o poder em seu impulso, sentia-me sem fôlego, mas completamente pronta para ele.

—Tem certeza de que quer isso? Porque estamos a um segundo de um caminho sem volta e não serei mais cavalheiro! — Ele se afastou o suficiente para perguntar, a mão dele descansando pesadamente em meu quadril, seu corpo ainda contra o meu, como se não pudesse se afastar.

— Não! — soltei de uma vez, seus olhos se arregalando de pronto. — Eu não quero isso, Nikolaos. — Ele congelou, o coração parecendo ser capaz de sair do peito a qualquer instante. — Eu preciso disso! —acrescentei rapidamente, sorrindo para ele, que pareceu recuperar o ar que tinha perdido.

— Bom Deus, mulher! Nunca mais me assuste desse jeito! Quase morri do coração! O que seria uma lástima, porque nem teria te fodido antes de morrer! — ele rosnou, antes de morder meus lábios e me carregar até a cama, enquanto eu ria.

O riso morreu nos meus lábios no exato instante que ele se abaixou entre as minhas coxas. A doce queimadura de sua barba de algumas horas contra a minha pele, fazendo com que minhas pernas se afastassem mais, e eu me abrisse totalmente para ele. Durante os minutos seguintes, Nikos me devorou como um

homem faminto, seus dedos explorando todo o lugar delicado, possuindo meu corpo com o seu suave toque animalesco.

Contorcendo-me toda diante do ataque, eu gemia, sentindo como se todas as unidades do meu corpo estivessem acampadas ali naquele lugar. Sem parar os movimentos com a língua e dedos, o prazer das investidas tornara a situação ainda mais intensa, deixando-me à beira do êxtase, e foi a minha vez de achar que estava prestes a morrer.

Meu corpo relaxou com seu toque, entregando-me, ele navegando em cada parte íntima minha com uma destreza única, como se já tivesse estado lá mil vezes antes, só que tudo era brilhante, novo e mágico.

A respiração ficou presa em meus pulmões enquanto eu era comida por ele. Nikos me devorava em um ritmo único e não demorou para a minha mente entrar em um espiral explosivo para fora da órbita. Balançando os quadris descaradamente contra sua boca, busquei pelo meu prêmio e o grunhido que recebi enviou-me direto para o clímax.

Minhas costas se arquearam quando os espasmos dominaram meu corpo, quebrando-o em seguida em milhares de pedaços e tremendo incontrolavelmente gritei o nome dele, chegando a um lugar que nunca visitei antes.

Ainda tentava recuperar-me do êxtase, quando ficou em cima de mim, trazendo os lábios nos meus, fazendo-me provar uma pitada da minha excitação

em sua língua.

— Max — ele murmurou meu nome, como se estivesse sofrendo. — Eu disse a mim mesmo que faria essa noite ser sobre você...

— Quão nobre você é. — Sorri com ironia, acariciando o rosto perfeito, sem conseguir deixar de encará-lo, mesmo diante da seriedade.

— Estou falando sério. Queria que nossa primeira vez fosse especial, mas você é a coisa mais sexy que já vi. E esperei tanto tempo por isso, que sinto que se eu não puder estar dentro de você nos próximos três segundos, vou enlouquecer! — soltou em um rosnado, e os olhos brilhando com as intenções mal contidas me disseram que ele estava falando mesmo sério.

Achei que precisaria de alguns minutos para me recuperar depois do meu orgasmo, mas estava errada, porque depois da confissão, o calor entre as minhas coxas inflamou novamente, me deixou ainda mais molhada, precisando de mais, enquanto o via acariciar a si mesmo com a mandíbula travada.

Engoli em seco. A confirmação de que estávamos realmente fazendo aquilo finalmente me bateu, e me vi perder o fôlego. Meu corpo tremeu quando ele se posicionou em cima de mim, segurando a base de seu pênis com a mão direita. Puxando uma respiração profunda, alinhou-se na minha entrada, meu corpo tenso com antecipação.

Sua boca voltou à minha, no exato instante em que ele entrou em mim com uma estocada escorregadia e ávida. Por um breve momento, senti-me como se fosse capaz de explodir de dentro para fora, e depois a sensação se evaporou em um magnífico alívio, quando meu corpo se derreteu contra o seu. Como se sempre fosse destinado para ser.

Nossos olhos não desviaram um só instante enquanto seu pau deslizava em meu canal apertado, seu ritmo aumentando. As mãos de Nikos puxaram minhas coxas para sua cintura, para que ele pudesse entrar mais fundo. Impulsos crescendo mais e mais rápido, a mandíbula apertada e os olhos azuis brilhando em luxúria.

Nikos empurrou-se para dentro de mim, enchendo-me ainda mais profundamente quando uma onda explosiva caiu pelo meu corpo, centrado em meu núcleo e enviando ondas de choque em todos os lugares. Minha boceta apertou-se em torno de seu comprimento, minhas mãos levantando-se para o seu rosto, e enfiei uma mecha de cabelo comprido atrás da orelha dele. Assisti, maravilhada, às ondas do seu peitoral tonificado e braços fortes enquanto seu corpo se movia com uma cadência animalesca.

Beijando-me novamente, Nikos enterrou o rosto na base do meu pescoço em seguida, como se tentasse controlar a si mesmo, mas não queria controle. Queria-o completamente fora dele, do mesmo modo que fazia comigo. Então o instigui, apertando seu pau propositalmente, fazendo-o rosnar.

Eu não tinha certeza de quanto tempo se passou, mas não queria que acabasse. Poderia ficar ali toda a noite, debaixo dele, com ele dentro de mim, me comendo, me amando, para sempre.

Com meus lábios nos dele novamente, os quadris batendo contra os meus com uma necessidade tão feroz, que era tanto deliciosamente dolorosa, quanto desesperadamente doce. O atrito quente entre nós enviou-me rapidamente para o meu limite. Minha respiração pegando em minha garganta, minhas unhas cavando na carne de seus braços musculosos até o deixarem marcados. Então gritei quando não consegui mais me segurar e, com um impulso final, ele se liberou em um grunhido animalesco.

Nikos lançou-se sobre mim, a pele suada colada à minha, o coração batendo contra o meu como se fosse um só. Então estávamos presos em conjunto, fundidos e sem ar. E naquele instante éramos dois amantes apaixonados. Gostei de como aquilo soava.

Fechei os olhos e me deixei relaxar por um momento. Tudo ficando esquecido por um tempo, o mundo exterior ainda derretido e muito, muito distante. Então reabri os olhos e despertei, dando-me conta de que eu estava mesmo em apuros. E talvez não tivesse mais volta.

CAPÍTULO 8



Meus olhos se abriram de repente e, por alguns segundos, tentei adaptar minha visão à claridade que vinha da cortina entreaberta do quarto. Esticando os braços, procurei pelo corpo macio que se moldou perfeitamente ao meu quando dormimos quase ao amanhecer do dia, querendo mais, como um viciado. Contudo, ao invés da pele aveludada e do seu calor, encontrei apenas o frio vazio.

Que porra era aquela?

Levantei-me em um rompante, meus olhos ainda se ajustando à luz irritante da manhã que deveria ser perfeita, mas logo tratei de ficar de pé, pois não tinha tempo a perder. Lentamente, andei até o banheiro, mas conforme imaginei pelo silêncio, ela não estava lá dentro.

Vesti uma cueca e depois procurei-a por todo o andar de cima da minha cobertura, antes de descer para o piso inferior, quase rezando que estivesse lá nos fazendo café. Também não estava na sala, tampouco na cozinha.

Nada dela em todo maldito lugar.

— Não é possível que tenha ido embora! — falei comigo mesmo, porque a verdade era que, lá no fundo, eu já sabia que deveria ter previsto que ela fugiria.

Mesmo depois da noite que tivemos juntos, tinha que ter desconfiado que Max não cederia tão facilmente ao que sentíamos um pelo outro. A filha da mãe era teimosa demais para tal.

O que existia entre nós era loucura, fogo, paixão, mas também havia muito sentimento envolvido, mesmo que tentasse negar. O que era completamente em vão. Não era arrogância ou o fato de ser um babaca acostumado a ter a mulher que queria, que me levava a pensar aquilo. Não, eu apenas sabia. Podia sentir a cada batida do meu coração.

Embora fosse novo, passei da fase de querer apenas mais uma. Não, eu a queria. Com a gente era diferente. O que aconteceu nunca experimentei antes e apenas cimentou o que eu já sabia ser verdade. Estávamos destinados, e como bom grego eu acreditava fielmente naquilo. E, não, não havia como fugir do destino. Tampouco de um grego obstinado e apaixonado.

Max era uma mulher decidida, que sabia o que queria. Mesmo não tendo nascido em berço de ouro ou em um lar exemplar, não teve medo de ir atrás de conquistar seus sonhos. Só que por trás de toda armadura, também havia uma mulher doce, tímida e até mesmo insegura, uma mulher completamente diferente de qualquer uma que conheci. E aquela oposição, seus contrastes, eram justamente o que mais me fascinavam nela.

Eu não tinha um temperamento difícil, sempre tentava agir com calma, para não deixar meu sangue e temperamento grego levarem a melhor. Poucas coisas me tiravam do prumo, mas uma delas era aquela mulher. Respirando fundo, para não perder o controle que estava por um fio, tentei pensar racionalmente e fui atrás do celular, antes de rapidamente lhe enviar uma mensagem.

Nikos: Por que saiu?

Eu queria dizer mais, mas a despeito de como me sentia, achei melhor não pressionar por um simples texto. Segurando-me para não pirar, joguei o aparelho no balcão da cozinha e comecei a me preparar um café, enquanto aguardava por uma resposta. Uma que esperava sinceramente que não demorasse.

A cada nova respiração, era impossível não recordar da noite e da madrugada juntos, o que só me emputecia ainda mais, porque foi tudo. Bem além dos meus sonhos mais loucos ou pervertidos. Nunca fui santo e já transei com

tantas mulheres que não conseguia contar, mas com Max foi como andar em uma montanha-russa pela primeira vez. Aquela antecipação, a adrenalina, então o longo despencar, emocionante e um pouco assustador.

A mulher tinha me deixado de quatro. E eu sabia que ela se sentia da mesma forma, por isso não me conformava que tivesse partido daquele modo.

Impaciente, peguei o celular apenas para ver que a mensagem fora entregue, mas não lida. Não ia e nem conseguiria ficar ali esperando por uma réplica. Uma que poderia muito bem não vir, por isso virei o restante do líquido escaldante na boca e subi para colocar uma roupa.

Ao contrário dela, eu não era um covarde. Buscaria pela resposta cara a cara.



O tempo todo enquanto dirigia minha cabeça estava acelerada, pensando não apenas em nós dois, como inevitavelmente em tudo que vinha acontecendo. Em especial na conversa que tive com meu pai, antes de sair da sua casa na noite anterior. Minha consciência dizia que ele estava certo, mas dada a maneira com que Max agira aquela manhã, eu não tinha tanta certeza de que era uma boa ideia seguir seu conselho.

Não, não era mesmo. Seria apenas dar munição para que fugisse mais ainda!

Uma vez que cheguei ao seu prédio, cumprimentei o porteiro na entrada e desci direto para a garagem no subsolo. Há alguns meses, Max tinha dado permissão permanente para que eu tivesse livre acesso, sem que eu precisasse de uma liberação ou aviso no interfone, o que, dados os acontecimentos daquela manhã, era uma coisa boa, já que eu não estava com ânimo para que ela me dispensasse sem nem mesmo se dignar a dizer aquilo pessoalmente.

Quando cheguei à sua porta, decidi tocar a campainha apenas por cortesia, já que poderia muito bem usar a cópia da chave que tinha, mas decidi lhe dar a vantagem de saber que eu estava ali. Ao menos deste modo poderia se preparar, mesmo que por alguns breves segundos.

Convenhamos, eu tinha certeza de que ela não tinha nenhuma dúvida de que eu apareceria. Max me conhecia bem demais para presumir que eu não permitiria que ela tentasse fugir e que eu viria atrás dela para confrontá-la.

Minha respiração parou no exato instante que a porta se abriu. Mesmo sem maquiagem alguma, com cara de quem quase não dormira, era linda demais, a danada. E o fato de parecer insegura e um tanto sem jeito, ao me encarar, apenas me deu a certeza de que não facilitaria as coisas.

— Oi. — Seu tom saiu baixo, acanhado, e não gostei de como soou. Como se tivesse vergonha de mim, ou pior, medo.

— Por que saiu sem dizer nada? — Não consegui controlar o tom quase colérico, por isso não esperei por uma resposta, apenas passei por ela, indo diretamente para a cozinha, onde deixei um saco de papel com nosso café da manhã, que peguei pelo caminho.

— Desculpe... E-eu tinha umas coisas para fazer...

— Em um sábado? — Tombei a cabeça para perguntar e ela bufou, tentando recuperar a compostura.

— Por que não em um sábado? As pessoas fazem coisas todos os dias da semana. Mesmo aos sábados.

— Tipo? — Alcei a sobrancelha para continuar o interrogatório, e por mais irritado que me sentisse, lhe passei o copo de isopor com o café.

— Tem certeza de que quer saber? — Ela deu as costas ao indagar, em uma nítida tentativa de se esconder do meu olhar.

— Óbvio que quero. — Largando a minha própria bebida no balcão, cruzei os braços sobre o peito, enquanto aguardava pela resposta.

— Bem — ela começou a dizer, colocando um prato na frente de cada um de nós, ainda sem conseguir me encarar, como quem tentava manter a naturalidade. — Eu tinha mais alguns exames para fazer — soltou como se não

fosse nada de mais, enquanto dava de ombros e se limitava a bebericar do seu copo, como se tivesse resolvido o problema que eu estava vendo.

— O que isso significa? — joguei entredentes, dando o meu melhor para manter a voz baixa, quando minha vontade era esbravejar ante aquele detalhe que ela propositalmente se esquecera de me contar.

— Você sabe o que significa...

— Achei que tivéssemos conversado e chegado a um acordo ontem. — O que eu disse saiu como uma espécie de rugido, um que ela fez questão de ignorar, mordiscando o sanduíche que eu trouxe, ao passo que parecia apenas querer prolongar meu sofrimento.

— Não tenho mais tanta certeza — ela começou a falar, contudo foi mais rápida em continuar quando me viu abrir a boca para interrompê-la: — Acho que não é uma boa ideia continuarmos com isso — disse simplesmente, deixando-me completamente boquiaberto por um segundo ou dois, antes de finalmente reagir.

— Então deixe-me ver se entendi, por favor, porque estou um pouco confuso. Nós entramos em um acordo, tivemos uma noite incrível e depois você simplesmente acorda no dia seguinte, foge e quer voltar atrás na decisão? — pressionei, dessa vez não conseguindo controlar o timbre irritado, ao passo que a encarava duramente, deixando-a ainda mais sem jeito.

Sério mesmo que ela achou que poderia vir com aquela desculpa para cima de mim?

— Então o que sugere? — continuei, tentando manter meu temperamento.
— Que apenas esqueçamos que estive dentro de você e a fiz gritar meu nome inúmeras vezes enquanto gozava? E que muito em breve vai gemê-lo novamente?
— Arqueei a sobrancelha, a desafiando a responder, e ela limpou a garganta um tanto incomodada, enquanto o rosto ficava ainda mais vermelho.

— Você está delirando, Nikolaos.

Seu tom saiu tão formal, que era como se estivesse falando com um estranho, e não comigo, com quem tinha intimidade e que ainda por cima fez amor com ela a noite toda. O que, obviamente, me incomodou *pra caralho*.

Voltei a encará-la com a sobrancelha erguida, em resposta ao seu blefe. Nós dois sabíamos que o que sentíamos não era unilateral. Tampouco um mero tesão que foi aplacado depois de uma noite de entrega. Ela era teimosa e mesmo depois do que vivemos e do divisor de água que representou, ainda assim Max voltara a vestir a armadura com a qual usava para se defender do mundo.

— Não, não estou delirando. Delirar é o que você fará no meu pau em um instante, se continuar sendo teimosa! — grunhi, como um drogado que estava prestes a alimentar seu vício e fazê-lo provar do próprio veneno.

Max então me encarou, os olhos arregalados, as bochechas ainda mais coradas, e tornou a engolir em seco, ao notar na minha expressão que eu não mentia. Quase sorri, satisfeito com a reação que obtive, porque ela podia tentar

negar os sentimentos e ser teimosa o que fosse, mas as reações do seu corpo a entregavam.

Não queria ser rude, mas se fosse preciso usar meu poderio, eu o faria. Mas a faria entender de uma vez por todas o que estava bem na sua cara.

Não, eu não disse que jogaria limpo!

— Como eu disse... — Ela enfim tomou a coragem de falar, embora parecesse cada vez menos firme. — Não tenho certeza de que dará certo.

— Não tem certeza de que não dará certo? — Eu repeti suas palavras, incrédulo, porque a sensação que tinha era de que estávamos dando voltas.

Um milhão de coisas gostaria de dizer, bem como um milhão de pensamentos surgiram, mas os engoli. Não havia sentido em continuar discutindo, quando ela parecia estar decidida a ser uma parede de tijolos. O que me restava era provar.

Saltando da banquetta onde me sentava, rodeei o balcão, até estar em frente a ela. Sem esperar por uma ação, ou desculpa, minhas mãos a suspenderam do assento e, assim que se pôs de pé, engancharam sua cintura, puxando seus quadris contra os meus, fazendo-a sentir minha dureza e eu respirá-la nas partes mais profundas de mim, porque aparentemente não conseguia o suficiente.

— Já que prefere assim, vamos fazer pelo modo difícil — sussurrei o aviso, arranhando nossos lábios juntos, antes de finalmente esmagar a boca na

dela.

Havia fome, ganância e necessidade em prová-la que estava certo da forma que a beijei, meus dedos segurando sua nuca, a outra mão deslizando na sua bunda, antes de levantá-la e levá-la até o sofá.

Apenas para começar.

Nossas bocas não se separaram. Mãos se buscando, ansiosas pelo toque, eletricidade pura, febril e incontrolável, como apenas ela era capaz de despertar. Deitando-a no sofá, posicionei-me sobre seu corpo, as bocas ainda unidas em um clamor quase violento. O beijo não era gentil, mas tão duro e impetuoso quanto meu desejo que pressionava nela.

Deslizando a mão por cada parte dela que podia alcançar, continuei reclamando sua boca com gosto de café e o seu próprio, viciante. Os lábios desceram pelo seu pescoço, parando apenas em cima do amplo decote, chupando a pele macia dos seus montes, enquanto minha mão começava seu caminho pela parte externa da sua coxa.

Puxando a bainha do pijama, avancei mais e mais até alcançar a renda da sua calcinha. Meu dedo provocou a parte interna da perna dela, parando para empurrar o tecido para o lado. Mordendo os lábios, ela jogou a cabeça para trás e se esfregou em busca de mais, erguendo os quadris, toda ferosa, carente.

— Você está tão molhada...

Max gemeu meu nome, balançando-se contra mim, até estabelecermos um ritmo lúdico. Beliscando o mamilo sob o tecido, estava cada vez mais impaciente, e dada a forma que parecia ansiar por mais, Max se sentia da mesma forma, por isso me afastei apenas o suficiente para tirar sua roupa.

Como imaginei que faria, ela não protestou nem disse qualquer coisa, mesmo nua diante de mim. Afastei-me o suficiente, não apenas para me despir, mas também para admirar a perfeição de mulher que tanto me enlouquecia. Ela me encarava abertamente, a luxúria suplantando o temperamento naturalmente teimoso. Um que eu estava determinado a vencer.

Por dentro sentia-me estupidamente acelerado, o desejo impossível de conter. Tesão faminto, vontade de me perder no corpo lindo, que parecia ter sido moldado para mim.

— Você é uma deusa, Max.

Ela pareceu tímida com o elogio, mas não respondeu ou tentou se esconder, o que achei positivo, e antes que pensasse demais, tratei logo de calar qualquer pensamento com um beijo. E o desejo por ela se espalhava ferozmente, como nunca senti antes. Meus dedos voltaram a acariciá-la e, como já tinha comprovado, seu sexo estupidamente molhado de excitação.

Olhamo-nos e era possível ver naquelas profundezas azuladas que ela estava tão faminta quanto me sentia. Segurando seus quadris, rocei minha

extensão entre os lábios da sua boceta, deleitando-me com a sensação deliciosa. Tudo em mim pulsava, latejava, ardia por ela. Como um fogo impossível de ser contido. O que eu sentia era como um tornado *F6*,^[viii] superando qualquer intensidade conhecida outrora.

— Sou louco por você, Max. Como pode achar que isso entre a gente pode não dar certo?

— E-eu tenho medo — admitiu constrangida, e encostei a testa na dela, antes de respirar fundo, e sorri ao voltar a me afastar para olhá-la enquanto lhe dava uma resposta.

— Não tenha. Desde o instante que te vi, sabia que precisava fazer com que fosse minha.

O filtro que poderia ter entre meu cérebro e boca se foi, pois o desejo e a forma que me sentia derrubaram qualquer barreira que poderia existir. Assim como eu esperava fazer com ela.

Max não respondeu com palavras, mas, sim, com um rebolado, se esfregando, deslizando meu pau em sua boceta, ao mesmo tempo que gemia. Agarrando seus peitos, revezei-me entre mamar os dois, mordendo os mamilos sensíveis, provocando-a com meu sexo, sem efetivamente penetrá-la.

— Preste atenção no que vou te dizer agora, Max. Tudo bem que tenha medo, mas não fuja, porque vou provar que não há motivos para isso. E vou fazer

isso todos os dias, se preciso for. Agora apenas sinta que fomos feitos um para o outro.

Beijando-lhe a boca gostosa, acariciei seus lábios com a língua, enquanto senti-a começar a se entregar, quando provoquei levemente seu centro pronto para mim. Descendo a mão entre nossos corpos, rocei o nó do seu sexo, massageando-o, ao mesmo tempo que entrava nela, empurrando o suficiente para que sentisse a cabeça do meu pau, mas em sua ânsia ela rebolou, como se precisasse de mais, e eu dei.

Suas unhas me arranhavam enquanto ela acariciava minha pele, o contraste me deixando cada vez mais louco de tesão. Saí e voltei, empurrando mais profundamente, e ela seguiu rebolando, o corpo recebendo-me de uma forma única, me fazendo sentir como uma bomba relógio em contagem regressiva. E a cada milímetro percorrido naquela estrada da perdição do seu canal estreito, fazendo-a chorar de prazer, sentime mais e mais dono dela.

Porra!

Senti-a pulsar no meu entorno, contraindo-se, ordenhando-me, o que só me deixava ainda mais louco. As bocas se devoravam como se não pudessem ficar longe, enquanto o ritmo da nossa foda acelerava, molhando nossos corpos de suor, e ela se fechou como uma luva apertada à minha volta, suas paredes internas convulsionando. Aumentei a velocidade e foi como ser atingido por uma descarga

elétrica, meu pau entrando e saindo de seu corpo, ao passo que ela me acompanhava, deixando-me próximo de alcançar o nirvana.

Como da primeira vez que fizemos amor, um desejo visceral parecia me impelir a possuí-la eternamente, e quando me prendeu dentro de si ao gozar, eu sabia que não fez aquilo só fisicamente, mas também de forma metafórica. Eu estava nela, sempre estive, e não deixaria que nosso destino fosse diferente.

Metendo nela mais algumas vezes, sem contenção, porque ela era gostosa demais e seus músculos pulsando em minha carne roubavam-me o juízo, aproximava-me do clímax. E apesar de querer prolongar aquela tortura deliciosa ao infinito, estava louco para me derramar nela e sabia que havia chegado ao meu limite.

Fechei os olhos por alguns instantes, rosnando, a força do orgasmo me tirando de órbita por completo. Max ainda estava de olhos fechados, viajando na luxúria do próprio orgasmo que perdurava, mas eu não podia parar de admirá-la. Linda, nua, entregue... minha. Mesmo que ainda estivesse dentro dela, sentia como se não pudesse me manter perto o bastante e, sem conseguir me afastar, abaixei-me para beijar sua boca para sussurrar: — Você não vai mais fugir de mim, minha deusa. Não vou deixá-la ir a lugar algum.

CAPÍTULO 9



Ao despertar aquela manhã, a primeira coisa que senti foi o corpo de Nikos enrolado ao meu, como vinha acontecendo repetidamente há semanas, depois da nossa primeira noite juntos, onde acordei no dia seguinte surtando com tudo o que ele me fez sentir ao me levar para a cama e meio que tentei fugir. Mas como grego obstinado que era, Nikos não me deixou ir muito longe. E desde que provou seu ponto, não houve uma noite desde então que não tenhamos passado juntos, fosse na minha ou na sua casa.

Com cuidado, virei-me o suficiente para observar o rosto bonito adormecido, perdendo alguns momentos para admirar a visão diante de mim. Mesmo com o cabelo despenteado e precisando de um corte, a expressão serena e satisfeita tornava difícil minha tarefa de não me encantar pela beleza quase etérea.

O sorriso bobo em meus lábios apenas comprovava que, por mais assustador que fossem meus sentimentos por Nikolaos Galanis, eu não me lembrava de me sentir tão feliz antes. Mesmo que de vez em quando eu ainda achasse que estava cometendo uma besteira ao me envolver com ele.

Puxando uma lufada de ar, continuei a me perder nos meus pensamentos em meio à minha admiração pelo homem que balançara meu mundo. E fizera aquilo inúmeras vezes, devo ressaltar. O lençol encobria apenas a parte mais importante, deixando à mostra o abdômen delicioso e delineado. A verdade era que o homem era incansável, fazendo-me sentir dolorida na maior parte dos dias. Uma dor boa, uma que eu gostaria de poder saborear pelo maior tempo possível.

Eu não era burra, sabia bem que estava cruzando uma linha que defini para mim mesma, ao continuar me rendendo a Nikos, já que, em meu pacto de autopreservação, prometi tentar não me apegar. Contudo,

conforme os dias foram passando, foi se tornando mais difícil seguir meu próprio conselho.

Eu não me culparia por completo, caso as coisas dessem errado, culparia a ele também, já que a forma que me olhava, abraçava, fazia amor comigo ou qualquer coisa frívola que experimentamos juntos me fazia sentir medo de ficar dependente dele de tal modo, que não teria retorno. Ainda assim, não o suficiente para me afastar.

Depois de tudo que nos aconteceu, era de se esperar que não me sentisse intimidada pelos sentimentos que ele me despertava. Mas não era fácil para mim, alguém que já vivera e experimentara os dissabores da vida, especialmente no que dizia respeito a relacionamentos, confiar de maneira fácil.

Em uma cama era diferente, estávamos ambos entregues. Em cada batida do meu coração, cada célula do meu corpo ou convulsão em meio ao orgasmo, eu podia sentir que o sentimento não era unilateral.

Mas e se eu estivesse me enganando?

Não seria a primeira vez.

A questão nunca fora sobre querer, afinal, teria de ser muito frívola para não sentir nada por ele. O problema eram as diferenças, desde quem

ele era, a idade, em especial meu péssimo histórico de relacionamentos. Até mesmo o familiar.

Sentia-me insegura, claro, já que há muito tempo parei de confiar facilmente nas pessoas, sobretudo no que dizia respeito ao coração. Preferia agir com a razão, tentar me proteger, me munir. E tê-lo mais de perto, parecendo valer um milhão de dólares, fez algo para mim que ninguém mais fez. Mas era mais do que sua aparência. Durante esses dias, aprendi a amar a sua força, sua intensidade. Tudo nele.

Então por que sentia estar magoando-o com toda aquela defesa que insistia em manter de pé?

Talvez estivesse mesmo. O fato era que o medo em mim atuava de forma diferente da maioria das pessoas. Eu não apenas tentava fugir, mas também me blindar. O que, por vezes, fazia com que pensassem que eu era tipo a Rainha do Gelo.

Antes, eu poderia apenas imaginar e fantasiar como era estar com Nikos. Todavia, meu desejo não era mais fruto da imaginação e tinha provas suficientes de que ele não era só lindo, mas também gostoso a ponto de fazer com que eu perdesse o sono quase todas as noites, me entregando a ele.

No entanto, não era somente o sexo enlouquecedor, mas o dia a dia. O homem estava sempre se fazendo presente, dando-me atenção, carinho, tanto na cama, quanto fora dela; cuidando de todos os simples detalhes. O que, para alguém como eu, cética no que dizia respeito a príncipe encantado real, mas também estupidamente carente, os pequenos gestos tornavam-se cada dia maiores.

O herdeiro dos Galanis me fazia desviar dos meus planos, destruía minhas restrições diariamente. Ele era demais. Nem um pouco sutil, ou calmo. Era uma espécie de *tsunami*, um que arrastava tudo que via pela frente, incluindo o muro que construí em torno do meu coração.

Então, por mais que lutasse contra, era impossível dar-lhe apenas uma ínfima abertura, quando ele não se contentava com pouco e parecia determinado a pôr toda contenção abaixo.

— Já terminou sua inspeção? — murmurou em um timbre dorminhoco, sem sequer abrir os olhos, o que obviamente me assustou, por ser pega no flagra.

— Que susto, Nikos! — emiti em surpresa, levando a mão ao peito, enquanto ele ostentava um sorriso debochado, os olhos ainda fechados. — E, não, não estava inspecionando — completei rapidamente com a pequena

mentira, buscando mil maneiras de dizer alguma coisa, mas nada me viera à mente.

— Sim, vamos fingir que é verdade e que você não estava aí, nos últimos dez minutos, me vendo dormir como uma espécie de *voyeur*.^[ix]— A arrogância em sua voz, bem como a risada que emitiu em seguida, me excitou, mas não daria a ele a satisfação de dizer aquilo. — É uma coisa boa que você tenha optado por trabalhar nos bastidores e não em frente à câmera, porque obviamente que precisa praticar a coisa da mentira. Você é terrível nisso — Nikos terminou de falar, antes de bocejar, então finalmente abriu aquelas piscinas azuis para me encarar.

— Você é tão idiota e prepotente. Obviamente é você quem deveria estar trabalhando nesse problema com o ego. Não sou profissional, mas poderia facilmente diagnosticá-lo como narcisista.^[x]

Ele sorriu, um sorriso tão brilhante, que eu podia ver os vincos ao redor dos olhos hipnotizantes. Ele deveria parar de me olhar daquele jeito ou parar de ser tão lindo. Ainda mais tão cedo, para eu conseguir me blindar.

— Ai, ai, Max Black, sua sorte é que tenho muitas ideias de como fazê-la engolir o que fala.

— Você está tendo muitas ideias sobre o que fazer comigo —
debochei e ele sorriu de modo perigoso.

— Muitas para admitir.

Revirei os olhos para ele, um hábito que não tinha pretensão alguma de mudar quando o motivo era aquela prepotência exacerbada dele. Mas, no fim, sorri com a audácia daquele grego gostoso.

— Você sabe, sua arrogância é broxante.

Era uma mentira descarada, não chegava nem perto.

Sem que eu estivesse esperando, Nikos me enlaçou pela cintura e, gritando, me desvencilhei rapidamente, fugindo em seguida para o outro lado do quarto. Tínhamos um compromisso e, se eu permitisse que ele me tocasse, logo nos atrasaríamos. Eu bem sabia o quanto vínhamos nos atrasando ultimamente.

Não que estivesse reclamando, claro!

Só que eu tinha que ser a coerente da relação, porque, se fosse seguir o que Nikos queria, não sairíamos da cama para nada, apenas para comer e ir ao banheiro.

Novamente, nenhuma reclamação.

Eu tinha apenas que ser a parte racional e madura ali.

— O que foi? — Sentou-se emburrado, os olhos inchados, semiabertos, ainda sonolentos, e apontei para o relógio da sua mesa de cabeceira.

— Temos compromisso.

— É só ligar para dizer que vamos nos atrasar um pouco. — Revirou os olhos, como se não fosse nada de mais.

Contudo, não era simples assim. Ao menos não para mim.

— Não farei isso com seus pais.

— Eles esperaram mais de trinta anos para eu levar uma namorada para casa, vão sobreviver por uns minutos a mais. Ou horas. — Balançou a sobrancelha, sugestivo, e mordeu os lábios para não rir.

Por mais tentada que estivesse, não poderia ceder, por isso virei-me de costas. Podia senti-lo me observar enquanto separava a roupa que usaria, mas continuei determinada a não o encarar, ao passo que mantinha minha expressão de blefe.

— Max.

Nikos finalmente ganhou minha atenção ao chamar meu nome e quase vacilei quando o vi esfregar os olhos e se levantar da cama, ainda nu. O corpo naturalmente bronzeado, musculoso e convidativo era mais do que tentador. Era uma verdadeira afronta ao meu autocontrole. E se eu não gostasse tanto dos seus pais ou não estivesse tão nervosa com aquela visita e comigo mesma, já que escolhi aquele momento para ficar excitada, eu totalmente aceitaria o convite. Voltaria para a cama com ele e o deixaria fazer o que quisesse comigo.

— Tudo vai ficar bem. Eles te adoram. Pare de pirar!

Bufei em resposta, a atitude despreocupada me irritando sobremaneira. Nikos não entendia. Não entendia a pressão que tinha sobre meus ombros diante da expectativa daquele encontro. Além do mais, ele não tinha que se preocupar com aquele problema, já que a única pessoa da minha família que restara, era minha irmã mais velha, irmã que só estava perto quando precisava de dinheiro.

Tornei a ignorá-lo, decidindo não perder tempo respondendo-o e optando por deixar o banho para mais tarde, senão teria que lavar o cabelo e perderia muito tempo secando-o com a escova secadora. Fora que ainda queria passar em uma confeitaria no caminho, para pegar uma encomenda que fiz especialmente para encontrá-los.

— Max — repetiu meu nome baixinho, firme, a voz passando a adquirir um tom parecido com o que um psiquiatra usaria para acalmar um paciente em meio a um surto.

O comando quase hipnótico, evidentemente me fez parar durante meu estado quase frenético.

— Talvez você deva desacelerar um pouco, porque não tem como te amarem mais. Só se você fosse minha irmã, o que nos faria viver um incesto. — Ele fez uma careta enojada que se igualou à minha. — Além do mais, desde o dia que assumimos nosso relacionamento, meio que reacendemos a esperança deles de ter netos.

— Você é um idiota — Meus lábios se puxaram em um sorriso, quando ele achou seguro se aproximar e me beijar rapidamente.

— Sim, é a segunda vez que você diz isso desde que acordei. Ao menos dessa vez não fui chamado de prepotente. — Abri a boca para dizer aquilo, mas ele me calou com outro beijo. — E, confesse, você gosta desse idiota de qualquer maneira.

— Não vou negar, gosto. Por algum motivo completamente insano, gosto. — Voltei a beijá-lo, passando a enrolar os braços em seu pescoço.

— Deixando essa amabilidade de lado, estou falando sério, não precisa ficar nervosa. Sr. Dionísio e Sra. Gaia Galanis já te amavam. E ficaram em êxtase quando souberam de nós. Além do mais, você sobreviveu à revelação do nosso relacionamento para a empresa e toda a imprensa. Uma visita à casa dos Galanis vai ser um passeio na praia para você.

Nikos tinha razão. Porque, embora tivesse pedido a ele especificamente que não queria que nosso envolvimento se tornasse público, óbvio que, com seu jeito nada sutil, ele fez tudo ao contrário. Fez questão de entrar no complexo da *Galanix* + de mãos dadas comigo desde o primeiro dia de trabalho como namorados.

Nas nossas saídas juntos, ele também não costumava ser nem um pouco discreto, sempre com demonstrações públicas de afeto. Tampouco parecia conhecer a palavra sutileza, não importando que estivéssemos em eventos ou em uma noite informal, sempre era um namorado devotado e por causa daquilo tínhamos sido fotografados juntos inúmeras vezes.

Já fomos até mesmo capa de revista de fofocas dos bastidores de Hollywood, afinal, acho que o mundo não estava preparado para ver o grego em sua versão *gentleman*^[xi], quase um príncipe. A princípio, me senti um pouco constrangida com a atenção recebida, bem como com os

burburinhos e comentários que inevitavelmente surgiram. Só que, depois de uns dias e alguns surtos, aprendi a ignorar.

Ao notar que minha euforia se dissipou, Nikos se afastou e, com água na boca, o vi caminhar com os olhos presos em sua bunda firme e decerto a mais bonita que já vi na minha vida. As longas pernas moviam-se com uma arrogância natural, o tipo que a maioria dos homens atraentes e poderosos deviam ter em seu sangue. Um segundo após entrar no banheiro, enfiou a cabeça para fora e me encarou com um sorriso malicioso que me fez estremecer.

— Tem certeza que vai só assistir? Ou você vai vir pegar o que quer?

Não me fiz de rogada e em um piscar de olhos atendi o convite e estava molhada... Em todos os lugares.

CAPÍTULO 10



— Ainda nem acredito que estão aqui! — foi o que minha mãe disse, assim que nos recebeu na porta da sua casa para o almoço marcado e desmarcado algumas vezes.

— Como se não nos visse quase o tempo todo — graciei, porque a mulher parecia não se conter ao nos cumprimentar. Como já fizemos muitas vezes, mas era a primeira vez que nos encontrávamos desde que Max e eu assumimos um relacionamento.

— Oh, pare com isso! Até porque, você vem monopolizando a minha querida! Sabe o que quero dizer!

Sim, eu sabia. Mas me limitei apenas a sorrir, nem um pouco arrependido por ter mantido Max só para mim desde então. E duvidava muito que ela tinha reclamações quanto ao fato também.

Minha mãe me abraçou, antes de beijar minha bochecha com gosto e depois apertá-la como fazia quando eu ainda era um menino, mas não me importei com sua efusividade. Ela sempre fora daquele jeito, amorosa ao extremo, e eu a amava demais para achar ruim, pelo contrário. Em seguida foi até Max, que teve o mesmo tratamento receptivo extravagante da sua parte.

Observei a reação da minha deusa e o quanto pareceu um pouco constrangida em um primeiro momento, embora tentasse muito não demonstrar. Por ter perdido a mãe quando ainda era um bebê e não ter família por perto depois da perda do pai, não estava acostumada a demonstrações explícitas de afeto, o que eu vinha tentando contornar aos poucos. E por mais teimosa que fosse, estava começando a surtir efeito, já que, por ser filho de Gaia, eu era do tipo carinhoso mesmo.

— Minha garota preferida finalmente conseguiu fazer meu filho libertá-la e veio até nossa casa! — Meu pai beijou e abraçou fortemente uma Max muito vermelha, enquanto eu ria, nem qualquer pesar daquele drama de *Baba*.

— Você não pode me culpar por isso — prontamente me defendi, quando recebi um abraço do meu velho.

— Oh, entendo. Quando comecei a namorar sua mãe, por pouco não morremos de inanição, já que não saímos do quarto!

— Informações demais, *baba*. Informações demais! — Fiz uma careta enojado e ele revirou os olhos, antes de ir até minha mãe e beijá-la de modo apaixonado.

— Claro, porque você veio de cegonha. Olha para ela, até hoje ainda faz com que eu me sinta do mesmo jeito. O mesmo bastardo sortudo que tirou a sorte grande por namorar a mulher mais bonita de todo o Mediterrâneo.

O olhar bobo e amoroso que os dois trocaram, como fizeram inúmeras vezes ao longo da vida, foi exatamente o motivo pelo qual desejei encontrar uma parceira para compartilhar aquilo. E, bem, eu encontrei.

— Eu entendo. — Peguei a mão de Max e dei um beijo, sem tirar os olhos dela. — Sei exatamente como o senhor se sentiu. — Ambos começaram a rir, enquanto Max ficou ainda mais vermelha, envergonhada por estar na presença dos meus pais, mesmo que não tivesse motivos para aquilo.



Por causa do meio em que fui criado, com uma grande família e na indústria cinematográfica, era naturalmente sociável e meu pai costumava dizer que eu nasci como uma máquina bem lubrificada e podia operar tudo e todos ao meu redor.

Contudo, não tinha nada mais prazeroso para mim do que estar à vontade, no meio dos meus, rindo, bebendo, conversando, sem me preocupar com nada. Não tinha nada mais importante no mundo. E, talvez, eu devesse começar a valorizar momentos com aquele e não me ver cada vez mais envolvido em compromissos de trabalho.

Embora dona Gaia Galanis sempre tivesse no cardápio da casa comidas e quitutes da nossa terra natal, naquele dia, ela pareceu ter feito propositalmente um curso intensivo da nossa culinária com um pouco de tudo, como introdução para Max. Motivo pelo qual tive a impressão de que minha deusa parecia estar prestes a entrar em coma alimentar, já que não estava tão acostumada a comer tanto quanto nós em uma única refeição.

Do lado de fora da casa, tivemos um verdadeiro almoço estilo grego, com *salada*^[xii], *dolmadakia*^[xiii], *moussaka*^[xiv], cordeiro com batatas, *gemistá* ^[xv], muito vinho, *Raki* e frutas.^[xvi] Uma prática bastante utilizada em nossa cultura e uma forma que minha mãe encontrou de desejar formalmente boas-vindas para Max.

— Não é nada de mais, apenas um almoço em família, mas espero que você se sinta abraçada e saiba que agora, mais do que nunca, é querida e bem-

vinda por nós! — minha mãe disse assim que nos serviu uma dose no cálice, e Max sorriu e agradeceu, os olhos marejados, repletos de emoção.

Max Black era linda de todas as formas, mas assistir ela emocionada e sorrindo de modo tão feliz apenas solidificou a certeza que já existia em mim. Oferecendo minha mão para segurar a dela, convidei-a para sentar-se no meu colo e ela veio, ainda meio sem jeito, antes de nos beijarmos levemente.

Embora tivesse apenas nascido lá e tivesse sido criado nos Estados Unidos, meus pais fizeram questão de não me fazer esquecer as minhas origens e seguíamos fortemente os costumes e a religião. Mesmo que Max fosse americana e nossos costumes fossem diferentes, ela sabia o que pequenos gestos como aquele significavam.

Relacionar-se com alguém da minha origem era fazer aquilo com toda a família também, porque para nós era sinônimo de eterno. Como todo grego, família era o que eu tinha de mais importante, e vivenciar momentos como aqueles, junto à mulher que eu queria para mim, por mais simples que fossem, apenas me davam certeza dos planos que tinha para nós.

Apesar de saber que a queria há muito tempo, ter minha família sempre fora algo que desejei para o meu futuro, mas não era algo urgente. Embora as coisas tenham mudado desde que descobri que era a sua vontade, e mesmo que eu fosse um planejador por essência, não me importava nem um pouco em ver meus planos bagunçados, se aquilo significasse que a teria.

Eu queria aquilo. Um futuro. Sem fugas, físicas ou mentais. Queria ter a chance de ver meus filhos nascerem e mais tarde correrem por aí; queria assistir aos meus pais babando em seus descendentes, mimando-os como sabia que fariam. O legado de um homem é tudo. Eu queria meu próprio legado. E Max era parte daquilo, afinal, homem de família ou não, aquele desejo só poderia se realizar se eu a tivesse comigo.



Depois de comermos *Baklavas*^{[lxvii](#)} de sobremesa, Max seguiu minha mãe para sua biblioteca particular, onde as duas costumavam conversar e compartilhar dos seus *hobbys*, que iam desde livros a objetos de antiguidade, coisas que as duas viviam marcando de sair para comprarem juntas.

Já eu, aceitei o convite de meu pai de ir até seu escritório e, por mais que o lugar tivesse sido cenário para a primeira vez que Max aceitou que ficássemos juntos, assim que a porta se fechou, esqueci tudo e soube que não era por acaso que ele me chamara ali.

— Pode falar, *baba* — falei sem rodeios, assim que me sentei na poltrona em frente à dele.

Sempre tivemos uma relação franca como pai e filho. E por mais nervoso que me sentisse, estava também curioso para saber o que tinha transmutado o rosto de feliz e relaxado do velho Dionísio, para tão sério rapidamente, porque intuía que não gostaria de ouvir o que queria dizer.

— Você conversou com Max?

— Sobre?

Eu sabia, mas a negação era um dom que vinha aprendendo a trabalhar desde que entrei para o mundo dos negócios e vim aperfeiçoando ainda mais ultimamente. Em especial, em usá-la em meu próprio benefício, respondendo perguntas com outras, para que pudesse digerir e estar no controle das conversas e negociações.

— Não vamos fingir que não sabe do que estou falando, Nikolaos. Falei com você sobre isso no outro dia, no aniversário da sua mãe.

Eu não disse nada e ele tomou meu silêncio como resposta, pois quando tornou a falar, seu tom não era mais tão relaxado quanto o de segundos antes.

— Olha, você está fazendo besteira e vai se arrepender disso. Fico feliz que finalmente estejam juntos, de verdade, mas se quer que o relacionamento que começaram dê certo, tem que ser sincero com ela em primeiro lugar. Construir um desse modo, só vai levá-los para um inevitável e magoado fim. Sem confiança, honestidade, não há paixão que suporte.

Engoli em seco, porque ele tinha razão, não dava para negar, mas também não pude responder em um primeiro momento. Notando minha hesitação, nossos olhares permaneceram conectados, o seu firme no meu, enquanto afundei ainda mais na poltrona do outro lado da dele, como um menino que fora pego em flagrante aprontando.

A taça de vinho ainda estava levemente segura entre meus dedos, uma metáfora de como estava meu relacionamento com Max, que poderia facilmente escapar e espatifar-se ao chão. E a última coisa que queria era que algo do tipo acontecesse. Não apenas não queria, como também não podia permitir, caso contrário, tudo pelo que trabalhei estaria perdido.

Porra!

Uma hora antes, nós comemos no jardim e então meu pai trouxe-me para o escritório e passei a ter a sensação de que acontecera uma vida atrás, diante do peso que aquele assunto trouxera.

A parte racional em mim me dizia que tinha que seguir o conselho de meu pai, mas meu instinto ecoava o tempo todo que a perderia. Eu me via cada vez mais em conflito, mesmo sabendo que Max era adulta e tinha o direito de tomar uma decisão sobre seu futuro sozinha. Mesmo que eu não fizesse parte dele.

O que, caralho, tenho certeza de que não suportaria!

— Fale alguma coisa, Nikolaos. Não o criei para ter medo, tampouco para fugir do que deseja. — A voz grave do meu pai cortou o silêncio que se instaurara, soando introspectiva, de modo que não me atrevi a olhar na direção dele.

— Não quero perdê-la.

— Acha que o que vocês têm é tão frágil assim?

— Não, mas tenho medo. — Enfim respondi, não me importando nem um pouco em soar como um moleque medroso.

— Porque está apaixonado por aquela garota.

Antes que pudesse confirmar ou falar qualquer outra coisa, meu pai levantou-se da poltrona e andou até parar de frente para a janela. De onde eu estava, não podia ver, mas sabia que dava vista para a estufa, a que mandou construir para mamãe há alguns anos. Ele não teve vergonha de admitir que fizera aquilo porque queria poder ter a chance de olhar para ela cuidando de suas flores, quando estivesse ali, já que, segundo ele, vê-la não o deixava esquecer o que era mais importante, por mais difícil que as coisas estivessem.

— Quanto tempo tem?

Apesar do tom enganosamente calmo, sabia que por dentro meu pai estava tão preocupado quanto eu. Ele me olhava de um jeito sério, enquanto esperava

por uma resposta, e tentei adivinhar o que pensava, mas por fim desisti.

— Não sei. A negociação tem avançado muito devagar, estamos nisso há meses, mas somente da última vez que ele nos apresentou as exigências. Vamos nos reunir essa semana novamente. Temos mais alguns detalhes para discutir com nossos advogados.

— Certo. Farei isso com você.

Quase sorri quando ele disse aquilo, porque nem parecia que se aposentara há alguns anos, diante do tom profissional que me dirigiu. Só que por mais que soubesse que seria bom tê-lo comigo, ainda assim não conseguia me sentir completamente aliviado. Talvez não me sentisse até resolver de uma vez aquela situação. E eu esperava, sinceramente, saber o que fazer até lá, porque eu não queria perdê-la.

Nunca.

CAPÍTULO 11



— Mas me diga, e sua irmã, querida, tem entrado em contato? Ou está sumida, para variar? — A mãe de Nikos indagou, depois de me apresentar o novo disco de vinil do Elvis Presley, que tinha comprado para adicionar ao seu imenso acervo de antiguidades e itens raros que colecionava.

Levei alguns segundos observando sua biblioteca, que mais parecia um museu repleto de objetos incríveis e cheios de história e pensei sobre a pergunta. Ao contrário do que costumava acontecer ao ser confrontada muito diretamente, não me sentia desconfortável quando aquilo era feito por

Gaia. Não apenas porque a adorava, mas sabia que ela não perguntava por pura intromissão ou mera curiosidade, mas, sim, porque se interessava e realmente importava-se comigo.

Não que estivesse muito acostumada a ser alvo de atenção e preocupação, pois não tinha muitas pessoas ao meu lado. Entretanto, desde o momento em que a conheci, a senhora grega sempre fora tudo aquilo, além de carinhosa, demonstrando sentimentos genuínos por mim e minha família. Que no caso resumia-se à minha irmã, mesmo que não fosse alguém com quem eu pudesse de fato contar, nem para salvar-me a vida.

Dizer que não erámos próximas era eufemismo. Vivíamos cada um em um hemisfério. Norte e Sul. Fui um bebê tardio e inesperado para meus pais, que já passavam dos quarenta e Rachel tinha uns dezoito anos na época, havia recém-saído de casa quando nasci. Papai contava, que, ao invés de dedicar-se à faculdade ou em simplesmente construir uma vida para si, ela preferia festejar com os amigos e namorado, um vocalista de uma banda de rock, seguindo-o para onde fosse como uma espécie de *groupie*^[xviii] particular e problemática.

Rachel vivia em meio a bebidas, drogas, confusões, sem nunca se preocupar com o futuro ou com a própria família, que a livrara de inúmeras enrascadas, dentre as quais incluíam prisões, internamento em clínicas para

dependentes químicos e tudo o mais. Cansei de ouvir papai dizer que seu jeito irresponsável de viver foi o motivo de matar nossa mãe, ainda tão cedo, pois ela vivia constantemente preocupada com a filha mais velha. E com tudo que presenciei, não poderia discordar.

Eu não tinha mais do que quatro anos quando aquilo aconteceu, era muito pequena, mas conseguia lembrar perfeitamente como as coisas ficaram tensas lá em casa. Em especial quando ela passava algum tempo sem ligar, dar notícias ou sequer avisar que estava viva. Só entrava em contato quando precisava de alguma coisa, e até lá estavam todos agonizando de preocupação.

Enquanto crescia, minhas lembranças de Rachel eram de suas idas e vindas para casa, o que era basicamente um termômetro do seu relacionamento com o homem ao qual ela nunca nem sequer nos apresentou. Quando eles brigavam, ela voltava dizendo que tudo estava acabado. Que teria responsabilidade dali em diante, seria adulta, retornaria para a faculdade, procuraria um emprego e ajudaria com a despesa de casa, assim que se estabelecesse.

O que, óbvio, não acontecia.

A promessa de filha perfeita e dedicada não durava muito, ou melhor dizendo, mais do que alguns dias, e ela logo retornava para aquele ciclo doentio, que era aquele mundo que ela amava e do qual não tentava sair. Em um relacionamento tóxico. Uma vida vadia. Irresponsável. Um mundo em que não significávamos nada para ela.

Talvez por causa do luto que o baqueou mais do que tentava demonstrar, ou apenas em respeito ao que ele sabia que nossa mãe gostaria, papai demorou a dar o ultimato em Rachel. Quando o fez, eu já tinha oito anos e até o presente não conseguia esquecer o timbre colérico, dando-lhe o poder de escolher o que queria para si, nós ou aquela vida. Ela fizera sua escolha e por muitos anos não tivemos quaisquer notícias dela, fomos apenas nós dois.

Quando papai ficou doente, por um problema no coração causado pela sua diabetes, eu tinha dezessete anos e trabalhava em uma lanchonete um turno, ao mesmo tempo que concluía o ensino médio. Basicamente não vivia uma vida para mim mesma, revezava-me entre o cuidado da nossa casa, dele e das idas quase constantes com ele para o hospital.

Naquela altura, não sabia ainda exatamente a profissão que queria seguir, apenas queria sobreviver, mas sabia que queria estar envolvida na indústria cinematográfica. Foi quando coloquei o currículo para preencher a

função de “assistente da assistente de um assistente de direção”, ou mais comumente chamada de *moça do cafezinho*, em um grande Studio.

Tive o que muitos podem chamar de sorte, eu não utilizava aquela palavra, jamais. Não quando sabia o preço que paguei por estar lá. Não era exatamente o emprego dos sonhos, longe disso. Mas foi lá que descobri o que queria fazer e independentemente de qualquer coisa, ou ajuda que porventura viera, sabia que tinha um longo caminho a percorrer e aproveitei a oportunidade com unhas e dentes.

Com o pequeno aumento de salário no novo emprego, contratei um detetive barato e pedi que buscasse pela minha irmã até então desaparecida. Depois de um tempo, ela foi localizada e então liguei para falar do estado de saúde do nosso pai, porque achei que, embora não nos procurasse há muitos anos, ao menos merecia saber o que estava acontecendo.

Rachel não apareceu em um primeiro momento, o que me levou a não me preocupar em avisá-la quando ele faleceu alguns meses depois. Só que, de algum modo, ela soube do ocorrido e acabou comparecendo ao velório.

Quase não a reconheci, porque em nada tinha a ver com as fotos que restaram na nossa antiga casa. E embora tivesse menos de quarenta, vestia-

se com roupas vulgares, maquiagem pesada no rosto cheio de Botox e uma postura de rebelde, como uma adolescente desviada. A coloração vermelha nos olhos azuis, que já haviam sido tão parecidos com os meus, não era de quem chorava a morte do pai, mas, sim, de quem vivia constantemente drogada. Ou seja, os anos passaram-se, mas ela continuava a mesma.

— Sumida — soltei um suspiro cansado, porque a simples menção do nome dela tinha o poder de me trazer aquele sentimento, aliado a frustração. — Daqui a uns dias liga, pede para ajudar com o aluguel ou com as despesas de alguma coisa que há não muito tempo já ajudei. Só espero que não seja da cadeia dessa vez. É seu *modus-operandis*.^[xix] — Dei de ombros como se não fosse nada de mais, mesmo que nada no que dizia respeito a Rachel fosse fácil para mim.

— Sinto muito que tenha que passar por isso, minha querida. — O toque gentil da mão de Gaia na minha, assim como o tom doce de quem era, de fato, genuína, me tirou um leve sorriso grato. — Sei que é difícil. Embora não possa me colocar completamente no seu lugar, já que nunca passei por nada parecido. Mas saiba que sou solidária a você. E, posso dizer uma coisa? — Assenti e ela me pareceu um pouco receosa, antes de prosseguir: — A cada vez que você me conta alguma novidade dela, acabo entendendo um pouco mais a decisão do seu pai em afastá-la.

— Por quê?

— Não vejo mal algum em pedir ajuda quando precisamos, especialmente a família. Mas pelo que vejo, o pai de vocês não a afastou do convívio, apenas fechou a porta para aquela relação tóxica que viviam. Pelo próprio bem de vocês. E dela, claro, caso resolvesse realmente enxergar e querer mudar de vida.

Entendi o que queria dizer, também concordava e ao longo dos anos aprendi a respeitar a decisão de meu pai. Contudo, não conseguia simplesmente fechar a porta como ele fizera. Ou apenas fingir não me importar com a única pessoa sangue do meu sangue que ainda restara nesse mundo.

— Eu não consigo dizer “não”, por mais irritada e usada que me sinta. Apenas não consigo.

— Sei disso. Porque é sua irmã e tem um bom coração. Não me imagino virando as costas para um filho meu, mas nem todos os pais têm um filho maravilhoso como o meu. Só que, antes de ser ajudado, é preciso querer ser ajudado também e não me parece o caso da sua irmã. Pelo contrário, só a está prejudicando ainda mais. Porque sua irmã já aprendeu que tem uma fonte que não tem previsão de secar.

Mordendo a pelinha da minha unha, uma mania que tinha quando me sentia nervosa, pensei por um instante no que falara. E no quanto era boba, por ainda permitir que tivesse qualquer influência, mesmo que não parecesse. Já que ela nunca se preocupara de fato ou se importara em perguntar ao menos se eu estava bem.

— A senhora acha mesmo? Que ela sabe que não vou dizer “não”?
— perguntei, em referência ao que disse pouco antes.

— Com certeza, querida. Seu pai tomou uma decisão e por anos ela “não precisou” de ninguém da família. Até mesmo se virou e bastou você reabrir a porta, que ela tornou a “precisar”. É uma espécie de dependência. E como toda dependência, não é nada saudável.

— É verdade.

Nunca tinha pensado por aquele lado. Por quase dez anos, Rachel se virou da forma que podia, sabe Deus como, já que nunca se dignou a confidenciar e nem uma vez nos procurou, nem mesmo para pedir ajuda. Só que, desde voltou, o círculo vicioso retornou junto com a atitude nunca perdida.

— Família não se escolhe. É um vínculo mais complexo, pois se supõe ser eterno. — Acabei assentindo, o rosto bonito dela tornando-se

triste, de repente. — A convivência em família em si não é fácil, ainda mais se a dinâmica familiar está marcada por algum trauma ou por algum tipo de relacionamento tóxico.

— Sei disso, mas não consigo simplesmente virar as costas para ela — admiti, um tanto constrangida, e ela concordou de pronto.

— Nem estou sugerindo que o faça. O primeiro passo para resolver é ter consciência do tipo de relação que vocês têm. Se preciso for, pode tentar buscar apoio psicológico, porque você também faz parte da dinâmica. Ou seja, é parte do problema. E essa ajuda, pode auxiliá-la tanto com seus próprios conflitos, quanto com o seu núcleo. Isso pode servir como uma ponte para construir a relação das duas. Até mesmo beneficiar sua irmã, com seus comportamentos autodestrutivos. Um que também está adoecendo-a, mesmo que não saiba ou tenha reparado.

Antes de ouvi-la dizer aquilo, sequer tinha pensado que também fazia parte do problema, já que na minha cabeça eu ajudava a Rachel. Embora também soubesse que não era saudável fazer nada daquilo. Só que acabei não vendo que, daquela forma, só a estava prejudicando ainda mais.

Tampouco pensei em ir atrás de aconselhamento profissional, a fim de tentar lidar com meus próprios problemas. Bem como buscar a ser mais

coerente com meus desejos e necessidades. Muito menos em notar que também passei a adoecer, apenas ignorei qualquer sinal de que também precisava de ajuda.

— Pense direito no que falei. Se precisar de uma indicação profissional, qualquer coisa, sabe que pode contar comigo. — Ela apertou minha mão como gesto de apoio, um que senti em cada parte de mim. Em especial no coração. — Você é especial, Max. Muito especial. Não é à toa que meu filho a escolheu.

Abaixei o olhar um tanto envergonhada com as últimas palavras. Eufórica também, para dizer o mínimo.

— Não tenho tanta certeza disso — consegui dizer por fim, embora não reconhecesse minha própria voz, tamanha a timidez.

Gaia meneou a cabeça, negando, ao mesmo tempo que me fitava com aqueles grandes olhos amendoados repletos de sabedoria e conselhos maternos.

— Não diga bobagem! Nikolaos nunca foi avesso a relacionamentos. Claro, ele não era santo, longe disso. — Revirou os olhos, fazendo-me rir, embora tivesse soado um pouco forçado, dada a pontinha de ciúmes que inevitavelmente senti. — Mas ele nunca se envolvera verdadeiramente com

alguém. Nunca houve alguém por quem ele nutrisse sentimentos. E uma coisa que meu filho não sabe fazer é mentir. Claro que várias tentaram, apaixonaram-se, mas ele jamais fingiria reciprocidade. Não há ninguém nesse mundo mais sincero do que Nikolaos. Bem, ele apenas não tinha achado a pessoa certa.

Eu bem sabia o quanto ele podia ser honesto. A ardência em meu rosto corroborava exatamente com aquilo. Sem papas na língua e muita atitude era o meu grego.

A pontada de esperança de que talvez, apenas talvez, as coisas pudessem dar certo entre nós, surgiu sem pedir licença no meu peito e me vi resfolegar.

— Tenho receio. Meu histórico com relacionamentos em geral não é dos melhores — consegui dizer e, por mais constrangedor que fosse confessar tal coisa para ela, acabei por encará-la outra vez, esperando por mais um conselho dela.

— Eu a acharia uma boba se não tivesse qualquer receio, já que o medo pode vir de traumas passados. Mas se o usarmos ao nosso favor, pode servir de combustível para nos tornamos mais fortes. Além do mais, está apaixonada, é normal se sentir desse modo.

— Acho que sempre fui. — Admiti para a mãe do cara, o que eu não conseguia fazer nem para mim mesma, tampouco para ele. — Nikos não me deu escolha, na verdade. Ele simplesmente chegou, sem pedir licença, e fincou seu lugar em meu coração. Acho que ainda estendeu uma bandeira da Grécia.

Gaia soltou uma gargalhada gostosa, antes de voltar a me encarar com um enorme sorriso. Um de quem parecia saber um segredo ao qual eu desconhecia.

— Exatamente como o pai. Um grego com todos os adjetivos que o precedem. Dionísio não parou de me perseguir, até que eu aceitasse namorá-lo e tivesse me apaixonado perdidamente por ele.

Conseguí sorrir diante o olhar saudoso e apaixonado, um que não me deixava ter nenhuma dúvida de que o marido conseguira com sucesso o que almejava no passado.

— Não sou porta-voz de sentimentos alheios, em especial do meu filho. Mas, querida, não tenho dúvidas de que aquele ali é igual, louca e perdidamente apaixonado por você. Estava claro para mim desde o dia em que te conheci, que ele tinha encontrado aquela com quem queria ficar. Não sei se ele disse isso em palavras, se não, me desculpe adiantar, mas senti

que precisava ouvir isso. Só que quando o momento certo chegar, ele dirá e não restará mais quaisquer dúvidas ou medos, de ambas as partes. Apenas a certeza de que tomou a decisão certa quando se apaixonaram e resolveram dar uma chance de viver essa louca aventura juntos, aventura esta chamada amor.

CAPÍTULO 12



— Então, mais alguma discordância? — Sr. P indagou do outro lado da mesa, em uma reunião marcada alguns dias após a visita à minha casa de infância.

Além do time de advogados representando cada lado, obviamente, meu pai também estava presente, conforme dissera que o faria em nossa última conversa. Motivo pelo qual trocamos olhares diante da pergunta tola do velho.

Obviamente discordávamos, de muitos pontos. Só que nem mesmo a presença de Dionísio Galanis, que todos tinham noção do quanto era intimidador e até aterrorizante em seu modo profissional, fora o suficiente para fazê-lo demover da ideia de acabar com aqueles termos ridículos que impusera.

Pelo contrário, a impressão que eu tinha era de que o infeliz parecia ainda mais determinado em fazer valer cada uma das imposições. Resumindo: aquela negociação cada vez mais me parecia uma negociata do que outra coisa.

Claro, eu sabia que com a *Galanix+* finalizando aquele acordo, seria e muito beneficiada. Mesmo estando no topo, seríamos elevados a um patamar muito mais alto ao que já estávamos há um longo tempo. Tornaríamos-nos basicamente insuperáveis, sem risco de cair. Não apenas perante a concorrência de outras marcas de *streaming*, mas em todos os outros setores da área, como cinema, TV aberta e fechada, um acervo imenso em nosso catálogo já vasto.

Além de uma editora com publicações de quadrinhos, animes e grandes títulos da literatura cujos direitos detinham. Tornando nosso legado ainda maior, um que provavelmente atravessaria gerações.

Aquela “brincadeira” custaria bilhões de dólares para os caixas da empresa, mas era uma estratégia de negócios autossuficiente, uma que se pagaria em pouco tempo. Dado o sucesso de suas franquias e a minha paixão pelos títulos do Studio, em especial os super-heróis por quem cresci apaixonado e inspirado, eu tinha planos para fazer tudo se tornar ainda maior.

Remakes, relançamentos e novas edições remasterizadas para os amantes do 5k ou 6D para começar. Até mesmo parques temáticos, com experiências tridimensionais, trazendo para a vida real toda a magia vista apenas nas telas. As possibilidades do que poderíamos fazer eram infinitas.

Contudo, até que ponto eu seria capaz de ir para transformar aquele sonho em realidade? Valeria à pena arriscar o que tinha de melhor por um sonho ambicioso?

Era o que me perguntava mais e mais a cada dia.

— Já que perguntou, — Brinquei com a caneta, antes de tornar a encará-lo, porque eu não era muito conhecido por segurar minha língua e ficava feliz em ser honesto com quem quer que fosse. — Ainda continuo não compactuando com as estipulações do contrato — completei por fim, apenas para deixar meu ponto de vista claro, caso ele ainda não tivesse entendido. O que eu duvidava muito.

— Concordo com meu filho, Sr. P. Como já deve ter escutado, além de nada ortodoxo, seus termos são risíveis, para dizer o mínimo — papai disse da cadeira ao lado da minha, sem se intimidar nem um pouco também. Meu velho também era muito conhecido por sua língua ferina e honesta. Até demais.

Sr. P. riu do outro lado da mesa, quase imperturbável.

— Risíveis?

— Sim. Para não dizer outra coisa. O que não digo, em respeito por ter sido uma espécie de mentor para mim — meu pai reiterou sem nenhum pesar, e o bastardo assentiu, enquanto parecia ponderar suas palavras.

Embora já tivesse muito dinheiro quando chegou aos Estados Unidos vindo da Grécia, com a esposa e um filho recém-nascido, Dionísio Galanis

decidiu aprender o ofício desde o princípio, antes de começar a construir o próprio império. E por isso considerava Sr. P um mentor.

O velho fora a primeira pessoa a lhe dar uma oportunidade na indústria, mesmo que não tivesse nenhuma experiência na área, além de uma inteligência e gana de aprendizado. Lá, ele conheceu o passo a passo, embora dissesse que também aprendeu o que não fazer, já que viu muitas coisas erradas e outras falhas na *Parvel*.

Óbvio, pois não era à toa que rapidamente o *Studio Galanix* crescera e se tornou maior que o próprio sonho e um sucesso sem precedentes. Muito mais pelo esforço, dedicação e humildade do meu pai, do que qualquer outra coisa, mas absoluto em seu propósito. Contudo, se não fossem os primeiros ensinamentos, talvez não tivesse ido tão longe, tinha que reconhecer.

Para um grego deixar o amado país, sua casa, bem como toda a família para trás, já era o suficiente para dizer o quanto a paixão que o movia era grande. E, comprar a *Parvel*, também era um modo que encontrei para presenteá-lo. Uma forma de lhe mostrar o quanto venceu, de modo que deteria o Studio onde tudo começou. Não que ele precisasse de um lembrete, porque sabíamos o quanto era vitorioso, era mais um troféu para si, dos muitos que merecia. Mas era um que queria acrescentar ao seu legado.

E com aquele pensamento em mente, acabei abrindo a boca para falar o que talvez não devesse: — Além do mais, considero como uma espécie de

coação, ao vê-lo tentar impor uma pressa ao que espero o momento certo para acontecer. E não por pura imposição.

— Então agora existe uma namorada? — ele riu outra vez, o som falso, fazendo minha mandíbula se apertar e fingi que não entender a insinuação em seu tom.

— Estou disposto a dobrar a oferta inicial, mais do que generosa.

— Fundei essa empresa quando era muito mais novo que você — ele inclinou-se para frente em sua cadeira de couro, a cabeça inclinada, o sorriso cuidadosamente colocado nos lábios pintava seu rosto envelhecido, enquanto sequer piscava ao falar comigo.

Concordei, como se não tivesse escutado nada daquilo milhões de vezes ou não fizesse a menor ideia de como dirigir uma empresa de sucesso como a que herdei a cadeira do meu pai.

— Não posso mudar de mãos, sem ter a certeza de que continuará sendo o que é, um negócio de família. Por mais generosa que a oferta seja.

Meu pai apertou a ponte do nariz, em um gesto nervoso. Nós sabíamos que era uma besteira total. Uma tática para tentar nos fazer pagar mais, mesmo que já tivesse conseguido e fosse quase uma estupidez da minha parte fazê-lo. Sr. P estava pronto para vender, mas para seu azar, não existia ninguém com o poder para pagar mais do que nós. No entanto, não queria facilitar.

— Como eu ia dizendo — ele continuou, completamente alheio aos sussurros dos advogados ao seu lado, discutindo o novo montante astronômico oferecido. — É interessante ouvir você mencionar uma namorada, quando não lembro de tê-lo feito nenhuma vez desde o início das negociações.

— Sou cauteloso com a minha vida particular. Prefiro deixá-la onde deve ficar, no privado. E como você mesmo disse, estamos falando de negócios e não da minha vida pessoal. — Rapidamente completei, tentando não soar grosseiro e dei de ombros como se não fosse nada demais. — E pelo visto, o senhor não deve acompanhar as notícias ou redes sociais, já que mesmo sendo precavido, meu relacionamento esteve aos olhos do público. Vez ou outra somos vítimas do meio e acabamos tendo nossa intimidade um pouco exposta. O senhor deve imaginar, já que passa pelo mesmo com a sua família.

Aquela informação cirúrgica pareceu interessá-lo, já que alçou a sobrancelha, o olhar experiente brilhando com curiosidade repentina. O mesmo eu não podia dizer de meu pai, que gostava cada vez menos daquela conversa, dado o exalar nitidamente descontente que lhe escapara vez ou outra.

— Realmente não costumo acompanhar o que sai por aí. Os jornalistas, para mim, não passam de fofoqueiros que tem fome de propagar inverdades, com único intuito de lucrar e destilar ódio. Tenho problemas mais importantes e maiores para me preocupar, do que lidar com esse bando de abutres e coisas tão triviais do tipo.

Como as denúncias de assédio moral e sexual, que andavam circulando e sendo constantemente abafados pela Parvel, claro!

Obviamente apenas pensei aquilo e mordi os lábios para não dizer a verdade como gostaria. Mesmo que talvez devesse. Ao invés disso, me limitei a falar: — Sim, eu imagino.

— De qualquer modo, o que acham de ir até minha casa? Comprei uma nova propriedade em *Bel Air*^[xx], uma mansão magnífica, com uma linda vista e tenho certeza de que vão se apaixonar. Vamos adorar receber vocês, Gaia, e claro, a sua *eleita*, Nikolaos.

Putá que pariu!

Assim como aconteceu em relação aos meus pais, não estava nem um pouco preocupado em tentar vender nosso relacionamento como autêntico, porque de fato era. Para mim não existia nada mais verdadeiro do que meus sentimentos por Maria Black.

Só que a ideia de passar um tempo com Sr. P e a família em sua casa, parecia menos sedutor do que brochar na hora “H”. Afinal, estaríamos na toca do leão e qualquer descuido, por menor que fosse, poderia colocar em xeque todo progresso que obtido juntos.

— O que vocês acham? — Senhor P. se dividia em olhar de mim para meu pai, ansioso por uma resposta. — Tenho certeza de que Gina vai ficar em êxtase em rever Gaia, já que faz muito tempo que não se encontram — disse, referindo-

se a sua esposa e não me passou despercebida a leve contração de lábios que meu pai deixou escapar, mas que rapidamente encobriu.

A verdade era que minha mãe não era muito fã da mulher, então costumava fugir dos convites da esposa do velho. Claro, ela era gentil a cada encontro, mas certamente não ficaria muito feliz quando soubesse que nem mesmo teria chance de refutar a “convocação”.

Suspirei, ao mesmo tempo em que assisti as sobrancelhas de meu pai alçarem, não muito convencido de que era uma boa ideia e fiz o mesmo com a minha, em uma pequena persuasão silenciosa. Balançando a cabeça levemente, ele disse com o simples gesto o que provavelmente gostaria de dizer sobre todo o negócio, mas não poderia recuar estando tão próximo.

Não recuaria. Não podia. Era um Galanis, ora. Um verdadeiro grego. E mesmo que estivesse sendo um pouco petulante e muito arrogante, faria tudo aquilo dar certo.

— Tudo bem. Será um prazer visitá-los — fingi um sorriso entusiasmado, embora fosse longe de como me sentia de fato.

— Sim. Será interessante — meu pai completou, com um tenso sorriso nos lábios.

Duvidava muito daquilo.

Enquanto o Sr. P. seguiu falando dos planos futuros, meu pai me dirigiu um olhar que me dizia que teria muito para ouvir quando a reunião enfim terminasse.



Enquanto o motorista dirigia para casa de Max mais tarde aquele dia, refletia sobre tudo, depois conversar com meu pai por algum tempo após finalizarmos a pauta do dia com o Sr. P. Não foi uma conversa fácil. Mais como uma pílula difícil de engolir, mas achei mesmo ter sido necessário escutar tudo que foi dito não apenas sobre o futuro da *Galanix+*, mas também o meu.

Comprar a *Parvel*, seria um grande trunfo para todos nós. Basicamente uma grande quebra de todos os recordes do setor. Não estava pronto para renunciar àquilo, por mais arriscado e ridículos que fossem os termos envolvidos.

Em contrapartida, também não estava disposto a ceder em nada do que queria para minha vida pessoal. Por causa daquilo, estava decidido a sentar e conversar com Max assim que chegasse ao seu apartamento. Contaria a ela toda a verdade, mesmo que algumas das coisas não pudesse sequer mencionar, por causa do *Contrato De Não Divulgação*^[xxi] que assinamos previamente ao início das negociações, mas confiava nela para tal.

Faria questão de deixar claro que nada daquilo tinha a ver conosco, tampouco nos atingiria de algum modo. Lógico que não. Jamais permitiria que alguém ou qualquer coisa se interpusesse em nosso caminho.

Mesmo com suas reticências iniciais, chegamos a um ponto da relação que era quase impossível que ela não soubesse exatamente o significado do que tínhamos. Caso ainda houvesse quaisquer dúvidas, ficaria feliz em lhe dizer com palavras e provar a verdade, se preciso fosse. De muitas formas.

Girei a chave da sua fechadura, mais uma vez repetindo para mim mesmo que mandaria trocar por uma por senha e digitais, por serem mais seguras, e me lembrar de também pedir um relatório da segurança que coloquei na sua cola desde que começamos a namorar e ela ficou mais visada.

Era mais uma manobra para tentar me acalmar, embora gostasse mesmo de saber que estava protegendo-a da minha maneira. Como um bom grego, eu cuidava dos meus. E não tinha dúvidas de que aquela mulher era minha, em todos os sentidos da palavra.

Contudo, toda a conversa ensaiada desapareceu no exato instante em que a encontrei deitada no seu sofá, chorando copiosamente.

— O que houve? — Cheguei até ela rapidamente em poucos passos, fios de pânico enrolando-me, me cercando tipo novelos de teia de aranha.

Ao invés de me responder, Max se agarrou a mim, como se fosse um bote salva-vidas. Por um tempo continuou a chorar, sem dizer nada, mas não a empurrei, embora matasse-me aos poucos seu lamento doloroso. E foi quando abriu a boca para começar a falar, que entendi que não seria tão fácil contar toda a verdade que pouco antes estava determinado a lhe abrir.

Não quando haviam mentido para ela a vida toda.

CAPÍTULO 13



Quando a mãe de Nikos sugeriu que eu procurasse ajuda profissional para lidar não apenas com meus problemas familiares, mas também pessoais, embora nunca tivesse feito algum tipo de terapia antes, senti que era realmente o que precisava. Só não imaginei que, quando o fizesse, descobriria coisas que nunca imaginei serem verdade.

Disfarçar emoções foi uma especialidade que comecei a aperfeiçoar quando ainda era uma criança. A princípio, em uma tentativa de não preocupar meu pai com as minhas besteiras e inseguranças infantis, por volta dos nove anos. Àquela altura, ele já tinha sido diagnosticado com

diabetes e começava a sofrer as consequências da doença. Eu não queria ser mais um motivo de preocupação para quem já aguentava tanto sozinho.

Foi também a maneira que encontrei de tentar me blindar, porque todas as vezes que permiti que se aproximassem, acabava machucada.

Talvez por isso também relutei tanto me envolver com Nikolaos.

Então dar início às consultas e confessar a alguém, mesmo que um profissional, coisas que mantive guardadas para mim mesma, acabou por derrubar os muros de proteção nos quais preferi me manter escondida, em segurança, ao longo de toda a vida. Em especial após perder meu pai, a única pessoa com a qual pude contar desde que nasci, ainda que até mesmo com ele eu fizesse o papel de mocinha segura.

Como era esperado, não demorou para Rachel me procurar mais uma vez pedindo ajuda. Não tinha mais quaisquer dúvidas sobre a toxicidade do nosso relacionamento, porém a terapia também ajudou a fazer aquilo ainda mais claro. Por mais difícil que fosse, resolvi seguir os conselhos recebidos e assim tentar sair daquela dinâmica problemática e dependente na qual vivíamos.

O acompanhamento também vinha ajudando, mesmo que aos poucos, a me abrir, arriscar, assim como ter coragem de expressar o que

gostaria de dizer em voz alta e apenas não guardar para mim mesma, como cresci me moldando a fazer. Bem como a dizer “não”, quando sabia que estava fazendo um favor a nós duas por enfim adotar aquela atitude.

Claro, eu sabia que não seria fácil negar-lhe “ajuda” àquela altura, quando Rachel e eu vivíamos naquele círculo vicioso, em que eu sempre acabava cedendo e dava o que pedia. Também sabia que ela não reagia bem a negativa, ainda assim, não estava preparada para a jornada de insultos e julgamentos que saíram de sua boca.

Mesmo sendo extremamente difícil, mantive-me firme na decisão e aguentei calada até mesmo os impropérios e adjetivos nem um pouco lisonjeiros. Só que algo que dissera ficou preso em minha mente.

— Você me deve!

Eu lhe devia?

Não fazia ideia do que, já que passei os últimos anos apagando seus incêndios.

Não sabia explicar o motivo de uma simples frase mexer comigo, a ponto de me fazer perder o sono. Por um tempo, pensei que talvez, em sua cabeça doentia, Rachel poderia me ver como uma espécie de rival, alguém

que roubou o lugar dela de filha. Só que, por mais egoísta que fosse da parte dela vir a pensar daquele modo, algo dentro de mim dizia não ser ciúme o motivo do que me disse.

Sentia-me tão incomodada, que pensei até mesmo em ligar para Rachel para confrontá-la e esclarecer o fato, mas ao invés disso marquei uma sessão extra de terapia. Achei mais sensato — e saudável — evitar qualquer gatilho que uma ligação pudesse disparar.

O psicólogo supôs que pudesse ser uma espécie de manipulação emocional da parte dela, que em seu desespero de conseguir o que queria, recorreu à chantagem, às mentiras impiedosas e à manipulação. Ainda assim, sugeriu que eu pensasse a respeito do nosso relacionamento. Especialmente no passado, e que eu procurasse buscar algum momento em que ela utilizara daquele subterfúgio e por causa daquilo deixara-me como fiquei após ouvir aquelas palavras.

Claro, também podia não ser nada, apenas uma forma de autopunição que estava infligindo em mim mesma. Um modo que encontrei de me machucar pelo simples fato de tentar sair do vínculo totalmente dependente no qual vivíamos.

Como Rachel costumava estar constantemente longe de casa antes do papai expulsá-la, eram poucas as recordações que eu tinha dela como família normal. Para não dizer quase nenhuma. Por esse motivo, quando cheguei em casa depois da sessão, fui atrás da caixa de fotos e lembranças que costumava guardar no fundo do armário.

Minha mãe adorava montar *scrapbooks*^[xxii], passava todo o tempo livre que tinha montando cada pequeno detalhe, personalizando à sua maneira. Ela era mesmo ótima naquilo e adorava começar um novo projeto. Tanto que tínhamos álbuns divididos por tema: idade; aniversários; viagens; ano escolar... tudo era motivo para que inventasse uma nova categoria que ainda não existia. Acho que dedicar-se ao *hobby* era a maneira que encontrou de se distrair com a ausência e preocupação constante com a filha mais velha.

Sorrindo, um tanto emocionada, verdadeiramente tocada com as lembranças tão únicas, o cuidado, capricho, eu quase não reparei algo que sempre esteve diante de mim. Uma foto me chamou a atenção, uma que eu já tinha visto tantas vezes, ainda assim não notara algo escondido.

Era do dia do meu nascimento, onde meu pai sorria comigo em seu colo, um pequeno pacote rosado, embrulhado em uma manta e touca quase da mesma cor.

Ele parecia feliz, orgulhoso e a imagem fez com que sentisse ainda mais saudades do meu companheiro e melhor amigo. Foi então que me vi acariciando com um único dedo o rosto dele eternizado no papel, que acabou preso ao adesivo que encobria as laterais da fotografia um pouco desbotada.

Temendo rasgar aquela preciosidade, tentei ajeitar, mas eu não era nem um pouco jeitosa com o trabalho manual, como minha mãe costumava ser. E na minha tentativa falha de consertar, acabei descolando o adesivo por completo. Quase chorei de frustração e foi então que no canto da imagem, bem lá no fundo, conseguir distinguir uma figura deitada em uma maca.

Era uma Rachel mais jovem do que eu me lembrava de já ter visto.

Fiquei confusa em um primeiro momento, mas uma olhada ao redor e também na página seguinte e na anterior bastou para que eu percebesse que não tinha nenhuma fotografia da minha mãe comigo no dia do parto. Tampouco grávida de mim. Apenas uma foto focada na barriga avantajada e nada mais.

Foi então que entendi tudo: Rachel não era realmente minha irmã, mas, sim, mãe biológica.

A descoberta, mais do que inesperada, fez minha cabeça latejar de tal maneira ao tentar processar a informação, que me senti tonta. Busquei o ar e não encontrei, aquela dor pungida incomodando o peito. A mentira de toda uma vida me apertando, esmagando, ferindo.

Não sabia o que fazer a seguir. Tampouco o que pensar. Tinha tantas perguntas e uma única pessoa poderia respondê-la, e, depois da nossa última interação, eu não tinha tanta certeza de que conseguiria qualquer ajuda.

Ainda assim eu precisava tentar. Precisava de respostas e por isso não pensei mais do que o necessário antes de pegar o telefone e procurar pelo nome de Rachel na agenda, antes de pressionar para completar a ligação.

Com o coração batendo fortemente, segurei a respiração já escassa e esperei o som da chamada, mas fui recepcionada pelo correio de voz. Não era uma desistente, insistiria. Tentei outra vez e, depois de alguns toques, ela finalmente atendeu.

— O que quer, Max?

Não me intimidei pelo tom frio e nada receptivo. Tampouco pelo desconforto que me causou apenas o som da sua voz, após a descoberta.

Existia a chance de aquela mulher me dar a explicação de que eu precisava. Mas também existia a chance de ela bater o telefone na minha cara e manter a verdade apenas para si, por puro desejo de se rebelar contra minha negativa de ajuda.

Resolvi ser direta, porque não podia continuar com aquilo me assombrando.

— Rachel... você é minha mãe biológica?

O telefone ficou mudo e ainda assim era possível ouvir o som forte da sua respiração. O silêncio desconfortável que se seguiu poderia ser o suficiente para ser considerado como resposta, mas pelo visto ela tinha mais a dizer e, com o coração acelerado, ouvi.

— Eu tinha dezessete anos. Era irresponsável. Vivia na estrada. Não tinha condições de te manter. Você foi como a segunda chance deles.

Passei a vida toda ouvindo aquilo, mas apenas porque achei que Rachel já estava meio que perdida e eles eram mais velhos quando nasci. Não esperavam que um novo bebê chegasse àquela altura, e fazia sentido, já que quem me trouxe ao mundo foi Rachel, e não um milagre pré-menopausa.

— Quando me ligou a primeira vez, achei que era por causa disso e não porque papai estava doente. Depois você não disse nada e presumi que não quisesse tocar no assunto. Nunca tive a intenção de esconder. Na verdade, jamais imaginei que não soubesse, apenas pensei que não se importasse ou tivesse medo de um confronto, não sei. Ou eu tinha. — Ela suspirou fortemente, antes de prosseguir com a voz um pouco mais fraca e rouca: — Embora tenha minhas mágoas, tenho ciência de que fizeram o melhor para você. Eles se empenharam para que fosse quem é, para ser diferente de mim. Ser mantida longe foi o mínimo que poderiam fazer para que tivesse a vida que eu deveria ter lhe dado. Posso não ter melhorado muito, mas as coisas eram ainda piores antes. Eu queria ter ficado com você, mas seria ainda mais irresponsável da minha parte e eles a queriam. Ter permitido que a adotassem talvez tenha sido a maior prova de amor que eu poderia ter te dado como mãe.

Resfoleguei. Meu corpo curvado, cotovelos sobre os joelhos, eu lutava por uma golfada de ar, que parecia não ser capaz de vir.

Mesmo depois de tudo que dissera, ainda estava sem acreditar. Era demais. E ainda que me considerasse uma pessoa forte, talvez não estivesse preparada para a verdade.

Uma que fora escondida de mim por toda a vida.

— Eu não fazia ideia. Eles deveriam ter contado — consegui balbuciar, em meio a lágrimas que caíam incessantemente.

— Achei que contariam em algum momento, claro, mas talvez papai tenha perdido a coragem quando mamãe morreu. Em defesa dele, acho que não queria que se preocupasse comigo ou que tentasse me resgatar como tinham feito até que eu fosse expulsa de vez de casa. E ele ficou doente, talvez tenha pensado que seria mais um fardo para que carregasse sozinha. Independentemente disso, você acabou bem, Max. Mais do que bem. Pode parecer insensível e frio, mas hoje tenho mais do que certeza de que tomei a decisão certa ao deixá-la com eles, ficando fora do caminho de vocês.

Tinha mesmo acabado bem?

Eu não tinha tanta certeza.

Balançando a cabeça, eu chorei por alguns minutos e Rachel se manteve na linha, em silêncio, como quem aguardava uma permissão para prosseguir ou apenas quisesse estar perto, de algum modo. Eu não queria falar, mas também não pensei em desligar em um primeiro momento. Havia algo de reconfortante e também familiar em tê-la ali, mesmo que não fisicamente.

Ainda que tenhamos tido um breve tempo de convivência, sempre amei meus pais e era grata por tudo o que fizeram por mim. Só que depois de ouvir o que esconderam, sentia que precisava de um tempo para assimilar e perdoá-los por levarem aquele segredo para o túmulo.

— Max, eu posso ir na sua casa? Para conversarmos um pouco mais? Sinto que preciso estar com você... Não estou muito longe... Er... Posso?

— Rachel perguntou com certa hesitação, depois de mais alguns segundos silenciosos, e fechei os olhos, apertando-os com força.

Balancei a cabeça, negando, embora ela obviamente não pudesse ver meu gesto. Só depois de respirar fundo e enxugar o rosto banhado de lágrimas, consegui responder.

— Não agora. Preciso de um tempo para digerir tudo isso. É um pouco demais no momento.

— Tudo bem. Eu respeito. Lamento que tenha descoberto dessa forma. E entendo que não queira me ver agora, sei que estou longe de ser perfeita e não tenho sido nada além do que um peso para você. Mas estou falando sério e quero mudar isso. Sem máscaras, pedidos financeiros, sou apenas eu, pedindo uma oportunidade para falarmos sobre isso quando estiver pronta.

Não podia negar. Gostei de ouvir aquilo. Talvez, pela primeira vez, senti verdade em suas palavras.

— Eu vou querer isso, Rachel. Te ligo quando estiver pronta.

— Vou esperar... Fica bem, certo?

— Tudo bem. Você também.

Eu me preparava para desligar, quando tornei a acrescentar: — Juro que não quero te manter longe. Só quero que saiba disso. Você é minha família, Rachel.

Ouvi-la chorar me deu a certeza de que eu dissera a coisa certa. Não planejei nada daquilo, mas algo dentro de mim me fez recordar que, independentemente da nossa história e problemas, aquela mulher era a mesma que me dera à luz e cujo o sangue corria em minha veias, por isso me senti compelida a lembrá-la daquele fato. Talvez precisássemos nos lembrar daquilo.

Mas uma coisa de cada vez.

Quando Nikos chegou, eu tinha recém desligado o telefone e ainda tentava assimilar a descoberta, por isso não fui até ele recepcioná-lo como de costume. Quando se aproximou, eu tremia em meio às lágrimas que

ainda derramava, e se fosse qualquer outra pessoa além dele, não deixaria se aproximar. Tampouco permitiria que me segurasse em seus braços como ele o fez.

Provavelmente também fugiria de uma conversa, mas talvez a terapia estivesse mesmo começando a surtir efeito ou apenas era por causa dele, porque assim que consegui me acalmar me vi revelando tudo. Desde a conversa com sua mãe e a sugestão dela de que eu procurasse ajuda profissional. Minha relação um tanto abusiva com a mulher a qual achei ser minha irmã. E como descobri que ela era na verdade quem me trouxera ao mundo. E por fim a nossa conversa com promessas de resoluções futuras.

Nikos ouviu tudo calado, me segurando, e quando terminei de falar, disse que eu precisava relaxar e por isso nos preparou um bom banho.

— Se sente um pouco melhor? — perguntou um pouco depois de me mimar, ambos mergulhados na água morna envoltos por lavanda e camomila.

Estava tudo quieto e eu podia sentir seu coração batendo contra minhas costas. Não era nada sexual ou urgente, mas uma proximidade e um sentimento de pertencimento um ao outro. Uma conexão profunda. Um

mundo só nosso. Um em que eu estava aninhada em seu peito e inevitavelmente sorri na fraca luz do ambiente.

A forma que ele me segurava em seus braços, era como se não quisesse me soltar. Também não queria que o fizesse, porque além de amar me sentir protegida de tudo, talvez voltasse a desmoronar. E como uma pessoa acostumada a aguentar a barra sozinha, ineditamente não queria passar por aquilo sem ninguém. Queria fazer aquilo com ele.

Não gostaria de arriscar perder o controle que ele pareceu me trazer. Sentia-me melhor, mas a chocante descoberta ainda era demais para mim e eu não queria pensar muito. Só ficar ali e fingir que não existia nada além de nós.

Enquanto me massageava com um óleo cheiroso, não conversamos porque há momentos em que o silêncio era o melhor conforto. Mas depois de quase uma hora ali, com nossas peles começando a enrugar, talvez me sentisse pronta para dizer alguma coisa que não fosse relacionada ao assunto.

— Estou, mas não quero pensar nisso. Só quero fugir um pouco... estar com você. — Eu me virei e, sem o menor constrangimento, o montei, ficando de frente para ele, e o beijei rapidamente em seguida.

Nikos sorriu, parecendo satisfeito com a nova posição, mas não avançou. Foi então que algo pareceu passar naquelas órbitas azuis, talvez medo, preocupação, só que ele logo disfarçou. Sem desviar o olhar, colocou uma mecha do meu cabelo que se desprendera do coque atrás da orelha.

— Tenho uma ideia... o que acha de fazermos exatamente isso? Fugirmos um pouco?

— Como assim? — perguntei, mordendo os lábios, curiosa com a proposta. E tentada para dizer o mínimo.

— O aniversário da matriarca dos Galanis é nos próximos dias. Já deve ter reparado como nós, gregos, levamos a sério essa coisa de festividades familiares, certo? É basicamente uma regra tácita da família, nunca podemos deixar de estar presentes nessas comemorações. Em especial da *Yaya*^[xxiii], que passou dos 80 e não admite que ninguém se ausente em hipótese alguma — disse isso rodeando minha cintura.

— O que significa?

— Você entendeu. — Ele revirou os olhos, como se fosse óbvio, ainda assim explicou melhor aonde queria chegar. — O que acha de irmos para a Grécia um pouco antes da data, ficarmos na minha Ilha? Então depois vamos a Mykonos para comemorar o aniversário da vovó Ophelia?

— Ir para a Grécia? Com você? E conhecer o restante da sua família?

Não hesitei em perguntar, rápido demais, talvez, ansiosa também. Meus olhos ainda grudados aos dele, esperando por mais. E tentando disfarçar a ansiedade que me acometeu, mordi a pelinha da minha unha.

Nikos riu, o que acabou me fazendo relaxar mais um pouco, apesar de todo o estresse das horas anteriores. Ele então voltou a ficar sério, colando nossas testas e se afastou em seguida.

— Claro que é comigo! Amor, estamos juntos. Lógico que quero que conheça minha família. Além do mais, é bonitinho que pense que tem uma escolha de ir ou não. A única coisa aqui que está aberta à negociação é irmos antes da festa passar uns dias relaxando na Ilha de Gaia.

— Convencido.

Nikos deu de ombros, mas não negou, porque sabia que eu estava certa.

— Tem certeza? — perguntei depois de um segundo ou dois de ponderação, já um pouco distraída por sua beleza, as mãos grandes me acariciando.

Ele beijou minha têmpora e encostou a bochecha na minha.

— Não entendeu a parte que eu disse que é uma regra tácita da família estarem todos presentes? Ela também passou a se aplicar a você. Então sim, eu tenho certeza que te quero comigo. E sempre vou querer. Nunca tenha dúvidas disso. Nunca.

CAPÍTULO 14



Embora tivesse nascido na Grécia, fui criado nos Estados Unidos durante toda a minha vida. Só que não apenas meu sangue, mas também meu coração eram completamente gregos.

O amor que um grego sente pela terra natal é tão intenso que até quem não é de lá vivencia a emoção quando pisa no nosso país. Obviamente, gostaria de poder estar mais presente e ir mais vezes, mas por conta do trabalho, as oportunidades e o tempo têm se tornado cada vez mais raros. O que é uma pena, porque o grego em mim sente cada vez mais saudades de casa.

Tínhamos chegado à minha ilha há cinco dias e no dia seguinte iríamos para Mykonos, onde encontraríamos toda a família Galanis para celebrar o

aniversário de *Yayá*. Depois iríamos para casa, porque apesar de ter sido minha ideia tirarmos uns dias de “férias”, teríamos de retornar mais cedo do que o esperado. Embora já tivesse prometido para Max que não demoraríamos a voltar.

Olhando-a deitada de biquíni na espreguiçadeira com um livro na mão, senti o pau ficar pesado, ao me lembrar do que fizemos na última madrugada naquelas mesmas areias. Max nua, me cavalgando à luz do luar seria uma memória que carregaria para sempre. Bem como o desejo de viver tudo e muito mais ao lado dela.

Mesmo que estivesse acostumado a ver belas mulheres e já ter me envolvido com a maioria delas, para mim não existia nenhuma mais bonita no mundo. Talvez porque não tinha somente a ver com a aparência, mas, sim, com o conjunto da obra. Inteligente, corajosa, determinada, forte.

E havia também o outro lado, a doçura e meiguice por trás do nariz empinado, que me deixava louco. Aquele lado que me fazia desejar protegê-la com a minha vida, se preciso fosse.

O que eu faria sem pensar duas vezes.

Porque era assim que uma pessoa que amava a outra se sentia.

E eu a amava.

Desesperadamente.

Loucamente.

Flagrando-me olhando-a sem nenhum constrangimento, ela sorriu, timidamente, embora o brilho no olhar me dissesse que seus pensamentos não eram nada tímidos.

— O que está pensando?

— Estou pensando que talvez devesse começar a considerar nos mudar para a Grécia. Assim podia tê-la só de biquíni na praia. Ou melhor, nua.

— Por mais tentador que seja, sabemos que você nunca sairia da Califórnia. Não apenas porque teria que desarraigar toda a sua empresa, mas porque é lá que as coisas no nosso meio funcionam.

—Eu sei. — Exalei fortemente, porque sabia que ela tinha razão.

Embora gostasse muito da ideia de fazer da Grécia um lar permanente, não poderia fazer aquilo com a *Galanix* +. Além do que, como Max disse, nosso ramo era sinônimo de Hollywood. Meu pai se fixou lá por esse motivo, caso contrário nunca teria partido. Eu estaria mijando por todo o legado da minha família se fizesse aquilo.

— Ok. Sem mudanças de endereço. Mas talvez devamos considerar a coisa de nos livrar das vestimentas — soltei, em parte brincando, em parte de verdade.

Max riu com vontade e eu só queria acabar com a distância que se tornara um obstáculo para tocar no seu corpo. Eu não parei de tocá-la desde que chegamos, não tirei meus olhos dela. Ainda assim queria mais.

Felizmente, ela não parecia nem um pouco incomodada com aquilo, e me fazia sentir menos culpado testemunhar que era recíproco o desejo dela de não se manter longe de mim.

Como quem não quer nada, ela levantou e se sentou, um pouco mais ereta. Descansou um cotovelo na mesa, sua mão enrolada em uma taça quase vazia de suco enquanto ela me bebia com o olhar. Meu coração se esqueceu de bater por alguns segundos quando nossos olhos se encontraram. Sob a luz do sol, seus olhos eram quase da mesma cor do mar com as menores manchas de marrom. Fascinante, hipnótico. E de uma forma que não conseguia explicar, eles pareciam dizer que não importava onde estivéssemos, aquela mulher era minha casa.

— Nikos. — Meu nome sussurrado só atiçou ainda mais a vontade de puxá-la para mim.

Então foi exatamente o que fiz e, sem aviso prévio, trouxe-a para o meu colo, esmagando seus lábios com um beijo, ao passo que agarrava a bunda quase nua. Correndo minha mão pela frente de suas coxas, segurei o monte de carne febril e em seguida esfreguei em círculos o clítoris inchado, ainda encoberto, e ela gemeu. Estava prestes a prová-lo se meu telefone não tivesse começado a tocar.

A vontade de ignorar e esquecer tudo e qualquer compromisso era grande, mas minha mulher não parecia pensar da mesma maneira. Max se afastou com a respiração forte, as bochechas rosadas e, ao pôr-se de pé, seu olhar caiu para a luz piscando e o toque alto na chamada em espera.

— Atenda. Te espero no banho — ela disse, já em sua caminhada para casa, e eu xinguei baixinho, imaginando a cena e eu longe daquele espetáculo.

— Max?

Ela voltou a se virar na minha direção e, segurando a mão dela, senti a necessidade de lhe dizer.

— Sou louco por você.

Seus olhos brilharam, da forma mais brilhante que poderia haver, e ela sorriu timidamente. Não foi a primeira vez que senti como se quisesse dizer algo, mas como das outras vezes, ela engolia o que queria falar e então se virou, antes de seguir seu caminho para dentro.

Eu sabia que deveria confessar mais também, só não conseguia ainda. O que era patético.

Tínhamos muito a dizer, na verdade.

Eu tinha que contar tudo a ela. Não queria que achasse que estava mentindo ou escondendo qualquer coisa. Muito menos que a estivesse usando de

alguma maneira. Só que, por mais certo que estivesse em não querer esconder nada, especialmente depois do que descobrira sobre sua verdadeira origem biológica, tinha medo.

Medo de perder a melhor coisa que tinha.

Medo de perder a mulher que eu amava, o amor da minha vida.

Meu tudo.

Atendi a chamada, sentindo-me acelerado, puto comigo mesmo, um tanto frustrado também. Enquanto ouvia e comecei a falar de negócios, inalei o rastro do seu perfume na minha pele. Já sentia sua falta.

Era como se nada mais importasse quando estávamos juntos, porque meus pensamentos sempre orbitavam ao redor dela, como se ela fosse a porra do sol. E era mesmo.

Aquilo me atingiu com força. A enxurrada de razões reais pelas quais adiar a conversa que tínhamos que ter poderia ser letal para nós. Não poderia permitir que nada se interpusesse em nosso caminho. Só que, por mais sensato que eu gostaria de ser, eu tinha a sensação de que ela precisava entender aquilo e ter a certeza dos meus sentimentos, caso contrário poderia perdê-la em breve.



Depois de desligar a chamada, fui em direção ao banheiro da nossa suíte, determinado a aproveitar aquele banho que soara como a promessa do paraíso. E então, finalmente, depois colocaria as coisas em pratos limpos.

A hora de contar toda verdade chegara.

Não ia adiar mais.

Só que quando entrei no quarto, Max estava sentada na cama, vestida com o roupão e uma toalha enrolada na cabeça, e, diferente de minutos antes, ela não parecia ansiosa para estar a dois segundos de se tornar minha refeição sexual. Pelo contrário, ela parecia arrasada, como se tivesse passado os últimos minutos chorando.

— O que aconteceu? — Minha voz a sobressaltou e o olhar cheio que lágrimas me quebrou.

— Er... nada — sussurrou a resposta, ao passo que tentava enxugar os olhos, em vão.

— Não faça isso. Não minta para mim.

Aproximei-me devagar e senti uma certa relutância da sua parte, o que obviamente me magoara. Não esperava aquilo, ainda assim, não me deixei intimidar e me sentei ao lado dela, determinado a não permitir que me afastasse

ou se escondesse de mim. O tempo de me manter distante terminara. Tinha prometido a mim mesmo que não haveria nada que pudesse se interpor em nosso caminho.

— Eu tenho que te dizer uma coisa.

Sentei-me completamente ereto, antes de me virar de frente para ela, cruzando os braços no peitoral, com intenção de segurar a mão que coçava para tocá-la.

— O que está acontecendo, Max? O que houve?

— Não aconteceu nada — ela soltou, antes de rapidamente se corrigir: — Não agora, pelo menos. Eu só preciso te contar algumas coisas do meu passado.

— Ei, sou eu. — Levantei sua mão para a minha e beijei o topo. Ela tremia.

Nem mesmo depois de descobrir que Rachel na verdade era sua mãe, Max tinha ficado tão nervosa. Claro, não foi fácil para ela, ainda assim ela vinha reagindo bem. Talvez por conta da terapia. Até aquele momento, ela estava animada com a viagem. Então vê-la daquele modo estava me deixando cada vez mais nervoso. Não fazia ideia do que esperar.

Virando para o outro lado, sua atenção estava voltada para o mar azul visível pela porta de vidro da varanda.

— Eu te contei que comecei a trabalhar cedo, para ajudar com as despesas de casa, certo? — A voz soava um pouco distante quando começou a falar, bem como senti que ela estava.

— Sim. Seu pai já estava doente e você começou a fazer um turno na lanchonete.

Max assentiu, mas ainda não estava olhando para mim. Não me aproximei mais ou forcei, esperei seu tempo para que continuasse. Por mais que me matasse por dentro.

— Depois de um tempo, consegui uma vaga como assistente em um grande Studio, mas eu era basicamente a moça do cafezinho. Achei que era uma boa oportunidade, já que estando lá estaria mais perto de trabalhar no que queria, e então fiquei. — Ela deu de ombros, como se não fosse nada de mais, mas o peso que via no gesto me dizia que o contrário. — Trabalhava demais e o salário era péssimo, mas não me queixava. Eu tinha o propósito de crescer e não seria aquela a reclamar da oportunidade que *achava* estar tendo.

— Achava? — Tive que perguntar, quando notei o estremecimento na sua voz.

— Eu conheci alguém.

Engoli em seco, não gostando nada daquela conversa. Em especial o sorriso triste que me dirigiu, embora ainda não tivesse coragem de me encarar.

— O cara era um figurão de lá... Bonito, charmoso. Ele me paquerou por um tempo, mas nada muito alarmante, só era chato e um pouco incômodo. Não até ele começar a se irritar com a minha negativa.

Putá que pariu!

Fechei os olhos, antes de respirar fundo, com a intenção de tentar me manter sob controle. Mas parecia mais difícil a cada nova palavra que ouvia.

— Ele passou a me perseguir — voltou a falar, depois de esperar uns segundos para se recompor. — De verdade. Não era mais como alguém que está interessado, sabe? Mais como uma espécie de maluco que não aceitava “não” como resposta.

Rangi os dentes, a ponto de sentir dor, mas não me importei. Não quando sabia muito bem para onde caminhava aquela conversa. E não gostava nem um pouco.

— No final de um dos turnos noturnos, ele me encurralou na saída. Não vou entrar em detalhes, porque você certamente não vai querer ouvir, tampouco quero falar, mas felizmente consegui começar a gravar o que aconteceu e escapei sem muitos danos. Só alguns arranhões e machucados. No dia seguinte, voltei ao *Studio* apenas para pedir demissão e mostrar a prova que tinha para o chefe do RH. Ele deu alguns telefonemas e foi então que o dono do *Studio* veio até mim com uma proposta. Eu não queria escândalo, até por conta da saúde frágil de meu pai e também porque sabia que poderia dar um tiro no meu próprio pé e na

carreira que mal tinha iniciado. Muito menos ele queria o nome do próprio filho na mídia, então propôs o seguinte: ele me conseguiria um emprego no setor em outro lugar, custearia toda a minha graduação e como bônus ainda pagaria uma espécie de indenização. Em troca, eu não faria nenhuma denúncia oficial e me manteria calada. Tudo o que eu tinha que fazer era assinar.

Meus lábios se comprimiram e pude sentir o gosto de sangue em minha boca, tamanha a raiva que sentia no momento. Tentando manter meu temperamento quente sob controle, fiquei em silêncio e, por causa disso, uma pausa interminável pairou entre nós. Também achei que ela precisava de um momento. Ou talvez eu precisasse ainda mais, caso não quisesse me tornar um assassino.

Só queria machucar o miserável que ousou feri-la. O filho da puta que ousou tocá-la. Saber que alguém fez aquilo com ela me fez ter a certeza de que iria para o inferno se preciso fosse, mas destruiria aquela pessoa.

Tudo o que sei é que o silêncio carregava um peso terrivelmente doloroso e não suportava que ela levasse aquilo sozinha. Sem querer que ela engarrasse mais quaisquer coisas para si, a trouxe para mim, colocando-a em seguida no meu colo.

Eu não sabia o que dizer. Até porque não existe nada que possamos dizer que diminuía a dor de quem passou por uma experiência como aquela. Então, com ela em meus braços, permiti que soubesse que eu estava ali.

— Por que nunca me contou? — eu quis saber, não reconhecendo o som doloroso da minha própria voz.

— Porque tinha medo de que julgasse minhas escolhas, quando eu mesma as julgo — respondeu, ainda aninhada em meu peito.

Chocado, me afastei para encará-la.

— Como poderia? Você tinha dezoito anos, Max! Não tinha ninguém para te apoiar! Imagino o medo que sentiu. Fez o que tinha que fazer. O que, naquele momento, era o melhor para você. E nem se acontecesse agora eu a julgaria. Jamais.

— Eu poderia ter denunciado e evitado que outras passassem pelo mesmo, senão pior.

Max estava irredutível quanto àquela ideia e parecia ser um sentimento que a machucava ainda mais. Pegando sua bochecha, a acariciei como a preciosidade que ela era.

— Você era uma criança ainda. Não pode passar a vida se culpando pelo erro de outras pessoas.

— Não, eu já era adulta. Deveria ter pensado melhor e não ter me vendido para me calar. — A respiração dela acelerou e ela respirou fundo uma e outra vez, uma das mãos se abanando.

— Não, você foi obrigada a se tornar adulta, é diferente. Você foi abusada duas vezes. Tanto sexual, quanto psicologicamente, pelo filho da puta do seu chefe que te pagou. — Meu tom saiu apertado e me resenti pela forma que falei ao avistar os olhos repletos de lágrimas e os cílios ainda úmidos, os lábios trêmulos. — Não pode continuar se punindo. Não pode seguir carregando essa culpa com você.

— Eu sei, mas ainda assim é difícil não me culpar.

— Quem foi?

Seus lábios se pressionam e ela balançou a cabeça de um lado para o outro, em negativa. Muito mais firme.

— Não posso te dizer. Embora gostaria de poder...

— Por que não pode?

— Por causa do NDA que assinei.

— Não me importo com a porra do acordo, eu posso lidar com quaisquer repercussões! Só quero um nome!

— Não quero trazer um problema que é meu para você, Nikos. Não é justo.

— Injusto é você carregar isso sozinha! E seus problemas deixaram de serem apenas seus desde que ficamos juntos!

— E o que faria se eu te dissesse? — A voz dela soou preocupada, mas bufei em resposta. Tinha muitas ideias no momento. Nenhuma delas Max gostaria de ouvir.

— Ainda não sei, mas não tenha dúvidas de que os farei pagar pelo que fizeram a você e a todas as outras que provavelmente passaram pelo mesmo.

— Não sei, Nikos... — Ela hesitou e senti que começava a ficar nervosa novamente. — É muito. Preciso de um tempo.

Exalei uma respiração, porque mesmo querendo pressioná-la a me contar, não era justo com ela. Tirando uma mecha da sua testa, encostei os lábios ali, antes de abraçá-la.

— Estou te contando porque não quero que haja segredos entre nós.

Engoli em seco, culpado. Meus pulmões queimando, o corpo rígido. A maneira que me olhava quando me afastei, como se eu fosse a sua âncora, fez com que me forçasse a respirar outra vez. Calando meus próprios tormentos, esmaguei sua boca em um beijo apaixonado, esperando demonstrar nele tudo que sentia.

— Nada nunca vai ficar entre nós. Vou resolver tudo. Só confie em mim.

As palavras que emití não tinham peso na língua, mas pesavam meu peito, mesmo que fosse uma espécie de promessa.

Uma que eu faria de tudo para cumprir.

CAPÍTULO 15



Se eu considerava os pais de Nikolaos gregos, em todo sentido da palavra, no que diz respeito a celebrações, era porque eu não conhecia o restante da família. Em especial, vovó Ophelia, a quem Nikos carinhosamente se referia como *Yayá*.

Depois de dias deliciosos em Gaia, a ilha particular que pertencia a Nikos e nomeada em homenagem à mãe dele, partimos para Mykonos, onde morava o restante dos Galanis e aconteceria a festa.

Não fazia ideia do que esperar quando chegamos à mansão da matriarca dos Galanis. Como convivia há algum tempo com a família do meu namorado,

sabia o quanto eles valorizavam os seus, mas fiquei ainda mais surpresa desde o momento em que atravessei as portas da entrada.

Bastante família era apelido, a imensa sala era do tipo que preservava nos porta-retratos as fotos dos ascendentes, guardava por várias gerações objetos de valores simbólicos, era mais como uma espécie de museu. Ainda assim bastante acolhedora.

Além do mais, o que achei que seria uma “festinha”, não chegou perto de descrever o evento, que era enorme. Ao notar meu espanto, Nikos reafirmou o que dissera, que consideravam indispensável estarem juntos e festejarem, principalmente nas datas comemorativas, como Páscoa e Natal. Sem falar nos batismos e casamentos, que eram como o ponto alto da família e motivo célebre para os reencontros.

E mesmo que a parte dos Galanis tenha seguido a tendência das famílias modernas, principalmente as que viviam nos centros urbanos, de terem uma quantidade reduzida de filhos, como era o caso de Ophelia, que só tivera três filhos, quando reuniam todos os parentes, ainda que com parentescos de graus distantes, a impressão era de que formavam uma única e grande família, de tanta empatia e cumplicidade.

Antes mesmo de nos encontrarmos com a aniversariante, fui apresentada a tantos tios e primos mais distantes, que minha cabeça já começava a dor um nó. Por não ter muitos familiares, não estava acostumada a nada daquilo, e quando

Nikos notou que eu estava prestes a entrar em pânico, me arrastou de volta para dentro da casa, com a desculpa de que precisava falar comigo um assunto urgente de trabalho.

Se eu não tivesse a ponto de ter um treco, por causa da consternação que começava a sentir com tantas perguntas sobre nosso relacionamento e principalmente o futuro dele, como casamento e filhos, eu o beijaria por aquilo. Felizmente, Nikos me conhecia o suficiente para saber que embora fosse ótima na arte de disfarçar emoções, não funcionava do mesmo modo em se tratando de pressão.

— Tudo bem? — perguntou, parecendo preocupado, e eu suspirei.

— Sim, me desculpe. Mas... é um pouco... intenso demais para mim...

— Infelizmente não podemos escolher nossa família. — Nikos riu, antes de voltar a ficar sério e segurar meu queixo. — Eu vou te dar um segundo. — Beijou levemente minha testa. — Te espero aqui na frente, ok?

Assenti, sem dizer uma palavra, antes de me trancar no lavabo do primeiro andar. Ignorei a decoração luxuosa repleta de dourado e abri a torneira, antes de jogar um pouco de água no rosto.

Definitivamente não estava preparada para ser bombardeada como tinha sido. Lógico, imaginei que ficariam interessados pelo nosso relacionamento por Nikos nunca ter tido um antes, quanto mais apresentar para família. Ainda assim,

não estava pronta para questionamentos e muito menos respostas que nem eu mesma tinha.

Antes de iniciarmos nosso relacionamento, Nikos disse que queria que nos déssemos uma chance real. Nas palavras dele, queria o filho que pensei em ter de modo solo e tudo mais. Embora tivéssemos começado a namorar, nunca mais falamos sobre o “futuro” ou contrato de relacionamento ou custódia e tudo que ele incluía. O que inevitavelmente começava a me fazer questionar.

Não que eu quisesse falar de casamento ou o pressioná-lo para me dar um anel. Ou até mesmo sobre engravidar. Só queria entender se ainda estávamos na mesma página ou se algo mudara. Se ele ainda se sentia do mesmo modo. Se queria aquilo.

Eram tantas perguntas...

Obviamente não queria que as coisas entre nós acabassem. Eu estava apaixonada por ele, claro. Por tanto tempo tentei negar, mas não podia mais. O que não queria era que, caso ele tivesse mudado de ideia, não ser mais inteira no fim. Não queria desaprender a ser inteira como me sentia antes dele.

Não que Nikos tivesse me dito alguma coisa que desse algum indício de que queria terminar ou mudar qualquer coisa entre nós. Pelo contrário, ele não tinha sido mais do que maravilhoso, em especial nos últimos dias. Só que há algum tempo eu sentia que ele queria me contar algo, mas ainda assim não o

fazia. Por mais que quisesse pressioná-lo, também não queria abrir os olhos e acordar. Queria que o sonho que vivia com ele continuasse.

Queria que ele ficasse comigo por mim. Não apenas porque eu tinha certas *desconfianças*. Como já disse, eu não reagia bem à ansiedade e ela inevitavelmente me trazia o medo. A sensação era assustadora *pra cacete*.

Havia muito a ser dito.

Alguns minutos se passaram até que eu conseguisse colocar a cabeça de volta no lugar, mas ao menos achei que consegui. Afinal, tinha que voltar à festa e não podia ficar ali trancada como uma covarde. E eu não era uma. Longe disso.

Nikos bateu na porta depois de um tempo e felizmente eu tinha um kit para retocar maquiagem na bolsa, já que a minha tinha sido arruinada depois de lavar o rosto, e eu terminava de reaplicar.

— Só um momento.

Depois de uma última olhada, fechei a bolsa e, ao girar a maçaneta para abrir a porta, não foi Nikos quem encontrei do outro lado, mas, sim, uma senhora mais velha que ainda não conhecia. Mas uma que tinha visto em fotos: Ophelia Galanis.

— Olha só... você não faz jus ao que meu neto disse, é ainda mais bonita do que imaginei — ela soltou com um enorme sorriso, antes de abrir os braços e

me abrigar em um aperto forte. — Estou feliz de finalmente conhecê-la, Max.

— Obrigada por me receber, dona Ophelia. É um prazer conhecê-la. E parabéns pelo seu aniversário.

Ela era uma bela senhora, do tipo que usava sua idade com graça e refinamento. A pele dourada, cabelos brancos na altura dos ombros impecavelmente penteados e ainda assim havia algo quente e maternal sobre ela. Os olhos eram de um azul profundo e expressivo, brilhantes. Ela era delicada, mas forte, e carregava consigo a confiança de uma mulher que passou por muito, mas saiu vitoriosa.

Era uma verdadeira força da natureza.

— Obrigada, minha querida. — Sorriu com carinho. — Desculpe por vir. Não quis constrangê-la ou impor a minha presença. Na verdade, tive que puxar a orelha de Nikos para que ele se afastasse. Meu menino estava aqui na porta como um cão de guarda.

Ela riu, como se achasse não só muito engraçado, mas também fofa a atitude protetora do neto. E eu também achava, devo confessar.

— Tudo bem. Não precisa se desculpar. Só fiquei surpresa.

A velha senhora voltou a sorrir e por algum motivo me senti relaxar um pouco. Talvez fosse por causa daquela ternura que emanava dela, que nos punha à

vontade rapidamente.

— Só queria falar com você sem ninguém por perto. E lhe dar as boas-vindas à família, claro.

Engoli em seco, sem saber o que dizer. Aquela não era uma frase que eu esperava ouvir dela.

— Imagino o tipo de recepção que tenha tido da família. Nós, Galanis, somos um punhado, então não ligue pelas perguntas e muito menos para a pressão que deve ter sentido lá fora. Logo se acostumará.

Sabia que podia tentar negar para ser mais educada, mas tinha certeza de que Ophelia não era do tipo de mulher para a qual poderíamos mentir. Talvez fosse até pecado. Por isso me mantive calada, tentando manter a respiração sob controle, enquanto a ouvia continuar.

— Não fique surpresa por hoje ser uma espécie de introdução sua à família. Nikolaos pode ser meu neto caçula, mas sempre foi o mais determinado e talvez o mais sensato também. Se está com você aqui, se a trouxe para o berço da família, é porque não tem dúvidas dos seus sentimentos e da sua posição ao lado dele.

— Er... obrigada — eu disse, um tanto sem jeito, porque o modo com que ela me encarava enquanto dizia tudo aquilo era como se tentasse desvendar minha alma.

Então a forma como sorriu ao me olhar de maneira engraçada me deixou saber que ela estava pensando alguma coisa.

— Você já contou para ele?

— O quê?

— Que está grávida.

O quê? Como ela podia saber? A velha por um acaso era Onisciente?

Com a boca aberta, um tanto chocada, tive que respirar fundo outra vez, para não pirar. Afinal, não tinha como estar óbvio, já que não estaria avançada, caso eu realmente estivesse esperando um bebê de Nikos.

— Ainda não tenho certeza. Não fiz um teste.

Diminuí meu tom de voz para que ninguém nos ouvisse. Ainda não conseguia processar as suspeitas, então não queria que outra pessoa soubesse sem que eu tivesse certeza. Muito menos que tivessem ciência antes mesmo de Nikos.

Ela bufou, ao passo que sacudia a cabeça.

— Besteira. Sei que está. Seu rosto diz exatamente isso.

— Mesmo? — Ela assentiu, antes de começar a rir, e eu continuei a olhar para ela, meio embasbacada.

— Sim. E curvas também. Não que esteja gorda ou acima do peso, mas seus quadris e seios já começaram a denunciar. — Ophelia beijou minha bochecha, antes de voltar a se afastar — Não se assuste se eu não for a única a notar. Na verdade, melhor se acostumar com isso e a palpites, porque você será mãe de um Galanis e privacidade não está no dicionário dessa família.

Abri a boca, mas não consegui falar nada. O que poderia dizer? Pensei em tudo o que aquilo poderia significar, mas não queria ficar me iludindo ou criando fantasias. Já tinha tantos sentimentos confusos. Não somente em relação a Nikos, mas também sobre minha vida, para acrescentar mais a suspeita da gravidez.

— Mas não é isso que está te deixando preocupada — ela afirmou, comprovando o que eu já desconfiava: a mulher sabia de tudo. Era mesmo muito perspicaz. — O que é?

— Não quero que ele fique comigo ou proponha casamento apenas porque eu possa estar grávida — confessei, muito envergonhada.

Ela sorriu, compreensiva, antes de segurar minha mão.

— Ele propor casamento pelo bebê é muito antiquado. Se fosse apenas por causa disso, existe uma coisa chamada guarda compartilhada. Casamento só resiste quando se tem amor e ele cresceu dentro de um que não faltou. Conheço meu neto, se ele está com você, é porque está apaixonado, não tem que se preocupar com isso. Só espere o momento.

— Ele nunca disse isso... Não com palavras.

Envergonhada por me expor, olhei para baixo, não querendo que me achasse uma boba carente. O que eu vinha me sentindo ultimamente. Hormônios, talvez.

— Certas coisas não precisam ser ditas, apenas sentidas. Hoje em dia, vocês, jovens, têm mais medo de sentir e tentar do que de passar a vida toda se arrependendo por nada fazer. Amor é para os fortes, é preciso muita coragem para deixar o outro entrar. Não tenha medo. Confie em você, minha querida. Em vocês. Deixe o medo do lado de fora e permita que o amor entre.



Depois da conversa esclarecedora com *Yayá*, como ela insistiu que eu passasse a chamá-la, voltei para a festa e, ao longe, avistei Nikolaos conversando com dois homens, que poderiam facilmente terem acabado de sair do catálogo masculino da *Armani*. E foi olhando para ambos que compreendi exatamente a definição da expressão “deuses gregos”.

Sim, eram lindos para caramba!

— Olha só, finalmente vamos ter a honra de conhecer a famosa Max. Acho que meu primo perdeu o medo de que eu a roubasse.

Sem nem mesmo se apresentar, eu sabia que quem dissera aquilo foi Orion Galanis, o magnata que tinha seu rosto constantemente exposto na internet. E precisei de poucos segundos para notar que, entre os três, meu namorado era a pessoa mais aberta da família, já que, apesar da piada do primo, os outros dois mantinham o rosto mais sério, embora Orion sorrisse um tanto cínico.

Ignorando o rosnado de Nikos, ele me deu um beijo no rosto e logo perdeu o lugar para Rafael, que antes mesmo de me cumprimentar do mesmo modo, recebeu o aviso nada sutil: — Menos confiança, os dois! Não falarei duas vezes!

Na dúvida entre bater em Nikolaos e beijá-lo pelo comportamento meio *homem das cavernas*, optei por ignorá-lo e dirigir minha atenção aos belos primos, que riram satisfeitos pela reação causada.

— Muito prazer, sou Max. E desculpem por esse aí.

— Sim, não se preocupe, podemos lidar com ele. Nós já sabemos tudo sobre você. Na verdade, a impressão que tenho é que já a conhecia, de tanto que meu primo falava de você.

Um tanto chocada com a revelação de Orion, abri a boca para falar, mas voltei a encarar Nikos, que deu de ombros, como se não fosse nada de mais o fato

de ele ter falado de mim para os primos. Só que era. Era muito. Até porque eu sabia que eles eram seus melhores amigos.

— Você é Orion, e você, Rafael.

Ambos concordaram no exato instante em que Nikos enrolou o braço ao meu redor e começamos a conversar, como se realmente nos conhecêssemos há bastante tempo.

Rafael era, de longe, o mais fechado entre os três e pouco falava. Só que, como todos eles, o bilionário do ramo joalheiro tinha um sorriso matador. Orion era mais simpático e também parecia mais à vontade em compartilhar minha companhia do que o outro primo.

Ainda assim, não me senti intimidada, notei que era apenas o jeito dele e fui muito bem recepcionada por ambos.

Se sozinhos eram lindos, juntos eram intimidadores de tanta testosterona. Da melhor qualidade, claro. Os três não se pareciam tanto fisicamente, embora fossem altos e tivessem o corpo malhado de atletas. Mas era os olhos que os entregavam e não deixavam dúvidas de que pertenciam à mesma família. Aquele tom de azul único, como o Mar Egeu^[xxiv], que dava o real significado ao sobrenome^[xxv] dos gregos.

Olhando ao redor da festa, as vozes se misturavam, interpondo-se, alguns dançavam, mas todos se divertiam. E segurando uma taça com água, eu sorri.

Todos os Galanis, sem exceção, pareciam ter a personalidade muito forte. Por isso era engraçado ver que, mesmo sendo adultos, se intimidavam pela matriarca, que vez ou outra puxava suas orelhas.

Como bons gregos, comiam bastante, bebiam muito também, falavam alto e não tinham nada de frescura. Eram pessoas normais, só que com as contas bancárias muito recheadas.

Em nenhum momento da noite os Galanis me deixaram sentir excluída, pelo contrário, me fizeram sentir que era parte deles e eu estava adorando todo aquele calor humano.

E gostei e muito daquela sensação.



Depois de dias lindos na Grécia, voltei decidida a sentar para conversar com Nikos e também acabar com a minha dúvida sobre a gravidez, mas as coisas foram me atropelando mesmo sem querer.

Primeiro, Rachel, que me ligava e mandava mensagens com cada vez mais frequência, querendo me ver e conversar. Embora a viagem tivesse tido como o propósito inicial me fazer colocar minha cabeça no lugar sobre o assunto, a

impressão que tinha era de que voltei da Grécia carregando muito mais do que uma mala extra.

Não, eu ainda não estava pronta para aquilo também.

Como se já não fosse o bastante achar que Nikos estava meio estranho, ele teve que viajar um pouco depois que chegamos, por conta de umas negociações, e a sensação só se fortaleceu ainda mais. Eu também acabei envolvida em um lance ou outro do trabalho. Malmente pregava os olhos e não ajudava o fato de que, pela primeira vez desde que ficamos juntos, me vi dormindo sozinha. E não foi um sentimento nada agradável.

Nikos costumava fazer muitas coisas doces para mim. Ele mandou flores algumas vezes. Ele me comprou uma escova de dentes para sua casa. Até mesmo tinha dado um espaço no seu *closet*, onde eu mantinha algumas roupas, apesar do fato de que, sempre que eu dormia na sua casa, vestir quaisquer peças de roupas estava praticamente fora da equação. E ele dizia também que gostava de mim. Mas era sempre apenas isso.

Queria confrontá-lo, perguntar sobre tudo que prometera antes, mas não sabia como fazer isso. E talvez não quisesse realmente. Talvez o melhor mesmo fosse me afastar em uma tentativa de me resguardar. A ligeira sensação de afundamento em meu estômago me dizia que eu estava certa e não podia negar a verdade a mim mesma se tentasse.

Deveria ter sido mais racional, contudo, me envolvi mais do que deveria.

Contando os segundos para o celular despertar o alarme antes programado, eu mordiscava as pelinhas da unha em uma espécie de tique nervoso, ora olhando para a tela incansavelmente, ora olhando ao redor do banheiro apertado do meu escritório no trabalho. Não era a primeira vez que eu fazia aquilo, não ali, claro, mas era a primeira vez que ansiava por uma resposta positiva.

Eu poderia estar completamente ansiosa — e equivocada — por apressar um teste que tinha tudo para dar negativo, até porque talvez ainda fosse cedo demais para ter uma resposta, ainda assim, aquele detalhe não me impediu de ir à farmácia para comprar um e muito menos esperar finalizar meu expediente para acabar com aquela dúvida.

Ok, eu sabia que poderia não dar certo, mas alguma coisa tinha mudado e meu coração dizia que talvez não fosse irracional ter tal desconfiança de modo prematuro. Talvez, apenas talvez, eu poderia estar mesmo certa e meu sonho estivesse mesmo a três minutos de se concretizar.

Mesmo com a esperança fluindo em minhas veias, sentia-me em um misto de emoções, já que, embora para mim as coisas tenham começado com um propósito diferente, ou melhor, com um único propósito, ao longo desse caminho os planos poderiam mudar. E não era um maldito eufemismo. Não mesmo.

Tantas coisas mudaram, que eu nem ao menos sabia por onde começar. Era como se existisse uma linha tênue entre antes e depois de tudo aquilo se iniciar. E, definitivamente, tinha, já que a vida de antes parecia tão distante e eu já não sabia dizer como seria assim que o tempo do teste acabasse e eu tivesse a minha resposta.

Quando o alarme soou, fechei os olhos e não consegui fazer mais do que respirar uma e outra vez. Apenas depois de conseguir criar coragem, enfim, encarei o bastão do exame de gravidez com sinal de positivo. Ali, em minhas mãos, não apenas indicava que eu esperava o filho que sempre sonhei — e planejei —, mas também que se esgotara meu tempo com aquele por quem de modo inevitável me apaixonei.

Era oficial, eu era uma idiota.

Estúpida, um caso de internação e camisa de forças.

Por quê? Porque fiz a última coisa que deveria fazer: me apaixonei.

Mas não por qualquer cara, justamente por ele. *Ele...*

Tão clichê quanto parecia, eu estava apaixonada pelo meu chefe. Aquele que me fez uma proposta quase indecente, diga-se de passagem.

Não apenas apaixonada. Eu o amava loucamente. Estava com os quatro pneus arreados.

Talvez pudesse ser pior, certo? Eu poderia ter me apaixonado por alguém, sei lá, de má índole ou por um cara que não desse a mínima importância para mim. Quem sabe um *gogo boy* ou um astro pornô. No entanto, ele não era nada daquilo, embora pudesse facilmente se passar por um dos dois, porque, convenhamos, lindo do jeito que era, gostoso *pra cacete*, do tipo de cair o queixo, com cabelo escuro bagunçado, o corpo um tanto pornográfico, sem dúvidas ele deveria ser tão viciante quanto alguma droga que nos tirava o discernimento.

Ali estava eu, tendo mais do que certeza daquele fato.

E a verdade era que eu não tinha ideia de que me sentiria tão devastada por ter de me afastar e voltar à minha vida. Uma que, embora tenha planejado meticulosamente, já não conseguia sequer imaginar, porque não o teria comigo.

Uma vida que não importava o que acontecesse conosco, tínhamos um vínculo eterno.

CAPÍTULO 16



Assim que voltamos para Los Angeles, tive que viajar por alguns dias.

Após nosso tempo na Grécia, não era o que queria fazer, mas como se zombasse dos meus planos, as negociações da compra de uma produtora me levaram para Nova Iorque. Onde me vi preso em reuniões intermináveis.

Mesmo que nos falássemos todos os dias, comecei a sentir que a distância entre não era apenas geográfica. Embora quisesse questioná-la sobre aquilo, não toquei no assunto, até porque era o tipo de conversa que teríamos de ter pessoalmente e por conta dos dias corridos, não tive sequer tempo hábil para falar mais do que amenidades.

Passara da hora de conversarmos de verdade. Fui deixando para depois, empurrando a verdade com a barriga e talvez aquilo estivesse nos afastando, mesmo que eu não quisesse. Chegamos ao limite. Não podia adiar mais.

E foi só quando embarquei no jatinho aquela noite, que percebi que o meu telefone estava silencioso o dia todo, mesmo depois que enviei uma mensagem mais cedo, avisando que estaria de volta para casa. Ou seja, ou Max estava me dando espaço ou sem tempo ou mesmo me deixando ir como eu intuía.

O que eu não permitiria.

De qualquer forma, havia algo pesado no seu silêncio, e se eu escutasse o suficiente, poderia ouvir o som de não um, mas dois corações quebrando no processo.

Meu estômago torceu, da forma como ele vinha fazendo durante toda a semana, cada vez que pensava nela. Aquele peso doloroso no meu peito, me fazendo sentir como outra pessoa. Uma que eu não gostava nem um pouco. Não havia um pingão de alegria em mim. Ou sorrisos ou qualquer coisa boa. Apenas um ser mal-humorado e aquilo não era eu.

Meu pai tinha razão durante todo o tempo. Eu deveria ter dito tudo antes mesmo que começasse. Fui covarde e tive medo, ainda tinha, mas quando descobrisse Max pensaria que comecei nosso relacionamento com um único

propósito. O que não era verdade, estava longe de ser, já que sempre fui apaixonado pela minha deusa.

Passei o voo inteiro me xingando. Uma coisa é cometer erros, mas outra era conscientemente pavimentar o caminho para o nosso fim. Por isso, quando o avião finalmente aterrizou, estava quase enlouquecendo de culpa e saudades. Liguei incontáveis vezes para Max, mas as ligações foram parar na caixa postal. Eu sabia que ela estava no seu apartamento, porque os homens que contratei para fazerem sua segurança me mantinham informados, ainda assim aquilo não me aliviou.

Sem me importar com a hora, fui direto para o prédio dela e mesmo que o porteiro tivesse liberado a minha entrada rapidamente e não tivesse me barrado como ousei pensar que faria, hesitei por alguns segundos, com receio do que encontraria assim que entrasse na sua casa. Sem querer pensar muito, girei a maçaneta e entrei, ansioso olhei ao redor a procura da mulher que me deixou obcecado por ela por tanto tempo, mas em um primeiro momento só encontrei a escuridão.

— Nikos?

Antes mesmo de vê-la, só de ouvir sua voz, senti o sangue me aquecer e quando fui recompensado com a sua visão, consegui voltar a respirar novamente. Bebendo sua presença com fome e sede, sorri, um tanto aliviado.

Usando uma camisa velha minha, sem qualquer maquiagem e o cabelo enrolado em um coque, ela era a criatura mais linda que pus meus olhos.

— Voltei, amor.

Mesmo a distância, foi impossível não notar o lampejo de medo em seus olhos, o que me causou um mal-estar do caralho. Mais um para gama de sentimentos ruins e confusos que faziam desfile dentro de mim.

Por um instante, nenhum de nós falou. Ali, me sentia uma bagunça. Tinha vontade de brigar com ela por não ter me respondido ou atendido, por sentir que queria me afastar. Mas então havia a atração. Uma espécie de força gravitacional que nos encobria como um cobertor pesado e me impedia de manter qualquer distância.

E parecia ser recíproco, porque ficamos nos encarando sem falar, mas a forma como me observava dizia muito. Minha garganta travada por emoções que não sabia descrever e então ela se aproximou, um tanto insegura, indecisa talvez e mesmo que devesse manter o controle, a saudade levou a melhor e não consegui resistir.

Dei um passo para perto e poderia ser loucura da minha cabeça, ou as saudades que estavam grandes demais, mas nossos corpos pareciam se atrair como ímãs. Minhas mãos a alcançaram e a puxei pela nuca, enquanto a outra a apertou na cintura, fazendo-a estremecer de leve. As bocas se encontraram e sem

aviso, se devoraram ali mesmo, famintas. A doçura dos seus lábios me atingindo, me fazendo esquecer qualquer coisa. A língua atrevida buscando a minha, pedindo mais.

Foi como encontrar o paraíso depois de viver dias agonizando no inferno.

— Estava com saudades. — consegui me afastar o suficiente para confessar, mas não esperei por uma resposta, porque meus instintos eram muito primitivos quando estava com ela.

Tornei a beijá-la tentando demonstrar o quanto, mas não era o bastante. Nunca era o suficiente com Max, então a peguei no colo e andei até o sofá. Precisando desesperadamente dela, nos despi completamente e levei um momento apreciando a beleza quase mítica através do luz do luar que entrava pela janela. Meus dedos pastaram na curva dos seios cheios, e baixei meus lábios para chupar os mamilos enrugados e chupei um e depois o outro.

Ela exalou, seu corpo derretendo nos meus braços. Suas pernas se enrolaram em meus quadris quando a peguei no colo e nos deitamos no meio do tapete macio, seu corpo nu pintado em faixas de luar e sombra. Mesmo no escuro, vi a vibração de seus olhos e o sorriso pecaminoso, e precisando de mais, reivindiquei os lábios dela outra vez.

Nossos dedos se entrelaçaram e a umidade de seu sexo deslizou através meu pau inchado, provocando e tentando. Depois de tantos dias sem tê-la, queria

levar as coisas devagar. Queria fazer aquilo durar, porque, bem, era exatamente o que eu queria: o sempre.

Ansiosa, Max se inclinou para frente, pressionando os seios contra o meu peito nu, e beijou meu pescoço, enquanto meus dedos emaranhavam em seus cabelos. Seus quadris balançaram contra o meu pau, instigando, um movimento certo e eu estaria enterrado profundamente dentro dela. Minha dureza contraiu em antecipação, e precisando de um pouco de controle, mantive um aperto em sua cintura, parando-a. Sentindo-a.

Desistindo de lutar, minhas mãos apertaram seus quadris enquanto a penetrava devagar, guiando e controlando seu ritmo imprudente, ao passo que meu polegar direito circulava seu clitóris. Meti cada vez mais fundo, sentindo seu corpo se expandindo para me dar passagem. Seu interior cálido me acolhendo, me abrigando, como se fosse meu lugar. E era.

Queria ser capaz de morar no calor de seu corpo apertado e nunca mais sair.

Nosso beijo uma mistura de lambida, chupada e sucção. As línguas sem controle, se buscando e quando sai quase todo e voltei a entrar nela, Max arqueou o corpo, choramingando e gemendo, doando-se em uma entrega despudorada.

Minha mulher me acompanhava, balançando os quadris, me sorvendo dentro dela, me tornando escravo seu. Ainda assim não era o suficiente para

controlar o desejo e a necessidade furiosa que sentia. Eu queria mais. A fome que me despertava não era só física, era uma necessidade de tê-la em mim. De tê-la para sempre.

O ritmo era lascivo, o calor que emanava superaquecendo nossos corpos e corações. Eu não queria parar e quanto mais a devorava, mais a fome aumentava.

— Minha — rosnei, sem conseguir me conter. Ela não negou, me mordeu no peito ao invés disso, gemendo em seguida, tão faminta por mais quanto me sentia.

Como se precisasse de controle, ela mudou nossas posições e deixei que me tomasse, deliciado, enquanto ela subia e descia no comprimento do meu sexo. Meus dedos roçando o clítoris durinho, dando ainda mais vazão para sua luxúria. Max me entregou gemidos, suspiros, e cada célula minha foi preenchida pelo desejo. E por ela.

Apenas ela.

A porra do meu autocontrole foi para o inferno, assim como a minha alma, porque eu sabia que não havia mais retorno para mim. Com as mãos apoiadas no meu peito, ela ondulou sobre meu pau, a cabeça jogada para trás e a boca, entreaberta, entregue. Era a porra da melhor visão, minha mulher, minha parceira, meu amor, se doando por completo ao prazer.

Perdida pelo ato, Max cavalgava-me sem pudores, somente luxúria. E eu poderia ficar ali a noite toda, meu pau enterrado em sua buceta, observando a maneira como os peitos dela saltavam enquanto me montava; a forma como o rosto estremecia quando ela estava chegando perto de gozar, ouvindo os suaves suspiros escapando dos lábios inchados.

Apertando sua bunda, retomei o controle e comecei a fodê-la com investidas longas, com força, sentindo-a escorrer em mim. Era um ato duro, mas também ansioso, exigente, mas também uma entrega completa de ambos. E a forma que nos entregamos foi minha ruína.

Seus quadris empurraram contra os meus, encontrando impulso por impulso, e quando seu corpo ficou tenso, ela arquejou, ofegante. Empurrei mais forte, impulsionando-a sem cessar, levando-a sobre a borda e o aperto do seu sexo, prendendo-me dentro de si, fez a última barreira da razão ser destruída e ao mesmo tempo em que ela se estragou ao êxtase, liberei-me dentro dela.

O gozo veio com uma força violenta. O ato me deixando tonto, rendido. Tudo no momento nos unindo, fundindo, uma entrega sem chance de regresso para ambos.



— Para onde mesmo estamos indo? — Max perguntou na manhã seguinte, quando estávamos a caminho da casa do Sr. P., para a reunião “familiar” que ele agendara semanas antes.

Depois dos últimos dias e a noite anterior, a última coisa que gostaria era ter de sair para qualquer lugar sem conversar direito com Max e deixar tudo as claras. Só que, infelizmente, tínhamos aquele compromisso que gostaria muito de deixar passar, mas não poderíamos adiar.

Ainda assim, enquanto nos arrumávamos falei rapidamente com ela e disse que assim que retornássemos para casa gostaria de ter uma conversa. Não adiaría mais.

— Eu te disse que estava comprando um Studio, certo?

— Quando não está? — ela revirou os olhos, mas mantinha um sorriso suave nos lábios.

Embora houvesse aquela estranheza enquanto estávamos longe, senti que ela estava leve pela manhã. O que era bom.

Só depois dos dias longe que me dei conta do quão fodido me sentia por não trazer o que vinha lhe escondendo à superfície, ainda mais depois de tudo que me contou sobre seu passado. Sabia que não seria uma conversa fácil, que de um modo ou de outra ela ficaria magoada. Ainda assim estava determinado a consertar as coisas. A amava e tinha certeza que começar uma vida a dois com

segredos não era uma boa ideia. Poderia até mesmo ser fatal para nosso relacionamento.

— Mas esse não é qualquer um. É um dos maiores e mais tradicionais de Hollywood. Uma das maiores aquisições que a indústria do entretenimento verá, que com certeza ficará para história. Não só me permitirá controlar uma parte significativa do ramo, já que teríamos uma franquia ainda maior para o nosso catálogo, mas também o direito de distribuir grandes títulos e parcerias.

— Qual Studio estamos falando? — Max se interessou, mas um tanto desconfiada também, porque em sua posição era assim que ela encarava as novas aquisições, com certo ceticismo.

— *Parvel Studios* — respondi, antes de corrigir-me rapidamente. — Que em breve deixará de ter esse nome e será parte do conglomerado da *Galanix* +.

Por algum motivo, Max pareceu empalidecer, o olhar caindo em seguida para o colo, para depois seguir para fora da janela, que dava vista para *Bel Air*. Estávamos a caminho de onde ficava localizada a mansão que o Sr. P dissera ter adquirido recentemente.

Infelizmente, meus pais não nos encontrariam lá, o que não era uma coisa boa, já que não sabia como Max se sentiria na presença um tanto intragável dos Parvel. Tendo que compactuar com aquele absurdo que ele nos meteu, mesmo sem saber.

— Está tudo bem? — indaguei diante o silêncio pesado que se formara.

Dividi minha atenção com a estrada e nela, mas Max não voltou a me encarar.

— Está. Só estou cansada e não muito disposta essa manhã.

Era mentira, eu sabia, porque até então Max parecia bem. Estava até mesmo bem-humorada depois ficarmos praticamente em claro nos amando. Talvez tenha sido idiota o suficiente para pensar que vi as coisas entre nós voltaram ao seu normal pela manhã, mas eu estava errado. E estava mais irritado comigo mesmo do que com ela, porque de algum modo subestimei o abismo que se formara e passei a achar que a noite anterior quebraria o gelo.

Ou era apenas a culpa falando.

Algo dentro de mim se contorceu em angústia. Alguma coisa me dizia que havia algo que ela não estava contando. Algo mais.

E como eu poderia julgá-la quando eu também estava escondendo um fato tão importante dela?

Afinal, nada de bom poderia advir depois de tudo.

CAPÍTULO 17



— Tem certeza de que está bem? — Nikos repetiu a pergunta pelo que me pareceu ser a décima vez, e suspirei de modo descontente.

— Sim. Já disse que estou bem!

Estava tudo, menos bem. Tentei soar blasé, mas a última coisa que gostaria de fazer era estar ali. Na verdade, preferia ir para o inferno, em vez disso. Queria mesmo era voltar para a segurança do meu apartamento e me manter em seus braços. Porém a realidade não poderia ser mais cruel e eu estava justamente na toca da raposa.

Porra, como aquilo poderia estar acontecendo?

Logo quando achei que as coisas entre a gente talvez pudessem dar certo, de repente, foi como se um abismo tivesse se aberto diante de nós. E, bem, eu, me sentia sendo sugada para o fundo aos poucos.

— Ah! Que bom que vocês finalmente chegaram! Sejam bem-vindos! Sou Gina. — Uma mulher baixinha, com cabelos vermelhos e lustrosos curtos, atendeu a porta da sua escandalosa mansão em *Bel Air* e se apresentou com entusiasmo desmedido.

Ela se inclinou para me cumprimentar, beijando cada uma das minhas bochechas no ar e envolvendo-me em uma nuvem de *Chanel n°5*. A mulher não apenas cheirava a um milhão de dólares, mas também parecia ter aquilo estampado nela toda, dada a forma que vestia ou se parecia.

— Prazer, Gina. Eu sou Max — eu me apresentei, atipicamente tímida.

— Sim, claro que é. Meu marido me falou sobre você e também a vi estampada nas revistas com esse belo rapaz — disse ela, beijando o rosto de Nikos no ar. — Como vai, meu querido? Parece que há muito não o vejo.

— Verdade, Sra. P. Vou bem, e a senhora? — Nikos sorriu, mas pareceu um tanto forçado. Ele queria estar ali tanto quanto eu. Ainda assim o grego era muito educado para ser rude.

— Cada dia melhor. Mas vamos entrar. Estão nos esperando na área da piscina — ela soltou animada, antes de revirar os olhos. — Uma pena seus pais

ainda estarem na Grécia. Paul está em modo negócios com nosso filho, para variar. O homem nem parece estar querendo se aposentar.

Minha garganta apertou, mas forcei um sorriso sem graça, antes de acompanhá-la. Meu estômago se revirava e a bile quente subiu pela minha garganta, mas forcei para baixo a vontade de colocar todo o café da manhã para fora. Não permitiria demonstrar qualquer fraqueza. Não deixaria que ambos me vissem tremer ou fraquejar. Jamais deixaria que tirassem qualquer reação de mim.

Não quando já haviam feito no passado e eu ainda as sentia no presente.

A mão de Nikos deslizou ao redor da minha, segurando-a, completamente alheio ao que se passava dentro de mim, e desse modo seguimos até a impressionante área de lazer da mansão da família Parvel.

O marido de Gina estava em uma ligação e, ao lado dele, o filho recostava-se em uma cadeira de frente para uma piscina azul celeste cintilante, as pernas cruzadas na altura dos tornozelos enquanto examinava algo em seu telefone.

Provavelmente a próxima vítima...

Do ângulo em que o via, os ombros largos pareceram se ampliar ao longo do tempo, a ponto de esticar os botões de sua camisa de cambraia. E embora ele fosse a última pessoa que eu gostaria de ver, tanto que o evitei enquanto pude nos últimos anos, e ele não me causasse mais do que asco e nojo, poderia dizer que o

tempo foi bom para ele. Mesmo que já tivessem se passado mais de quinze anos desde a última vez que nos encontramos pessoalmente.

— Nossos convidados chegaram — Gina anunciou animada, a voz praticamente cantando, e segurei a respiração por um pouco mais de alguns segundos enquanto esperava pelo confronto que viria a seguir.

Cameron bloqueou a tela do telefone, antes de se virar para nos encarar, seu olhar indo primeiro para Nikos, que, depois de cumprimentar Paul, ainda ao telefone, estendeu a mão para fazer o mesmo com ele. Obviamente eles foram amigáveis um com o outro, porque já se conheciam.

O que eu deveria ter imaginado. Talvez soubesse, porque embora a indústria do entretenimento fosse grande, era impossível os figurões da área não se esbarrarem ou negociarem em algum momento, ainda mais em Los Angeles. Ainda assim preferi ignorar o detalhe.

Eu era mesmo a rainha da negação.

— Como vai, Nikolaos? — Seu tom foi um pouco insolente, mas amigável. Diria até mesmo íntimo.

Sua atenção então mudou para mim, uma palidez contida tingindo o rosto bronzeado ao me reconhecer, embora ele tivesse sido rápido em disfarçar.

— E você é?

Claro que ele fingiria não me conhecer. Claro que fingiria não ser aquele quem me assediara anos antes e fora o motivo pelo qual fui paga para me manter em silêncio.

— Max Black.

Ofereci meu nome completo propositalmente. Uma espécie de lembrete daquela que ele provavelmente passara os últimos anos tentando esquecer, mas que ainda assim estava na sua lista de pagamento. E o mesmo poderia dizer do seu pai, que rapidamente desligou o telefone e se adiantou para vir até nós.

— Prazer em conhecê-la, Max. — Sr. P continuou a farsa, estendendo a mão para mim.

Embora ter qualquer contato com aquela família, o mínimo que fosse, estivesse no topo da minha lista de coisas que nunca queria ter de fazer algum dia, todos os olhos estavam em nós. Então eu não poderia ser rude ou mostrar sinal de relutância.

Muito menos fraqueza. Porque eu não lhes daria aquele gostinho.

— Idem.

Segurei o olhar no velho por um segundo.

A mulher que me tornei queria enfrentá-lo, mas não iria. Nem ele, tampouco o filho assediador, mereciam a satisfação de me ver perder a linha.

— Que tal uma bebida? O que gostariam? — Gina ofereceu em seu papel de anfitriã, parecia boa demais para aquela família.

— Isso seria ótimo, Sra. P. Eu aceitaria uma cerveja. Obrigado. — Nikos agradeceu e se virou para mim, esperando que eu respondesse.

— Apenas uma água, por favor.

Nikolaos franziu o cenho e ela pareceu um pouco decepcionada com a minha escolha de bebida, mas me preocupar com o que pensavam sobre meu pedido era a última coisa que se passava na minha cabeça no momento. Não quando eu tentava arduamente não ter um ataque de pânico.

— Por que vocês não se sentam aqui? — Ela apontou para uma mesa farta de petiscos. — Vou pedir para o mordomo trazer seus pedidos.

Gina rapidamente seguiu para dentro de casa, seu vestido de verão brilhante solto balançando com a brisa, e eu respirei fundo, me preparando para o teste da minha vida.

— Como foi em Nova Iorque? — Paul iniciou a conversa fiada, seu olhar intenso como o laser passando rapidamente entre nós dois.

Algo sobre o ato pesando no meu peito de forma difícil, intrusiva. Mas achei melhor ignorar, me forçando a manter a cara de paisagem, mentalmente

pensando em coisas do trabalho. Amava tanto o que fazia, que quase esqueci onde estava, ao menos até sentir o olhar de Cameron em mim.

Tão intenso, que chegou a arrepiar minha pele, mas não de um jeito bom. Engoli em seco e, ao notar o quanto estava mexendo comigo, ele sorriu, debochado e tirando força de onde não tinha, ofereci a ele um sorriso, que foi mais como um silencioso “vá se foder”.

Voltei minha atenção para a conversa entre o pai dele e meu namorado, mas também notei que Nikos não parecia muito à vontade. Ele odiava conversa fiada, ainda mais quando não estava confortável, então eu imaginava que aquele encontro fosse uma espécie de tortura inevitável para fechar o acordo.

— Muito trabalho? — Sr. P continuou seus questionamentos, ignorando completamente qualquer desconforto.

— Nada que eu não possa aguentar.

Nikos deu de ombros como se não fosse nada de mais, e a velha raposa riu, antes de bebericar a própria bebida.

— Até se casar e a esposa começar a reclamar. Vai por mim, sei o que estou dizendo, garoto. Sua mãe deve ter feito o mesmo que a minha está fazendo e quem quer que você se case, inevitavelmente começará a reclamar tão logo coloque uma aliança em seu dedo. Mesmo de barriga cheia, com cartões ilimitados, nunca estão satisfeitas. Ainda não pretendia vender a empresa, mas é

Gina quem está pressionando para que me aposente, porque aparentemente ela está cansada de todas as compras e idas ao *Spa* de beleza. Vai por mim, todas as mulheres são assim.

Foi um golpe direcionado, eu tinha certeza. Porém seu machismo não me fez vestir a carapuça. Ele provavelmente pensava que eu era fútil e que estava ali de propósito, com a intenção de vaziar os detalhes do nosso NDA, forçando-o a fechar o negócio.

O que Paul não sabia era que Nikolaos não fazia ideia de sobre quem se tratava a história que lhe contei. Afinal, a aparência era o que mais importava para o chefe da *Parvel*. Por isso que ele pagara pelo meu silêncio e provavelmente fazia o mesmo com muitas outras, porque os boatos eram grandes. Para ele, enquanto a *Parvel* estivesse longe de escândalos, tudo estaria seguro.

— Não Max. Minha namorada não é assim. Além do mais, ela é tão *workaholic* quanto eu. Não acho que alguém poderia entender mais do que ela.

— Então, como vocês dois se conheceram? — Foi Cameron quem perguntou e eu mordi os lábios, para não dizer que não era da sua conta.

— No trabalho. — Nikos voltou o olhar para mim. — Por um tempo estive de olho no trabalho que ela vinha fazendo na concorrência e já estava interessado em contratá-la. Então, quando a encontrei em um evento, me apaixonei por ela à primeira vista e não parei até que ficasse comigo.

Cameron sorriu cinicamente, mas Nikos não pareceu ver, muito focado em minhas reações para notar.

— Relacionamentos com funcionárias nunca dão certo.

— E o que quer dizer com isso? — Nikos franziu o cenho ao indagar, o tom de voz nitidamente controlado.

— Nada, ele não quer dizer nada — Paul respondeu pelo filho, cortando-o, ao passo que o encarava com um aviso no olhar.



— Onde fica o banheiro? — perguntei, depois de minutos intermináveis ouvindo as baboseiras que saíam da boca dos homens escrotos da família Parvel.

— Só seguir direto, no final do corredor à esquerda. — Gina, que voltara para mesa minutos antes, me instruiu e eu sorri, agradecida.

— Quer que eu vá com você? — Nikos indagou, estudando meu rosto, e sorri fracamente em uma tentativa de dissuadi-lo.

— Não, está bem. Não vou demorar.

Odiava mentir para Nikos, mas precisava de um tempo para respirar. Além do mais, fomos até ali para fazer um trabalho e ele tinha de estar focado em fechar aquele negócio, eu gostando ou não. Inclinando-me, rocei a boca contra a dele, respirando seu cheiro familiar e reconfortante antes de beijá-lo suavemente.

Podia sentir que Nikos me observava com cautela, foi então que seu olhar foi do meu para Cameron. E eu o conhecia o suficiente para saber que ela intuía que algo estava errado. Sua expressão preocupada dizia exatamente aquilo e por isso tratei de seguir em frente. Sr. P. chamou sua atenção e todos voltaram a conversar. Todos, exceto Cameron, que me dirigiu mais um sorriso debochado. Ele sabia exatamente o motivo de eu precisar inventar uma desculpa para me afastar.

E de uma forma doente adorava aquilo.

Eu precisava cada vez mais de ar. Parecia que as paredes estavam se fechando ao meu redor, e a verdade também. Queria me manter firme, encará-lo, mas não podia. Não era tão forte como imaginei. A necessidade de uma pausa era tamanha, meu coração acelerando conforme apertava os passos, e respirei, trêmula e profundamente, quando finalmente passei pela porta do banheiro e me fechei lá.

Não estava preparada para aquele encontro, tampouco em como Cameron me deixaria enjoada fisicamente. Seus olhos me devorando com aquele sorriso

malicioso, as lembranças do passado... tudo me deixando trêmula, fraca, incapaz de fingir que estava tudo bem.

Passei um tempo no banheiro e, quando achei que estava recomposta, me preparei para sair. Mas assim que abri a porta, dei de cara com aquele que por muitos anos assombrou meus pesadelos.

— Pode acabar com a encenação.

— Não sei do que está falando.

Tentei me forçar a passar pela porta, mesmo que o pensamento de deixá-lo se aproximar fosse fisicamente doloroso, mas Cameron se interpôs em meu caminho, impedindo-me de sair, e me vi segurar a respiração, o gatilho pronto para acionar. Meu coração batendo muito rápido, fazendo-me temer que ele saltasse do meu peito.

— Já disse que a cena, apesar de muito convincente, não foi o suficiente para me fazer comprar que o que ambos têm é real.

O ar quente ao meu redor se tornou desagradavelmente denso, cobrindo minha pele em arrepios, arrepios nada bons. Ainda assim, tentei afastar as sensações e me manter sob controle, mesmo que por dentro chorasse como uma garotinha indefesa.

— Não tenho ideia do que você está falando.

Ele riu, maníaco.

— Sei muito bem o que estão fazendo. Estão tentando me atingir. Estão usando nosso envolvimento no passado para tentar conseguir o que querem. Não gosto de ser manipulado. Não permitirei que continue a tentar me manipular de forma alguma.

— Não sei do que está falando, Sr. Parvel. Até porque, segundo disse minutos antes, nem mesmo sabia quem eu era.

— Não seja cínica, Max, você está ciente da cláusula do contrato com Galanis e é exatamente por isso que está aqui, não é?

Franzindo o cenho, algo no que disse, mesmo que não tenha desenvolvido, me incomodou. Algo que pensei em abafar e ignorar, apenas me afastar, do jeito que sempre fiz quando tinha a ver com aquele ser humano desprezível, ainda assim não consegui.

Meus instintos diziam que eu precisava de respostas.

— Não sei nada sobre cláusulas, Cameron. Embora não lhe deva satisfação da minha vida, o que eu tenho com Nikolaos é real. Qualquer que seja o acordo que tenham juntos, não é da minha conta!

— É aí que você está errada. — Ele se inclinou para mais perto, seus dedos deslizaram pelo topo da minha perna antes de agarrar entre minhas coxas. Em

pânico, tentei afastá-lo, não querendo que a cena do passado se repetisse, mas ele era muito forte e perdi todas as forças quando sua boca encostou no meu ouvido. — Tudo que quero, eu consigo. Sabe muito bem disso. Nikolaos Galanis quer a Parvel, mas não vou permitir que as negociações sigam se você continuar com ele.

— Já disse que não é sua escolha, é apenas nossa!

— É por isso que você vai terminar com ele.

Uma pontada aguda atingiu-me no peito. Minha boca secando, a bile voltando a subir na garganta.

— Você é um monstro, mas não me importo com suas ameaças, eu o amo.

— Minhas palavras foram baixas, quase um rosnado. Minhas unhas ferindo a palma da mão que eu apertava em uma tentativa de me conter.

Cameron pareceu chocado com a minha confissão, mas logo em seguida seu rosto se transmutou em uma carranca de raiva.

— Não mudou nada, Max. Continua a mesma putinha que permite que homens poderosos a usem como brinquedo. Acorda. Você não é nada especial, só mais uma em sua cama. Ele só está com você porque foi exigência contratual. Uma que meu pai fez questão de inserir, já que, segundo ele, quer que a empresa continue sendo uma empresa de família. É a porra de uma cláusula de legado, onde Nikolaos só pode seguir com a compra da Parvel, caso se case. Você é

apenas um meio para um fim. Então vá por mim, saia agora. Direi que passou mal e pediu para avisar. Mas essa porra de fingimento acaba nesse exato momento.

Cameron me soltou como se nada tivesse acontecido, um sorriso nojento, satisfeito consigo mesmo. Ao passo que cambaleei para trás, porque não esperava por aquele golpe. Tampouco o que aquilo significava. Não queria acreditar em suas palavras, ainda assim, foi como se o quebra-cabeça começasse a se montar e tudo passasse a fazer sentido.

Ouvia vozes ao longe, enquanto minha cabeça continuava em um *looping* infinito entre os fatos e o que eu gostaria de acreditar, mas a lógica acabou por vencer.

Durante todo esse tempo, Nikos apenas me usou para conseguir o que queria.

CAPÍTULO 18



Embora tivéssemos tentado demovê-lo da ideia inicial, Paul Parvel manteve firme a absurda cláusula do legado. O velho queria, segundo suas palavras, que eu encontrasse alguém, sossegasse, me casasse e desse início a uma família. De acordo com ele, só passaria a empresa familiar para outra pessoa que também entendesse o quão importante eram os valores em prol da família. E ainda teve a audácia de dizer que eu o agradeceria um dia.

Convenhamos, era mesmo absurdo escolher aquele jogo de palavras, pois mesmo fingindo que não, em Hollywood nada poderia ficar escondido por muito tempo e eu sabia muito bem a quantidade de denúncias de assédios e muitos outros absurdos que foram abafados nos últimos anos pelo seu maldito “Estúdio familiar”.

Sim, ele deveria me agradecer por lhe pagar tanto e de fato querer cuidar da empresa como alguém deveria ter feito desde o princípio. Alguém com verdadeiros valores familiares e não os que ele julgava ter.

Além do mais, o cara era um machista, retrógrado, para não dizer misógino e preconceituoso, que achava que apenas pelo fato de ser homem e rico era um tipo de espécie superior, e que as outras pessoas deveriam beijar o chão que ele pisava.

Nem nos sonhos dele.

O velho tratava a esposa como um bibelô que deveria servi-lo e nada mais. Gina Parvel poderia ser um pouco chata, irritante com sua mania de tentar ser íntima, mas ainda assim eu sentia pena da coitada. Ela era carente, sequer tinha voz. Vivia para “cuidar” da casa, marido e filho, além da própria imagem, que tinha que estar sempre perfeita, enquanto ficava apenas calada ouvindo as baboseiras que o marido falava. Muitas vezes o olhar o condenando em silêncio ou em um pedido mudo de desculpas.

Nem mesmo o filho aparentemente a tratava como devia. Não que Cameron fosse exemplo para qualquer coisa, longe disso, pois para mim ele era apenas um *playboy* irresponsável, que vivia à custa do nome e dinheiro da família. Sequer fingia trabalhar, sempre na esbórnica. Nunca fez nada mais do que usar o privilégio que tinha para viver eternamente uma vida de farra e festas

proibidas com mulheres e drogas. Sendo quase todas elas abafadas para não porem em risco a reputação que o sobrenome trazia.

E quanto mais tempo passávamos discutindo aquela negociação e mais eu me via obrigado a ficar diante deles, menos à vontade me sentia em continuar com aquilo. Não que não quisesse a empresa, apenas não gostaria de continuar com aquele teatro ou ter de aguentar calado toda a merda que vinha deles. Especialmente que qualquer coisa fosse usada como desculpa para colocar em risco o que Max e eu tínhamos juntos.

Não. Nada. Nada mesmo valia o risco.

Muito menos eles.

Max Black era mais importante que tudo. Era a mulher que eu queria para mim, para ser a mãe dos meus filhos. Aquela com quem queria me casar e viver o resto da minha vida.

Seguir com aquilo seria o mesmo que compactuar com os desejos insanos de um escroto.

Esperaria Max retornar do banheiro, lhes diria que estava cancelando o acordo, que ele podia ficar com sua maldita “empresa familiar” e partiria. Em casa explicaria tudo a Max e tiraria aquele peso do meu ombro. Deixaria que ficasse com raiva, gritasse comigo, mas não permitiria que qualquer culpa ou chantagem ditasse como viver a minha vida.

Ou a nossa.

— Interessante. — Mexi a bebida à minha frente, um tanto impaciente, doido para sair dali, porque a merda que ele dizia era tudo, menos interessante. — Acho que Max está demorando. Talvez seja melhor eu ir vê-la.

Estava prestes a me levantar, mas antes que pudesse, Cameron me parou quando começou a falar: — Eu sou um idiota, como pude esquecer? — Fechei a boca para não concordar, porque ele era mesmo um idiota e não precisava ser seu amigo para dizer aquilo na cara dele. A educação Galanis não me deixava ser aquela pessoa. — Encontrei Max no corredor e ela pediu para avisar que não estava se sentindo bem e por isso ia embora. Disse para que não se preocupasse, que depois falava com você.

Levantei-me rápido, já me sentindo ferver.

— O quê?

Não esperei que continuasse, mesmo que ele ainda estivesse falando, segui até onde era o banheiro, embora, no fundo, intuisse que ela não estava mais lá. Sentia o sangue transformar em gelo em minhas veias. O coração na boca.

Não era algo do seu feitio. Ela não faria aquilo por uma razão supérflua. Ainda mais sem falar comigo ou se despedir. Ela não era assim.

— Uma pena que tivesse que ir. — A ênfase dada na última palavra não passara despercebida, muito menos a sutil ironia de Cameron.

— Eu deveria ter ido vê-la — Gina disse, parecendo sinceramente triste.

— Tenho certeza de que ela só precisava descansar, mãe. — Cameron deu uma risada nervosa e me vi franzir o cenho.

— Provavelmente é apenas uma indisposição — Sr. Parvel complementou e só então me dignei a encará-los como deveria ter feito desde o início daquele encontro desastroso.

— Não, não acho que tenha sido nada disso — soltei, finalmente juntando todas as peças da história.

E me culpando por não ter reparado antes...

Max contando sobre o antigo emprego onde foi assediada...

A forma como reagiu quando soube para onde estávamos indo...

A maneira estranha que Cameron e ela trocaram olhares e a forma que Paul pareceu tentar me distrair...

O modo repentino que começou a se portar e a partida abrupta...

Cameron provavelmente a chantageou para que saísse, ou pior, contou detalhes do nosso acordo, para que ela partisse magoada...

Max podia ter se recusado a me dizer quem eram as pessoas envolvidas por conta do NDA e tudo o mais, mas eu não era idiota. Tinha entendido tudo.

Respirei fundo, apertando minhas mãos com força, porque, se não o fizesse, quebraria a cara daquele babaca.

Ou o mataria.

— Mulheres, sempre nos dando trabalho. — O velho irritante teve a audácia de falar e cerrei os dentes para não reagir à provocação também.

Sob a pompa, as camadas de machismo, preconceito e as táticas rígidas de negociação, ele, assim como o filho, eram dois malditos covardes. Talvez o velho fosse ainda pior que o assediador, pois era aquele que não apenas se fingia de cego, mas quem encobria tudo.

Eu queria agir. Queria fazê-los pagar. Queria arrancar seus sangues e seus ossos desprezíveis. Arrancar membro por membro deles.

Ao invés disso, resolvi pensar racionalmente, reuniria minha raiva para continuar com aquela encenação e, assim que a aquisição fosse finalizada, desmontaria a porra da sua empresa. Peça por peça. Não restaria nada. Apenas ações que venderia com prazer por centavos. Eu dizimaria o seu legado.

Poderia estar pagando caro pela *Parvel*, mas eram eles que pagariam ainda mais no final. Eu os faria pagar por toda crueldade que infligiram na mulher que

eu amava.



Deixei a mansão dos Parvel imediatamente e nem mesmo me importei quando o velho disse que poderíamos marcar a assinatura do contrato. Apenas mandei que pedisse para que seu advogado marcasse com o meu, pois não queria mais ter de suportar um só segundo de conversa com aquele ser.

Durante todo o caminho para casa de Max, tentei falar com ela, mas a ligação ia direto para a caixa postal. Enviei mensagem, sem resposta. Por mais frustrado e angustiado que me sentisse, não poderia sequer imaginar como Max estava.

Eu tinha de encontrá-la.

Tinha que confessar tudo a ela, inclusive que sabia quem eram os malditos que lhe fizeram tal mal e compraram o seu silêncio. Que me vingaria em seu nome e os dizimaria.

Trinta minutos depois, cheguei à garagem do seu prédio, mas o porteiro me informou que ela tinha saído minutos antes com uma mala, avisando que estava viajando, sem dia certo para voltar.

Ela tinha me deixado.



Duas semanas sem sequer uma notícia dela.

Eu vivia em modo zumbi, sem saber como me mantinha de pé, mal comia ou respirava, apenas esperava por ela. Todos ao meu redor estavam preocupados. Minha mãe todos os dias me visitava, meu pai retornou à empresa, mas não me importava comigo. Eu estava sofrendo e só queria minha mulher de volta.

Max não voltou para sua casa nem tornou a ligar o telefone desde então. Nem mesmo um detetive particular foi capaz de achá-la, embora fosse um dos melhores do ramo. Nada de *check-in* em hotel, movimentação bancária, troca de e-mails. Nada. O que só deixava a situação ainda mais angustiante. Ela simplesmente sumiu, parecia ter desaparecido no ar.

Estava obcecado para encontrá-la. Sentia-me uma espécie de perseguidor, mas eu precisava de notícia. Estava mesmo desesperado. Tinha de vê-la, saber ao menos se estava bem.

O que mais me transtornava era que, além de ter de reviver o horror de reencontrar seu algoz, era que Max provavelmente acreditava que eu menti e a

tinha usado para negociar com o diabo. E sabe-se lá mais o quê.

E eu não a julgava por aquilo. O único culpado por induzir tais pensamentos fui eu, que a mantive no escuro sobre o assunto, quando poderia ter sido sincero com ela desde o princípio. Em seu lugar, agiria da mesma forma e me sentiria traído também.

A negociação da compra com a *Parvel* de fato seguiu em frente, segundo ele por pressão dos acionistas e da sua esposa, que sabíamos não ter voz alguma. Disse que decidiu confiar que a empresa estaria em boas mãos, já que eu vinha fazendo um excelente trabalho ocupando o lugar do meu pai, seu pupilo. Que queria que a *Parvel* fizesse parte de algo tão grande como a *Galanix* + e que era sua hora de descansar.

Eu, no entanto, não comprava aquela justificativa, imaginava ter sido em parte medo do Sr. P. de perder o negócio ou que Max decidisse quebrar o acordo de confidencialidade e colocasse tudo em risco. Ele só não imaginava que não havia retorno, que eu levaria tudo à ruína de qualquer jeito.

Assinei na minha linha.

Ele, na dele.

Estava feito. Ele estava em minhas mãos.

E como em um *timing* perfeito, recebi um e-mail direcionado ao RH com cópia para mim. Um que seria a última coisa que poderia esperar: o pedido de demissão de Max Black.

Arrastando a cadeira para trás, cortando o absoluto silêncio, levantei-me desesperado. Ainda afoito, tentei mais uma vez ligar para ela, mesmo que provavelmente fosse direcionado direto para a caixa de mensagem. Só que, ao contrário do que imaginei, chamou três vezes antes de que ela finalmente atendesse.

— O que quer, Nikolaos?

— Onde você está?

— Não importa. Já enviei o meu pedido de demissão por e-mail. Não tenho mais nada a dizer, Nikolaos Galanis.

Ao contrário de antes, não havia emoção na bela voz, apenas aço.

Frio.

Cortante.

— Sim. Você tem de me ouvir. Precisamos conversar. Onde está?

Max se manteve em silêncio por cerca de dois segundos, antes de respirar fundo e tornar a responder.

— Não, não precisamos. Soube que está fechando o acordo com a Parvel. Então que bom que conseguiu o que queria. Eu só fui muito tola para demorar a enxergar que era apenas uma peça do seu jogo. Passar bem, Nikolaos.

Sem esperar por uma resposta, ela desligou e fiquei um tempo olhando para a tela, tentando a retornar. Mas intuí que não adiantaria de nada, que provavelmente ela já tornara a desligar o telefone como vinha mantendo-o nas últimas semanas.

— Algum problema? — Paul perguntou curioso, como alguém que observara de perto a minha interação do outro lado da mesa.

Tensionando a mandíbula, impaciente, mas puto *pra cacete*, sentia uma vida inteira de felicidade ameaçada e balançada diante de mim.

— Problema algum.

Problema ele veria batendo em sua porta em pouco tempo. Um problema ou muitos, em forma de desmantelamento, intimidação e humilhação pública.



Mais de um mês se passou até que enfim tivesse outra notícia dela. Não que Max tivesse feito por livre e espontânea vontade, mas, sim, porque os homens

que contratei para que fizessem sua segurança e ainda se revezam fazendo plantão em frente ao prédio dela me informaram que ela tinha acabado de desembarcar de um táxi.

Mal respirei desde então. Foi somente o tempo de sair da reunião de que participava, pegar o carro e ir até lá. Não queria que escapasse novamente. Não sem me ouvir. Além do mais, tinha de vê-la, estava enlouquecendo a cada dia sem saber do seu paradeiro ou como estava.

Passei tantos dias ensaiando o que diria quando finalmente a visse outra vez e, prestes a encontrá-la, não fazia mais ideia de como começar. Toquei a campainha e pude ouvir os passos do outro lado, seguidos pelo destravamento da porta, que se abriu, e fiz o mesmo com a boca prestes a implorar que não a fechasse sem me ouvir. Só que para minha surpresa não era Max quem estava diante de mim.

Deveria ter perguntado ao segurança se ela estava sozinha, ao menos não teria me sentido tão confuso por ver Rachel em seu lugar. Poucas vezes estive na presença da mãe biológica de Max, mesmo que até então pensássemos que se tratava apenas da sua irmã irresponsável.

— Achei que fosse inteligente o suficiente para entender que ela não quer falar com você, Nikolaos. — Foi o que a mãe de Max disse, parecendo não ter intenção alguma de me convidar para entrar.

— Rachel, com todo respeito, mas se for isso que ela quiser mesmo, Max pode falar isso olhando nos meus olhos.

Ainda me analisando, Rachel abriu a porta, me dando passagem, embora sua expressão demonstrasse exatamente o que pensava de mim. Não que eu desse a mínima para aquilo, até porque ela estava longe de ser um exemplo. Pelo contrário. Além do mais, não era para ela que eu devia explicações.

— Nunca vi Max do jeito que a deixou, Nikolaos. Nem mesmo quando papai morreu. Ela é forte, mas não precisa passar por isso, quando já passou por tanto. E me incluo nisso também. Se o que quer é apenas brincar e magoá-la, peço para esquecê-la e seguir com a sua vida.

— Rachel, não tenho intenção alguma de magoá-la. Jamais tive. Só, por favor, me deixe vê-la para explicar tudo.

Não sabia como consegui ter tanto autocontrole ao falar. Afinal, além de não estar acostumado a ter nada interpondo meu caminho, não podia admitir que o amor da minha vida estivesse tão perto e eu não pudesse sequer me aproximar ou tentar remediar a situação fodida em que nos meti.

Se precisasse passar por ela, passaria. Mas não sem lutar.

— Tudo bem — ela finalmente cedeu junto a um suspiro, antes de apontar o dedo riste em minha direção. — Você tem cinco minutos. Caso contrário, você pode ser um Galanis, um bilionário, a porra do dono do mundo, mas não vai

conseguir impedir uma mãe de afastar da filha aquele que a faz sofrer de uma vez por todas!

CAPÍTULO 19



Depois que Cameron me deu o ultimato, demorei alguns minutos sem sequer conseguir recuperar o fôlego, sentindo o estômago revirar e vontade de vomitar. Fechei os olhos com força, em uma tentativa de bloquear todo o resto, me concentrando no zumbido do meu ouvido, no pensamento do abraço protetor de Nikos, mas então me lembrei do que ouvi.

Debruçada sobre o vaso sanitário, coloquei todo o meu café da manhã para fora, engasgando-me e vomitando até que não houvesse nada além de bile. Cameron poderia não ter me tocado agressivamente, mas ainda assim eu me sentia tão suja. Tudo que queria fazer era ir para debaixo de um chuveiro e esfregar minha pele a fim de limpar a sensação de seu toque, e queimar minhas roupas em seguida.

Enquanto lavava o rosto, me veio à mente a conversa na noite em que confessei meu desejo de ser mãe solo. E Nikolaos, só depois de tanto tempo estando ao meu lado, resolveu fazer alguma coisa e pedir uma chance para nós, mesmo que tenha tido todas as oportunidades para fazê-lo. Deveria ter seguido meus instintos e ignorado a investida e a proposta que me fez, contudo, deixei a emoção dominar a razão e deu no que deu. A verdade era que tudo fazia parte de um plano e fui enganada o tempo todo.

Ainda recusando-me a acreditar no que acontecera, meu corpo vibrava com uma necessidade desesperada do abraço caloroso dele. Talvez em uma tentativa de esquecer ou roubar qualquer força que pudesse, assim como aquela autoconfiança que eu conhecia e adorava. Foi então que percebi que Nikolaos Galanis era tão necessário para mim quanto respirar.

O que era um erro.

E tinha sido um erro desde o princípio.

Queria ir até o homem que eu amava, pedir que negasse tudo, pois me recusava a deixar aquele homenzinho nojento vencer. Só que, infelizmente, Cameron estava certo. Não foi por querer estar comigo que Nikos fizera aquilo, mas, sim, porque precisava. Eu era mesmo um meio para um fim. Tinha apenas que aceitar.

Só saí do banheiro quando meu *Uber* chegou e passei o caminho todo me segurando, metade por orgulho, metade por raiva, mas bastou vê-la de braços abertos na portaria do meu prédio me esperando, que eu desmontei. Acho que não chorava tanto desde a morte do meu pai, e o acúmulo de tentar sobreviver sozinha tanto tempo cobrou seu preço.

Bem ou mal, Rachel era sangue do meu sangue. A única família que me restara. A única com quem sentia em meu coração que poderia contar daquele momento em diante. Eu não sabia o que teria sido de mim se não estivesse ali.

Como podia ter passado de uma viagem incrível em que vivi dias lindos com o homem pelo qual me apaixonei e seria o pai do meu filho, para descobrir que fui enganada e que nada que tivemos foi real?

Nem mesmo eu sabia dizer.

— O que houve, Max? Pelo amor de Deus, está me assustando! O que aconteceu? — ela indagou um tanto angustiada, sem deixar de me segurar. E eu, de chorar.

— Ele me enganou, Rachel... Ele mentiu para mim... Era tudo mentira. Toda a minha vida era uma mentira...

Ainda sem entender, Rachel me levou para dentro da minha própria casa e tentou me acalmar, enquanto eu começava a lhe contar tudo o que acontecera.

Dizendo tudo, não lhe escondendo nem mesmo o fato de ter desejado ser mãe solo ou o que ocorrera no passado com Cameron.

As lágrimas retomaram sem que eu conseguisse contê-las e nem tentei impedi-las, ainda que antes não gostasse de demonstrar fraqueza na frente de outras pessoas. Mas era o que eu precisava, colocar para fora. Ainda assim lutei para acalmar minha respiração. Se eu não fizesse aquilo, poderia ser prejudicial para mim.

E para o bebê.

— Ele mentiu para mim. Nada era real.

— Meu Deus do céu, Max. Não posso acreditar nisso!

Eu podia ver a pena no rosto dela, mas também a incredulidade e revolta.

— Não sou conhecida como uma pessoa sensata, longe disso, mas achei mesmo que Nikolaos não era uma pessoa ruim. Que ele gostava e cuidava de você, mesmo que antes não tivessem um relacionamento amoroso.

— Ele me enganou também, Rachel — falei, secando minhas lágrimas, ainda lutando com aquela dor no peito. — Nunca pensei que Nikolaos pudesse fazer algo do tipo comigo. Ou com qualquer outra pessoa. Eu o tinha como um exemplo de homem. Ele me levou para a sua casa, abrindo nossos relacionamentos para os seus pais, e me apresentou toda a sua família...

Ainda era tão surreal começar a vê-lo daquela forma. Tudo com o que sonhei parecia desbotado de um instante para o outro. Todas as visões de casamento e filhos que passei a ter ao longo do nosso relacionamento evaporaram em um piscar de olhos. Eu não conseguia mais ver um futuro com Nikolaos. Não com alguém que mentiu para mim.

Ele me usou. Apenas isso.

— Talvez precise de um tempo, Max. Talvez vocês possam se sentar, conversar e resolver qualquer mal-entendido.

— Não há mal-entendido, Rachel. Só tenho que aprender a viver sem ele.

Eu não queria e tampouco esperei o fim de nós. Não queria ir para longe, porque estava completamente apaixonada por Nikolaos, e depois da noite que voltou de viagem, que eu estava certa de terminar as coisas, achei que poderíamos dar certo. E eu estava grávida. Não me sentia pronta para desistir de nós dois ainda, ainda assim não podia ignorar o que acontecera e dar uma chance para nós como família.

Eu sabia que podia viver sem ele, mesmo que aquilo significasse uma vida infeliz. Ainda assim, tinha que fazê-lo. Por mim.

Senti falta de ar. De repente, tudo o que estava acontecendo se tornando demais para mim.

— Preciso sair daqui. Se eu ficar, Nikos vai aparecer e não posso vê-lo agora. Não posso — soltei de uma vez, antes de me pôr de pé e ir em direção ao meu quarto, onde comecei a fazer uma mala rápida.

Não sentia vergonha de confessar que não fiquei daquele modo nem mesmo depois do que aconteceu com Cameron. Claro, fui assediada, e isso não apenas me assustou para caramba, mas conseguiu me desestruturar. Entretanto, os acontecimentos com Nikolaos fizeram com que minha força interior fosse testada. Em um espaço de poucas horas, descobri estar grávida, encontrei meu algoz, fui ameaçada, descobri ter sido enganada, fui estilhaçada e obrigada a me colar outra vez.

Sabia que tinha que ser forte pelo meu bebê, mas, por um momento, enquanto partia da minha própria casa sem destino, não sentia um grama de força dentro de mim. E eu precisava de toda força que pudesse para enfrentar o que viria.

Rachel me levou para onde estava morando, uma comunidade, uma espécie de fazenda que acolhia ex-viciados, onde cada um tinha um chalé e cultivava sua própria horta. O que era produzido pelos membros era vendido, e o dinheiro, repassado para cada um. Era uma ideia muito bacana e fiquei feliz de pela primeira vez ver minha mãe biológica tentando mudar e fazer algo saudável para si.

Por ser uma cidade pacata no interior do estado, não tinha muito para onde ir, nem eu queria, já que não tinha vontade alguma de sair da cama. Os primeiros dias foram os piores. Sempre tive orgulho de me achar forte, pois desde cedo tive que aprender a cuidar de mim. Eu não me sentia forte por orgulho, mas porque não havia alternativa, quando meu pai precisava ser cuidado mais do que eu.

Só que, depois do que houve, quando meu passado e presente se chocaram e todas as minhas camadas foram descascadas, vi o quão facilmente podia quebrar.

E não podia me dar àquele luxo.

Desliguei-me de tudo. Tudo mesmo. Nem mesmo celular ou TV eram permitidos para mim. Ignorei noticiários ou qualquer outro tipo de comunicação. Na segunda semana, no entanto, caí em tentação e foi quando dei-me conta que a vida não parou só porque eu havia parado a minha. Descobri que as negociações da *Galanix+* com a *Parvel* estavam quase no fim e foi então que decidi colocar um ponto final no meu envolvimento com a empresa, porque não queria ter nada a ver com aquilo.

Com nenhum deles.

Claro, não esconderia que esperava um filho de Nikolaos nem impediria a família Galanis de participar da criação do futuro herdeiro. Só que não era o

momento de ser evoluída e me dei aquele direito. Eventualmente eu lhe diria, mas ainda não estava pronta.

A determinação de me manter longe quase vacilou quando ele ligou ao receber o meu pedido de demissão. Bastou apenas um telefonema para que todas as minhas certezas se embaralhassem. Então, mais uma vez, me forcei a me lembrar de tudo.

— Não, não precisamos. Soube que está fechando o acordo com a Parvel. Então que bom que conseguiu o que queria. Eu só fui muito tola para demorar a enxergar que era apenas uma peça do seu jogo. Passar bem, Nikolaos — soltei, a mágoa sufocada por tanto tempo emergindo e sem esperar tentasse me demover da ideia, desliguei.

Depois daquilo, passei basicamente um período chorando sem parar e um dia acordei percebendo que sobreviria, como sobrevivi a tantas coisas na minha vida. A noção de amor-próprio é fundamental para uma caminhada, seja ela bonita ou não.

Além do mais, dentro de mim crescia uma vida. Uma com a qual tanto sonhei, e eu não permitiria que qualquer obstáculo, fosse ele qual fosse, coração quebrado ou não, diminuísse a beleza e importância daquele momento tão único e sublime para mim.

Não seria apenas uma mulher forte, seria o tipo de mulher que meu filho poderia admirar e se orgulhar.

Embora estivesse determinada a seguir em frente, quando voltei para minha casa ainda não estava mais perto de saber o que fazer a seguir. Sentia falta desesperadamente de Nikos, mas sabia que não podia ceder à tentação de falar com ele, muito menos vê-lo. Caso contrário, voltaria a me perder mais do que já estava perdida. Mesmo que, no fundo, sentisse que ficar longe dele também era um tipo de perda.

Sentada na cama, observava a paisagem do lado de fora da janela do meu quarto e comecei a pensar que não podia continuar me escondendo. Talvez fosse hora de enfrentá-lo. Ele estava errado, eu sabia, mas tinha um bebê crescendo dentro de mim que merecia que eu enfrentasse o medo de frente e lutasse por respeito, em primeiro lugar.

Enquanto fazia os exames iniciais que o obstetra passou aquela manhã, tentava empurrar a dor de lado por não ter Nikos comigo ali. Poderia não haver espaço para nós dois, porque eu não podia desistir do tecido pelo qual fui feita, mas ele era o pai do meu filho. Tinha direito de estar ali, merecia ter a escolha de estar presente ou não. Por isso recusei fazer a ultrassom, mesmo que o médico tivesse horário, e remarquei para o dia seguinte.

Só não sabia ainda se teria coragem de ligar para ele e convidá-lo a participar. Fechando os olhos, respirei fundo e tentei me concentrar no momento,

esquecendo, por um segundo, tudo. Então, quando voltei a abrir os olhos, ele estava parado na porta do meu quarto e ficamos nos encarando sem falar nada por segundos que pareceram eternos.

O coração batendo feito louco, minha garganta travada por emoções que eu não sabia descrever. Eu não esperava me sentir tão conectada a alguém como me sentia com ele. Além do mais, mesmo depois de tudo, não podia negar que sentia a falta dele como louca.

Meu corpo tremia, não somente pela visita inesperada, mas pela forma que me encarava: como se estivesse desesperado. A vontade de chorar retornou, mas não me permiti. Lágrimas não serviriam de nada. Eu precisava ser forte para enfrentar tudo. Para enfrentá-lo.

— O que quer aqui, Nikolaos? — consegui perguntar de forma cautelosa, minha voz me traindo, e ele suspirou.

— Preciso que me ouça.

— Não sei se posso fazer isso ainda.

Encolhendo-me ainda mais na cama, puxei o lençol sobre meu corpo, tentando esconder qualquer sinal que pudesse existir da gravidez, embora, por conta do tempo gestacional recente, minha barriga quase não aparecesse.

— Não, você precisa. Você sumiu e não me deu direito de defesa. Passou da hora de ouvir o que tenho a dizer.

Embora tivesse toda intenção de procurá-lo momentos antes, não me sentia mais tão determinada estando frente a ele. Pelo contrário, sentia-me mais frágil do que me achava antes. Pequena, e não por causa da altura, mas pela situação.

— Não tenho certeza se posso.

Nikos pareceu abalado com a minha resposta fria, ainda assim não se intimidou.

— Está no seu direito de se sentir chateada, Max. E pode continuar me odiando depois de escutar tudo que tenho para dizer, mas primeiro ouça.

Eu ri, sem humor algum.

— Nada do que disser mudará o fato que você só ficou comigo porque queria fechar um negócio. Nada mudará o fato de que me enganou todo esse tempo.

— Não. Nunca foi isso, eu juro.

Nikolaos fez menção de dar um passo para se aproximar, mas o impedi com um aceno cortante com a mão. Não podia tê-lo ainda mais perto de mim. Não suportaria.

— Se não foi isso, o que foi então?

— Nunca foi por falta de desejo da minha parte. Desde que me pediu para que não misturássemos as coisas após nosso primeiro beijo, apenas respeitei seu desejo. Embora tivesse toda a intenção de fazê-la mudar de ideia, por isso nunca me afastei. Sempre estava arranjando desculpas para estar com você, porque eu queria. Porque a queria... Porra, eu basicamente vivi como um eremita desde então! Era quase um maldito monge! Você comentou comigo sobre sua decisão de ser mãe solo na noite anterior à conversa sobre da cláusula do contrato com a *Parvel*. Eu já tinha toda a intenção de te fazer a proposta de ficarmos juntos, antes mesmo de você sair pela porta do meu escritório, e foi por isso que fui no dia seguinte à sua casa, não por causa da porra de um termo!

Pensei por alguns segundos sobre tudo o que ele estava me contando e, por mais que sentisse que era sincero, ainda assim não mudava nada entre nós. Ainda me sentia usada, querendo ou não.

Abraçando-me apertado, como se pudesse me proteger dele e daquele amor tão enraizado em mim, abaixei o olhar, sentindo a necessidade de me fazer mais firme. Forte ou não, me sentia fraquejar.

— Acredito que talvez não tenha sido sua intenção, ainda assim o fez de qualquer modo. E talvez eu tenha me enganado ainda mais.

Eu não queria fazer a pergunta seguinte, mas tinha que fazer. Precisava saber a resposta.

— Durante todo o tempo, nunca pensou em me dizer a verdade? Achou que me esconderia e estava tudo bem?

Nikolaos negou de pronto, então hesitou por um segundo ou dois, antes de finalmente ceder.

— Queria ter dito desde o início, mas tinha receio de te assustar mais do que já estava quando te propus o acordo. A última coisa que gostaria era afastá-la de mim e não queria perdê-la, porque tinha medo pra caralho disso. Apesar de todo o medo, ainda assim tinha intenção de contar, mas as coisas foram acontecendo, nos atropelando, e toda vez que estava perto de fazê-lo, algo me impedia.

— Porque mentir para mim era mais fácil. — Minha voz soou gelada, como se fossem adagas.

— Não, me matava. Me culpava o tempo todo. Mas talvez eu tenha sido mais fraco do que o amor que sentia.

A resposta me corroe por dentro.

— Quem ama não usa.

Nikos deslizou a mão pelo cabelo nitidamente frustrado, a derrota evidente não apenas no rosto bonito, mas na forma como se portava. Seu olhar não saiu do meu, ainda assim não podia simplesmente esquecer o que aconteceu ou que ele seguiu com o negócio depois de tudo. Mesmo após saber quem eram os Parvel e o quanto me machucaram. E a tantos outros, provavelmente.

E mesmo que tivesse em minhas razões suficientes para me manter firme diante das minhas razões, tudo o que eu queria naquele momento era me jogar em seus braços e fazer com que ele me beijasse até que tudo desaparecesse da minha mente, corpo e alma.

Mas não podia. Nada mudaria o fato de que ele me machucou.

— Nunca te enganei, Max. Você sempre foi tudo que eu queria.

Nikolaos me encarou e havia tanta emoção em seu rosto que senti vontade de chorar.

Porra, por que doía tanto?

Desviei o olhar do dele. Não podia esquecer que, mesmo com tudo que vivemos, ele continuou mentindo.

— Por favor, me perdoa, amor. Eu amo você.

Aquelas palavras. Aquelas com que tanto sonhei e pelas quais esperei. Não conseguia mais abrir minha boca para argumentar, porque o que conseguia ver era

que vivi em uma realidade paralela. Um mundo de fantasias. Um que não existia realmente.

Eu o amava também, era fato, mas não sabia se poderia mais confiar nele como parceiro. E quando lhe contasse sobre a gravidez, nunca teria certeza se estaria ao meu lado pelo bebê ou por nós dois. Querendo ou não, haveria sempre a desconfiança pairando entre a gente.

E não existia amor que sobrevivia à falta de confiança.

— Vá embora, Nikolaos. Acabou.

Ele deu um passo para trás como se eu o tivesse agredido fisicamente, e doeu em mim vê-lo sofrendo tanto quanto eu me sentia padecer. Era como ter o coração arrancado do peito sem anestesia. E aquilo me matava, porque a mesma adaga que o feriu, fez o mesmo comigo. Uma adaga, dois corações e uma só alma.

— Não, Max. Não acabou — ele soltou, sem conseguir mascarar o tom incrédulo, sofrido, a mandíbula contraída. — Está longe disso. Em breve você entenderá o que estou dizendo.

Sem mais uma palavra, Nikolaos desapareceu. Meu amor se foi.

E era como se eu tivesse acabado de fechar a porta de um lindo para sempre. Um final feliz inexistente que quebrou meu coração em milhões de

pedaços, sem chance alguma de reparo.



Duas semanas se passaram desde que Nikos saiu da minha casa e não tive notícias dele desde então. Nem mesmo uma mensagem ou ligação.

Não deveria me sentir decepcionada, mas depois do que disse, me enganei achando mesmo que ele tentaria me fazer mudar de ideia e, embora não quisesse, um pouco de esperança me invadiu. Apesar de que, depois de uns dias de espera, ela já estivesse começando a arrumar suas malas para partir.

E foi então que um som de mensagem no meu celular chamou minha atenção, e o sentimento apenas se intensificou.

Era de Nikos, mas não dizia nada, era apenas o link de um site.

Mesmo decepcionada, cliquei rapidamente e levei a mão à boca quando comecei a ler.

Galanix + coloca a venda da Parvel Studios poucos dias após a finalização da compra. A maior empresa da indústria cinematográfica acaba de deflagrar uma operação dentro do estúdio recém-adquirido, envolvendo o

alto escalão. Também anuncia a criação de uma sindicância para investigar casos de assédios e abusos, além de uma fundação para amparo das vítimas, incluindo apoio psicológico e suporte jurídico.

Meu Deus! Nikos era louco?

A promessa que fizera antes de partir me viera à mente e eu não podia acreditar que ele estava fazendo aquilo. Que estava colocando em jogo tudo pelo que trabalhou por minha causa.

Eu precisava vê-lo.

CAPÍTULO 20



Dizem que perdoar é divino. Com a educação impecável que tive, eu costumava acreditar naquilo, mas meus sentimentos em relação ao perdão mudaram desde que eu soube o que acontecera. Não, não havia espaço no meu coração para absolver aqueles nojentos por tudo que infligiram a tantas pessoas. Nada poderia apagar o que cada vítima passou e ainda passava. Ainda assim, eu estava ali para garantir que pagassem pelo que lhes fizeram.

No mundo do entretenimento, a destruição da reputação de alguém e seu consequente ostracismo social poderia acontecer em um piscar de olhos. Ou em um *click*. E fiquei feliz em ser aquele a jogar para o público a verdade por trás de um dos maiores sobrenomes do mundo.

Gostaria de acreditar que Max foi a única que sofreu com a família Parvel, mas, infelizmente, não era verdade. Dado todo o histórico e os burburinhos que circulavam ao longo dos anos, não precisei fuçar muito ao assumir a empresa. Logo tantos casos apareceram e eu não fiz mais do que pegar a pá para ajudar a desenterrar. E, claro, soltar as informações para os tabloides.

Era cada um mais absurdo que o outro. Não importava quem os Parvel eram, que fossem basicamente a realeza de Hollywood, tampouco que também encobrissem outros figurões, não havia espaço para comportamentos como aqueles e jamais toleraria algo do tipo ou me fingiria de cego. Todo mundo merecia respeito. Especialmente as mulheres, que ao longo da existência vinham sofrendo tanto. E eu teria o maior prazer em ajudar a todos que de alguma forma sofreram nas mãos dos Parvel e do alto escalão do Studio.

Embora estivesse contente em poder dar suporte para as vítimas, sentia-me mentalmente exausto. Para alguém que gostava de manter a vida

em um controle firme, o que vinha acontecendo era demais, basicamente a tradução de um pesadelo. Um que parecia não ter fim.

Não procurei Max depois do dia em que conversamos e aquilo estava me matando. Eu precisava vê-la, tocá-la, senti-la e trazê-la de volta para mim. Ainda assim, não sabia qual passo dar a seguir. Sentia-me mais fraco a cada dia, embora aquilo também alimentasse meu rancor e desejo de vingança. O que de certo modo era bom.

Talvez ela precisasse de mais um tempo para assimilar tudo.

Eu lutaria para tê-la, faria aquilo até o último segundo, mas se não conseguisse fazer com que ela me perdoasse, ao menos garantiria que tivesse seu direito assegurado. Não importava que me sentisse rasgado por dentro, nem que nunca mais haveria chance para nós, eu queria ter certeza de que ela ficaria bem.

Foi isso que me fez aumentar sua segurança, mesmo que ela não soubesse. Cogitei que talvez pudessem tentar atingi-la por minha causa, mas não achava que arriscariam fazer qualquer coisa, quando todos os olhos estavam neles. Seria burrice demais. Mas com a segurança da minha mulher eu não brincaria. Não mesmo.

Quando os rumores que eu estava fuçando tudo dentro da *Parvel* começaram a circular, em especial quando anunciei a venda da empresa logo em seguida à fusão, claro, Sr. P tentou entrar em contato incansavelmente, mas não o atendi. Qualquer coisa que ele tivesse a dizer deveria ser feito através dos advogados, só que levando em consideração a quantidade de acusações que começaram a chegar, ele deve ter pensado melhor e recuou.

Ao menos nisso ele fora inteligente, embora nem mesmo a fortuna que lhes paguei fosse durar muito. Planejei tudo e tinha toda a intenção de que ele perdesse cada centavo com as indenizações das vítimas e em honorários advocatícios em uma tentativa de defesa. O que seria perda de tempo, porque pretendia deixá-los sem nada. E, Cameron, bem, atrás das grades com um bilhete só de ida para o inferno.

— *Desculpe, Sr. Galanis. Sei que pediu para não o incomodar, mas também deixou ordens sobre a Srta. Black* — minha secretária, Hannah, anunciou no viva-voz do telefone na minha mesa, e a raiva rapidamente se esvaiu, o coração batendo rápido apenas com a menção do seu nome.

— O que tem ela? — A ansiedade coloria meu tom ao indagar.

— Ela está aqui para vê-lo. Posso permitir sua entrada?

Putá merda! Ela estava ali! Não podia acreditar!

Levantei-me em um pulo, o coração ricocheteando no peito, o pulso acelerado, certo de que não podia ser verdade. Não havia nem mesmo meia hora que tinha lhe enviado o link com a notícia sobre a *Parvel*. Achei que ela apenas responderia, mas não que aparecesse ali.

Nem sequer tive tempo de responder a Hannah que a deixasse entrar, porque ela estava ali antes mesmo que eu abrisse a boca.

— Você está fazendo mesmo aquilo? — Foi o que Max perguntou assim que invadiu meu escritório.

Seus olhos azuis como um turbilhão, o telefone na mão. Morto de saudades, fiquei calado, estudando seu rosto, antes descer pelo seu corpo. Foi então que meu olhar caiu na barriga levemente avantajada.

Todo autocontrole que eu poderia ter e vinha me obrigando a manter desde que nos separamos, se foi.

Nada mais tinha importância.

Não diante daquilo.

Da minha mulher... Meu filho.

E mesmo que tivesse sido um plano meu para dismantelar a família Parvel como vingança, culpa nem começava a explicar o sentimento dentro de mim, que me corroía feito ácido por ter perdido tanto tempo longe.

— Sim.

Eu a encontrei no meio do caminho, não suportando mais a distância. Eu sentia a garganta arranhar, engolfado pela emoção da descoberta.

— Por que está fazendo isso, Nikolaos? É loucura!

— Loucura é você sequer achar que eu não faria qualquer coisa por você. Eu disse que resolveria tudo.

— Os Parvel não vão aceitar isso facilmente!

Max ainda estava desacreditada, o que não me surpreendia.

— Não me importo. — Dei de ombros como se não fosse nada de mais, ainda que estivesse me coçando para tomá-la em meus braços. Só estava deixando que ela acabasse com qualquer dúvida que ainda tivesse quanto à seriedade da questão. — A equipe jurídica que montei está pronta para tudo. Retaliar é o mínimo que aqueles crápulas merecem. Vão pagar por tudo o que fizeram!

— Isso é loucura, Nikolaos. Você pagou uma fortuna pela *Parvel* e agora vai se desfazer dela! Todo mundo deve estar pensando que está louco mesmo! Rasgando dinheiro!

— As únicas pessoas que me interessam apoiaram minha decisão. Além disso, tudo que me importava era o catálogo, e já fundi à *Galanix+*. Não quero trazer para a minha empresa a podridão que tentaram enterrar. E sobre o dinheiro: de onde saiu o meu, tem muito mais. Não fará falta alguma. Fora que não vai demorar muito tempo para que eles fiquem sem nada. Eu aproveitaria o quanto pudesse, se fosse eles.

O sorriso que recebi em resposta valeu mais do que tudo e me fez esquecer a contenção que vinha fazendo, e a trouxe para os meus braços. Seu corpo, cheiro, tudo nela trazendo de volta o ar que eu precisava. Bem como a batida do meu coração.

— Eu estou grávida — sussurrou, meio trêmula, e eu ri baixinho.

— Eu sei. A barriga te denunciou no momento em que passou pela porta.

— Não seja idiota.

Max tentou me empurrar, só que não permiti que fosse muito longe e, segurando seu rosto, lhe fiz uma promessa.

— Nunca vou me afastar. Sempre estarei com você, querendo ou não. Sei que te machuquei e, mesmo que eu tenha que passar o resto da vida tentando consertar as coisas, estamos nisso juntos. Somos uma família.

— Por causa do bebê?

— Não só por causa dele. Até porque nem sabia que estava grávida e estava determinado a cumprir tudo o que te disse. Mas por sua causa, porque eu te amo. Sempre amei.

As órbitas azuis se encheram de lágrimas, o olhar suavizando e o corpo parecendo relaxar. Sem desviar os olhos dos meus, com a expressão igualmente vulnerável e forte, foi sua vez de professar seu amor.

— Eu também te amo, Nikos.

Esmagando os lábios nos dela, gananciosos, famintos, nossas línguas se chocaram e minhas mãos em seus cabelos a puxaram para mim. E eu soube que naquele momento estava de volta em casa.

Ela era minha casa.

Sim, enquanto eu existisse, viveria para amá-los!

As saudades eram grandes, bem como a necessidade insana do devorar das línguas, a fome que não mudou, apenas aumentou com a distância. Agarrei-me a ela, querendo mais, e no instante que as coisas estavam fugindo do controle, ela se afastou. A respiração instável, trêmula, nossos olhos sem se desgrudarem, bem como nossos corpos.

— Me desculpe por não ter tido fé em você — murmurou, quando enfim conseguiu voltar a respirar novamente.

— Eu que tenho que pedir desculpas, tantas. Deveria ter sido sincero desde o princípio. Você não merecia ter sido mantido às escuras. Muito menos se sujeitar a dividir o mesmo ar que aqueles crápulas nojentos!

Meu maxilar enrijeceu, ao passo que ela mordida o lábio inferior, antes de assentir e me beijar levemente.

— Me perdoa, minha deusa.

Minha voz saiu baixa contra seu ouvido, enquanto eu respirava o doce perfume que perdi a cada minuto de cada hora de cada maldito dia desde que ela se foi.

— Sim, eu já te perdoei. Quero começar de novo, sem mentiras. Sem segredos. Nada.

— É o que desejei desde o princípio. Sempre foi real para mim, nunca por causa de uma maldita cláusula contratual. Apenas nós dois. Agora três.

Ela merecia um relacionamento verdadeiro. Uma proposta real com um verdadeiro “sim” e não por qualquer outro motivo escuso, e eu lhe provaria isso naquele exato instante. Firmando-a no chão, tirei a caixinha da *Amethystós* — a joalheria de Rafael — que carreguei por todo canto desde que começamos a namorar, e me abaixei diante dela.

De joelhos, derramei meu coração.

— Max Black, por mais que eu tenha planejado fazer isso tantas vezes, nunca consegui encontrar palavras para fazer esse pedido, porque nada me pareceu bom o suficiente. Então não tenho frases prontas ou gestos ensaiados, sou apenas eu me entregando a você. Desde o momento em que nos conhecemos, eu sabia. Sabia que era você. E quanto mais tempo passava ao seu lado, mais certeza eu tinha em meu coração. Não quero que seja apenas minha namorada ou mãe do meu filho. Quero que seja minha mulher. Minha parceira. Para sempre. Case-se comigo, meu amor. Vamos apenas tornar oficial o que em meu coração sempre foi verdade.

Com a mão na boca e as lágrimas caindo sem cessar, ela sorriu, assentindo várias vezes até finalmente conseguir proferir as palavras.

— Eu te amo, Nikolaos Galanis. É claro que eu aceito, meu deus grego. Como poderia dizer não, se no meu coração também sempre fui sua?

Deslizei o anel no seu dedo, antes de ela jogar os braços em volta dos meus ombros e me beijar. Na verdade, essa não era uma palavra forte o suficiente. Ela me reclamou, e deixei, porque pertencia a ela mesmo.

O corpo gostoso pressionando contra o meu e o pensamento de Max usando meu sobrenome me fez querer ainda mais.

Bem ali.

Naquele exato instante, porque não podia mais esperar, ainda que tivéssemos a vida toda pela frente.

EP Í LOGO



Grécia, dia do Casamento...

— Você está linda, filha — Rachel sussurrou, olhando com amor minha imagem vestida de noiva refletida no espelho de corpo inteiro.

Era o dia do meu casamento. Nikolaos e eu nos tornaríamos marido e mulher diante de todos. A ilha de Gaia fora escolhida para celebrar o nosso dia, e eu não podia estar mais feliz por poder fazermos aquilo de modo íntimo, rodeados apenas da família.

Embora fôssemos receber a bênção do sacerdote, um juiz de paz conduziria a cerimônia, já que eu não seguia a religião de Nikolaos. Ainda assim

seguiríamos todos os ritos da igreja, com direito a coroação dos noivos e tudo o mais, como mandava o casamento ortodoxo. E, claro, os casamentos gregos eram celebrados em um domingo para dar boa sorte, então ali estávamos, em um lindo domingo ensolarado.

— Tem certeza de que está bem? Não sente nada? — A preocupação coloria seu tom.

— Juro, estou bem. As meninas estão quietinhas.

Sorri, ao mesmo tempo que acariciava minha barriga avantajada. Estava com oito meses, mas por conta da gravidez gemelar, a qualquer hora elas poderiam vir. Tentei fazer com que Nikos esperasse até que elas nascessem, mas ele estava irredutível, dizendo que suas herdeiras viriam ao mundo com os pais casados.

Eu reclamaria do pensamento sexista, se não quisesse aquilo tanto quanto ele.

Por isso minha sogra e eu, bem como as Galanis do sexo feminino, meio que corremos contra o tempo para tentar fazer a celebração dar certo. Organizar um casamento grávida, trabalhando sem parar e ao mesmo tempo participando do desmantelamento público dos Parvel foi no mínimo difícil.

Por conta do empenho de Nikos, os processos, — sim, no plural! — seriam rapidamente julgados e eles pagariam por tudo que fizeram. Cameron foi preso,

porque encontraram em seu poder dezenas de provas e vídeos gravados de suas vítimas. Até mesmo congelar suas contas conseguimos, e os Parvel estavam basicamente na miséria, como Nikos planejou deixá-los.

O que era pouco. Eu não conseguia sentir pena alguma.

Os advogados também conseguiram quebrar meu acordo de não divulgação e eu era mais uma vítima que entrara na justiça determinada a fazê-los pagar. Pensei muito antes de abrir a verdade ao público, mas me manter calada não ajudaria em nada, e se eu pudesse garantir que a palavra daquelas mulheres fosse ouvida, eu o faria. Por isso estava junto a elas naquela luta, mesmo que não pretendesse usar um centavo do que pudesse a vir receber.

Mas enfim vencemos todos os obstáculos, outros ainda viriam e estávamos ali naquele momento. Naquele que seria o dia mais feliz da minha vida.

— Obrigada por estar comigo hoje — sussurrei, sentindo-me emocionada, e Rachel sorriu ainda mais.

— Onde mais poderia estar? Obrigada por me permitir estar com você, apesar de tudo.

Logo me vi abraçando minha mãe biológica e respirei fundo, sentindo-me mesmo grata por ter a oportunidade de tê-la comigo. Ela não saiu do meu lado desde que descobri sobre ser sua filha biológica e parecia ser outra mulher desde então. Uma da qual eu vinha tendo muito orgulho.

Claro, eu sabia que o caminho para o perdão ainda seria árduo, mas estávamos trabalhando naquilo. Ainda não conseguia me referir a ela como mãe, talvez demorasse a fazê-lo. E ela parecia entender, cada coisa no seu tempo.

— Acho melhor irmos. — Ela se afastou para falar com um sorriso, enxugando rapidamente as lágrimas do rosto bem maquiado. — Soube que o noivo está meio impaciente, ameaçando romper pela porta e levá-la carregada, se demorar mais.

Ri alto, embora soubesse que era a mais pura verdade. Nikolaos parecia mais ansioso do que eu e não escondia o fato de ninguém. O que só foi confirmado ainda mais quando a marcha nupcial começou a tocar e, ao invés de me esperar no altar, ele fora me buscar no meio do caminho, no corredor.

Eu estava pronta brigar com ele pela quebra do protocolo, mas quando ele abriu a boca para justificar, acabou comigo.

— Faremos isso juntos. Porque sempre será assim, você e eu. Juntos.



Depois da quebra dos pratos, parte da prática grega para afastar os maus espíritos e abençoar a vida de casal e simbolizar também a sorte vindoura,

fizemos a tradicional dança do lenço, em que cada um de nós agarrou em uma ponta do tecido e dançamos juntos, mas então partimos para a clássica dança dos noivos. Só que, dessa vez, uma coisa mais americana mesmo.

E em meio à risada que dei ao escutar uma sacanagem dita pelo meu marido no ouvido, senti uma dor dilacerante que parecia ser capaz de me rasgar ao meio. Quando Nikos olhou para mim, suando, gemendo, sabia que nossas filhas estavam chegando e foi rápido em me pegar no colo e começar a agir.

Depois de uma confusão de Galanis, voamos de helicóptero para Mykonos e não muito tempo depois de chegarmos no hospital, Atena e Hera vieram ao mundo. Nossas pequenas deusas gregas, que poderiam ter acabado com a festa e atrasado nossa lua de mel, mas chegaram para coroar nossa felicidade e fazer o nosso mundo mais completo.



Grécia, 3 anos depois...

— Elas são lindas, não são? — A voz da minha esposa era um sussurro apaixonado, enquanto olhava para nossas filhas, brincando com os primos ao redor da casa de *Yayá*, em seu nonagésimo aniversário.

Embora já tivesse passado por tanto, incluindo a perda do marido e um filho, Ophelia Galanis ainda era aquele fenômeno da natureza em forma de mulher. Claro, minha avó, infelizmente, não era mais tão forte por conta da idade, ainda assim bastante ativa, sábia e lúcida como sempre fora.

Como de costume, estávamos todos reunidos na casa dela para celebrar mais um ano da sua preciosa vida. Esse, em especial, com a presença dos bisnetos que ela tanto amava e gostava de paparicar. A velha não podia estar mais feliz.

Até mesmo Rachel estava ali, já que parecia ser outra.

Minha vó costumava dizer que a maioria das mulheres só aprendiam a ser mães quando se tornavam avós. Talvez fosse o caso de Rachel, que era para as netas o que nunca fora antes para a filha: amorosa e dedicada. Ela vinha se cuidando desde que Max soube a verdade, não saíra da linha uma só vez e morava no antigo apartamento de Max desde que saíra da fazenda.

Tinha começado a trabalhar como secretária em uma escola e não aceitava nenhuma ajuda financeira nossa, até mesmo frequentava uma terapia de grupo com pessoas com os mesmos problemas de dependência de droga e álcool que ela. Mesmo que morássemos mais afastados de Los Angeles, já que nos mudamos para uma casa maior, em seu tempo vago fazia questão de estar presente. Até mesmo para supervisionar as babás e nos deixar mais tranquilos quando saíamos. Ou dormia na nossa casa, quando preciso.

Claro, mãe e filha ainda tinham seus problemas para resolverem, mas vinham mantendo um relacionamento saudável. O que só as tornava cada dia mais próximas.

Com um sorriso nos lábios, vi as gêmeas correrem de um lado para o outro com seus vestidinhos idênticos, felizes, como todas as crianças deveriam ser, antes de voltar minha atenção ao amor da minha vida.

— Puxaram a mãe! — Beije leveemente seus lábios, continuando a embalar minha esposa em uma dança romântica no meio da pista, onde havia outros casais se curtindo também. Incluindo Rafe, Orion e suas respectivas senhoras.

— Não, não puxaram. Elas são a sua cópia e você está apenas me provocando por ter um esperma superpotente.

Eu ri, porque Max tinha razão, e eu era um bastardo arrogante por não esconder o orgulho do fato. Atena e Hera eram mesmo duas miniaturas minhas. Não tinham absolutamente nada da mãe. Eram Galanis em todo o sentido da palavra.

— Culpado. Pode me condenar por isso?

— Talvez devesse. Infelizmente sou uma espécie de portadora, já que embora participe *ativamente* do processo de reprodução, aparentemente nossos filhos resolvem se parecer apenas com o pai.

Ri com vontade, ainda mais orgulhoso. Max estava falando aquilo com um bico lindo, porque, a última ultrassom que fizemos, na semana anterior, fomos mostrar para minha mãe, como fazíamos a cada vez, e ela ficou chocada quando olhou a imagem. Só depois foi até suas caixas de recordações e, após procurar por um tempo, nos mostrou o exame que fizera quando estava grávida de mim e vimos que até mesmo na ultrassom nosso filho já era a minha cara.

— Amor, tenho certeza absoluta de que não houve nenhuma reclamação da sua parte de participar mais do que *ativamente* do processo.

Diante do tom sussurrado, as bochechas da minha esposa ficaram vermelhas. Conforme o tempo passava, ela parecia ainda mais perfeita para mim. Naquela noite, ela usava um vestido floral longo, que marcava suas curvas lindamente inchadas enquanto ela se aproximava do final de seu último trimestre da gravidez.

— Reclamação nenhuma. Apenas externando a injustiça.

— Injustiça você vai ver mais tarde, quando eu estiver enterrado profundamente na sua boceta e não permitir que pense em nada além do meu pau. Ou goze, só por causa da sua impertinência.

— Deus, você é tão convencido, marido.

— Já não deixamos claro que sou apenas realista? — Ela revirou os olhos e aproveitei para completar: — As meninas estão ocupadas, o que acha de uma escapadinha para eu te mostrar um pouco o quão impiedoso posso ser?

— Bem, já que você pediu tão gentilmente... Além do mais, estou sentindo o quão duro está. Pelo visto, todo o sangue em seu corpo está indo direto para o seu pau. Você pode ficar tonto e como uma excelente esposa não posso permitir que passe mal. — Ela riu de sua própria piada, enquanto eu começava a arrastá-la dali, tentando segurar o rosnado que ameaçou me escapar.

Só que nem mesmo dei mais do que três passos, antes de Max parar de rir e paralisar.

— Amor, o que foi? — Virei-me para perguntar, começando a ficar preocupado, e ela gemeu, inclinando-se um pouco para baixo. Respirando fortemente com a mão na cintura.

— Uh... Amor... Er... Acho que o passeio que prometeu vai ter que esperar um pouco. Talvez uns meses.

— Por quê?

—É... uma coisa engraçada, mas minha bolsa acaba de estourar — ela disse calmamente, com um sorriso nervoso em seu belo rosto, o suor já começando a escorrer de sua testa.

— O quê? — murmurei mais alto do que pretendia, chamando a atenção de algumas pessoas.

— Por favor, não faça uma cena — sussurrou e a ignorei, antes de carregá-la em meus braços.

— O que houve? — Meu pai se aproximou, parecendo preocupado — A bolsa de Max estourou.

— É, pelo visto seus filhos gostam de fazer uma entrada triunfal. Obrigada pelo belo presente de aniversário, meu querido — *Yayá*, disse sem conseguir

deixar de sorrir.



Odin Galanis nasceu menos de duas horas depois. Com 53 cm e 4kg, reclamando a plenos pulmões, e novamente tive meu coração roubado.

— Ele é definitivamente seu filho. — Seus olhos cansados encontraram os meus, enquanto eu assistia, maravilhado, ao primeiro contato de amamentação do meu bezerro.

Até me tornar pai, não entendia exatamente o poder que aqueles serezinhos tinham e o quanto éramos capazes de amá-los. A magnitude do amor que sentia por eles era mais avassaladora do que um maremoto. Tudo com eles assumiu um novo significado. E meu amor por Max também só fez aumentar.

— A cara e a sugada não negam.

Max riu alto e foi um maldito alívio vê-la relaxada e feliz daquele jeito, porque os últimos minutos antes da chegada do nosso menino foram uma espécie de tortura para mim. Eu não sei como ela fazia aquilo. Ela era basicamente a *Mulher Maravilha*.

E, depois de duas gravidezes, vômitos, oscilações de humor e dos partos, eu não tinha dúvidas de que o que sentia por aquela mulher era amor, porra. Eu estava empenhado em passar o resto da minha vida amando-a do jeito que ela merecia, implacavelmente, como se não houvesse amanhã.

Minha família, planejada ou não, era tudo para mim. E não tinha dinheiro no mundo que pagasse por tanto.

Fim

LEIA TAMBÉM

O bebê
SECRETO *do*
BILI  **NÁRIO**
Grego

EVELYN SANTANA

PRÓLOGO

Eu estava grávida.

Era isso que significavam os dois risquinhos azuis que surgiram no teste de farmácia. Depois de fazer cinco deles, de marcas diferentes, eu já havia me tornado *expert* no assunto.

O resultado positivo do primeiro teste me fez comprar outro. E então mais outro. E mais outro...

Cinco dias, cinco testes e, agora, eu estava prestes a ter minha quinta noite insone consecutiva.

Grávida e apavorada, era como eu estava, o que não devia ser uma boa combinação para o bebê.

O bebê.

Pensar assim me assustou, minha cabeça fazendo o paralelo entre estar grávida e ter um bebê no meu colo, com bracinhos, perninhas, uma boca para alimentar e um par de olhinhos brilhantes me encarando.

Olhos azuis e expressivos, talvez? Como os do pai dele?

Santo Deus! Como eu contaria sobre o bebê para Rafael? E mais importante do que isso: qual seria sua reação?

Nós não tínhamos um relacionamento, nossos encontros aconteciam sempre às escondidas, porque era impossível explicar à sua família como o interesse de seu filho pródigo poderia recair justo em mim, que não passava da atendente do café favorito de Rafael Galanis, o solteiro mais desejado não apenas do ano, como da *década*!

As batidas potentes na porta do banheiro, onde eu me refugiei, me sobressaltaram, arrancando um arfado do fundo da minha garganta.

— Helena, você não é a única que precisa esvaziar a bexiga antes de ir dormir! — minha mãe berrou do outro lado da porta, e apertei os olhos com força em puro desgosto.

Eu precisaria contar para ela sobre a gravidez, e minha única certeza era a de que sua reação não seria nada bonita.

— Já estou saindo — respondi, apenas alto o suficiente para que ela pudesse me escutar do lado de fora, algo que não era difícil. Com aquelas paredes finas, ela poderia ouvir até mesmo meus batimentos cardíacos, se prestasse atenção o suficiente.

Envolvi o teste usado num pedaço de papel higiênico, me lembrando das cenas de livros e filmes onde a protagonista embalava um deles e fazia uma surpresa bonita para seu par romântico. Talvez isso funcionasse em algum universo paralelo, porque, na minha realidade, precisei descartar o bastão, lavar as mãos com o sabonete de erva-doce que eu costumava amar, mas que agora me dava náuseas, e então encarar minha mãe como se minha vida não tivesse acabado de mudar para sempre.

— Alugue seu próprio apartamento, se quiser passar horas trancada no banheiro sem ser incomodada — ela murmurou de forma mal-humorada assim que abri a porta e passei por ela.

Se ela já estava achando o espaço pequeno para duas pessoas, o que diria quando soubesse que havia mais um morador a caminho?

AGRADECIMENTOS

Uma das melhores coisas que a literatura me presenteou, foram pessoas especiais que encontrei ao longo do caminho e a Evelyn e a Evy são um grande exemplo.

Amigas há uns bons anos, sempre estamos juntas nas Bienais da vida e se você já nos encontrou alguma vez, com certeza nos viu grudadas em algum momento. Até mesmo tirando sarro, nos gongando. rs Juntas, dividimos apartamento, cama, roupas, sapatos, makes, risadas, sonhos e até opiniões.

E foi justamente por conta da nossa aproximação e cumplicidade tão singular, que passamos a nos considerar irmãs. Sempre damos um jeito de ficar conectadas, mesmo que estejamos uma em cada canto do país e com seus próprios dramas pessoais. Juntas, desabafamos, rimos, nos colocamos para cima e nos fazemos mais fortes.

Por conta da intimidade, também vivemos nos metendo nos livrinhos uma da outra, seja para betar, fazer uma capa, revisão, ou mesmo sugerindo mudar algo e dar pitaco na história, o que nos deixa de alguma forma envolvidas nos trabalhos de cada uma, mesmo sem planejar.

Então na última Bienal resolvemos levar para o papel (e a tela) e tornar essa parceria tão especial mais do que oficial. Uma parceria que surgiu em meio a uma conversa a base de álcool, dancinhas, cantorias e grandes planos, delírios e muitas gargalhadas.

Juntas decidimos fazer algo só nosso, onde os mocinhos farão você se deliciar e as mocinhas te inspirar.

IMPÉRIO GALANIS, é um projeto em parceria entre nós 3. Como falei antes, a ideia surgiu com o propósito de lançarmos um romance clichê inédito, inspirado nos romances de banca que tanto amamos. E eu não podia estar mais feliz pelo resultado. 🍀

Obrigada, migas. Por embarcarem nessa aventura comigo. Já estou pronta e ansiosa para a próxima...

Nunca posso deixar de agradecer também a minha família, meus pais, meu marido e filhos. Obrigada por estarem comigo a cada passo, por entenderem a ausência e apoiar-me sempre. Amo mais que tudo. Tudo por vocês! <3

Minhas princesas lindas e eternas em meu coração, leitoras maravilhosos, por cada palavra linda e amiga, obrigada por cada livro, cada e-book comprado, mas principalmente por me permitirem viver esse sonho de escrever para vocês. S2

E quero agradecer também a você, que me deu a oportunidade de contar mais uma história, que me acompanha a cada loucura, que me permite continuar a sonhar... Obrigada!

Beijos,

Middian Meireles♥

AUTORA DE ROMANCES

SOBRE A AUTORA



MÍDDIAN MEIRELES

Com milhões de leituras em suas obras nas plataformas digitais, a baiana Míddian Meireles, passou dos 30 e já soma mais de 20 livros autopublicados, tendo todos os títulos figurados nos primeiros lugares entre os mais vendidos, segundo o ranking da Amazon e Revista Veja.

É esposa, mãe e também filha única nada mimada, daquela que sempre trocou o quarto de brinquedos por uma caneta, uma vez que a sua paixão sempre foi escrever e desde cedo decidiu usar a criatividade para inventar as próprias histórias. Já começou a faculdade de Direito,

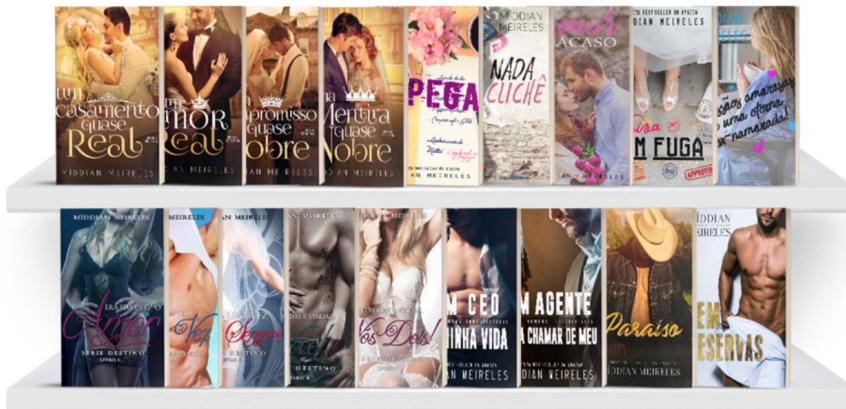
Arquitetura, Designe de Interiores, Administração, Enfermagem e até Letras, mas se encontrou mesmo no mundo da literatura, onde redescobre-se a cada dia através das palavras e personagens.

Também é viciada em maquiagem e sapatos, leitora compulsiva assumida e sucesso garantido entre os leitores de romances contemporâneos, que vão dos chick lits, passando pelo erótico e até mesmo divertidas comédias românticas.

Contato: contato@mimeireles.com

[Grupo Face](#) | [Página Face](#) | [Site](#) | [Wattpad](#) | [Instagram](#)

OUTRAS OBRAS



Visite minha página de Autora na Amazon e tenha acesso a todos os meus e-books disponíveis na plataforma.

Clique [AQUI!](#)

RECADINHO

Conheça meus outros livros clicando [aqui](#).

Gostou? Deixe seu feedback, faça sua avaliação, ela é muito importante para nós...

Entre em contato comigo pelo [Instagram](#), vou adorar conversar com você! <3

REFERÊNCIAS

[i] Um transtorno obsessivo-compulsivo que se manifesta por meio de demandas autoimpostas, uma incapacidade de regular hábitos de trabalho e uma excessiva indulgência no trabalho com exclusão da maioria das outras atividades da vida. A compulsão por trabalho é uma forma de escapar de problemas emocionais não resolvidos e o alívio que proporciona tem uma qualidade viciante.

[ii] Algumas ilhas gregas, seus nativos chamam pai de *baba*.

[iii] Darth Vader é um personagem fictício da saga de ficção científica Star Wars, um dos protagonistas centrais, que posteriormente torna-se o antagonista.

[iv] Princesa Leia Organa ou General Leia Organa é uma personagem fictícia da série de filmes Star Wars que foi interpretada por Carrie Fisher nos filmes Star Wars e fazia sucesso com os amantes do sexo masculino na franquia.

[v] A Plataforma 9¾ é uma plataforma fictícia do mundo mágico de Harry Potter, onde nos livros fica localizada na Estação King's Cross em Londres. Magicamente escondida atrás da barreira entre as plataformas trouxas Nove e Dez, é uma espécie de Portal oculto, onde os alunos da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts embarcam no Expresso de Hogwarts no 1º dia de volta às aulas para chegarem na escola. Para se chegar na Plataforma 9¾, deve se andar diretamente à barreira que divide as plataformas 9 e 10.

[vi] Na arquitetura, um pórtico é o local coberto à entrada de um edifício, de um templo ou de um palácio.

[vii] É um gênero de programa de televisão baseado na vida real. Podemos então falar de *reality show* sempre que os acontecimentos nele retratados sejam fruto da realidade e os visados da história sejam pessoas reais e não personagens de um enredo ficcional.

[viii]. A escala que mede a intensidade dos tornados, chega de F0 ao F5, medidos pela quantidade de estrago que eles causam, e não pelo seu tamanho físico, já que o tamanho não é necessariamente uma indicação de sua ferocidade. Tornados grandes podem ser fracos, e tornados pequenos podem ser violentos. Apesar da escala ir até o F5, onde as Velocidades de vento chegam entre 419 e 512 km/h, após o Tornado de Oklahoma em 1999, onde a velocidade máxima dos ventos possivelmente excedeu o limite de 500 km/h, chegando bem perto dos 533 km/h, houve várias especulações de que a escala definiria uma nova categoria F6, que antes somente era considerada em simulações (chamado de Tornado Inconcebível).

[ix] Forma de descrever uma pessoa que obtém prazer ao observar atos sexuais ou práticas íntimas de outras pessoas.

[x] Forma de caracterizar uma personalidade com opinião muito elevada sobre si mesmo, necessidade de admiração.

[xi]. Gentleman é uma palavra que tem origem no idioma inglês, e pode ser traduzida como cavalheiro. Um gentleman é aquele tipo de homem bem-educado, cortês, que é culto, que sabe se portar da maneira mais adequada nas mais diversas ocasiões. É uma pessoa delicada e de fino trato, que tem por isso uma reputação positiva com uma conduta irrepreensível e exemplar.

[xii]. Aqui ele se refere a salada grega, com tomate, pepino, pimentão, cebola, azeitona, queijo feta (*fabricado com leite de cabra ou ovelha*), óregano e bastante azeite de oliva,

[xiii]. Receita tradicional com folhas de videira recheadas com uma mistura de cebolas, arroz e ervas. Em muitas versões se mistura carne moída na composição do recheio e pode ser servido como entrada ou como um meze, frio ou à temperatura ambiente.

[xiv]. Uma espécie de lasanha, feita com berinjela grelhada no azeite, cebolas, ervas, pimenta, molho de tomate caseiro, carne de carneiro moída e molho branco gratinado com queijo. É feita no forno, servida quente e é muitíssimo saborosa.

[xv] Um dos pratos mais clássicos e queridos da dieta mediterrânea, o prato nada mais é do que vegetais recheados, podem ser pimentões, abobrinhas, tomate ou até mesmo berinjela. Recheados com arroz (o pilafi), carne moída e muitos temperos perfeitamente combinados com queijo feta, pão e azeite.

[xvi] Raki é um licor fabricado com uvas, com teor alcoólico de aproximadamente 40% ou até mais, sendo uma das bebidas mais fortes do mundo. Após as refeições, costumam servi-lo em uma pequena garrafa, acompanhado com frutas ou doces, sendo uma forma de desejar boas-vindas.

[xvii]. Sobremesa que consiste em embrulhar a massa em uma folha e como resultado ela é feita com muitas camadas de noz ralada e mel.

[xviii]. Groupie é um termo em inglês utilizado para caracterizar jovens mulheres que admiram um cantor, de música pop ou rock, seguindo-o em suas viagens, em busca de um envolvimento emocional ou sexual com o seu ídolo.

[xix]. Modus operandi é uma expressão em latim que significa "modo de operação". Utilizada para designar uma maneira de agir, operar ou executar uma atividade seguindo geralmente os mesmos procedimentos.

[xx] Bel Air é um bairro nobre residencial da zona oeste de Los Angeles, Califórnia, no sopé das montanhas de Santa Monica. Trata-se de uma das áreas mais ricas do mundo, com uma das maiores concentrações de bilionários e moradia de inúmeros famosos.

[xxi] Também conhecido como NDA. Um contrato NDA, "Non Disclosure Agreement", é um acordo em que as partes que o assinam concordam em manter determinadas informações confidenciais, que tem como principal objetivo evitar que algum dos envolvidos ou mesmo terceiros tenham acesso a essas informações e as utilizem de maneira que venha prejudicar a sua empresa.

[xxii] Traduzido do inglês, scrapbook é livro de recortes. Trata-se do conjunto de técnicas para personalizar álbuns, cadernos, livros, diários, agendas, álbuns de fotografia entre outros materiais que permitam colagens na capa ou no interior formando um livro artesanal de lembranças. Tudo pode ser colado em um scrapbook, a exemplo de fotos, convites, papéis de bala, cartas, embalagens de produtos, recortes de jornais e revistas, poemas e o que mais a imaginação permitir. Os fins também são os mais diversos, sendo os mais comuns álbuns, molduras, diários, anotações do cotidiano e peças em papel, tudo isso para eternizar as lembranças. Para muitas pessoas é um hobby e uma forma de aliviar o estresse e ter uma renda extra.

[xxiii] No grego antigo, "Yaya" significava literalmente "mulher". Hoje, as avós gregas são chamadas de "Yaya", provavelmente porque alcançaram a feminilidade.

[xxiv] O mar Egeu banha faz parte do mar Mediterrâneo. Está localizado entre o continente europeu e o asiático. O mar Egeu banha, a oeste, o litoral da Grécia, e ao leste, banha o litoral da Turquia. A leste, o Egeu possui uma ligação com o mar Negro, que ocorre através do mar de Mármara, onde estão localizados os estreitos de Dardanelos e Bósforo.

[xxv] Sobrenome Galanis tem significado ligado a uma característica física: "alguém que tem olhos azuis". Derivada da palavra galanos, que significa "azul".